

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**“As bênçãos e a prática de exorcismos na
primeira metade do século XX,
na paróquia de Cascalho”**

Márcio Luís Fernandes

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
da USP, como parte das exigências para a
obtenção do título de Mestre em Ciências,
Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO – SP
2001

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**“As bênçãos e a prática de exorcismos na
primeira metade do século XX,
na paróquia de Cascalho”**

Márcio Luís Fernandes

Marina Massimi

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
da USP, como parte das exigências para a
obtenção do título de Mestre em Ciências,
Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO – SP
2001

Fernandes, Márcio Luís

As bênçãos e a prática de exorcismos na primeira metade do século XX, na paróquia de Cascalho. Ribeirão Preto, 2001.

226p. : il. ; 29,7 cm

Dissertação, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP – Dep. de Psicologia e Educação.

Orientadora: Massimi, Marina

1. Memória e História. 2. Psicologia e Cultura. 3. Exorcismo



In memoriam
Ao tio Toninho
e ao meu pai, Dines,
que me carregaram

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus agradecimentos:

À Prof.a Dra. Marina Massimi, que em nosso primeiro encontro confundiu-me com um construtor, dizer que aí está uma parte da obra, tão bem conduzida por você, excelente mestra de obras.

À Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto no seu Departamento de Psicologia e Educação pela acolhida e pelos serviços prestados neste tempo. Ao Núcleo de Pesquisa Prof. Dr. Miguel Covian pelas belíssimas oportunidades de encontros. Ao Centro Universitário Claretiano de Batatais pelo apoio e incentivo nestes anos de pesquisa.

Ao Prof. Dr. Miguel Mahfoud a admiração pelo seu modo de olhar a realidade.

Aos meus entrevistados: Augusta T. Bertanha, Rosa T. Bertanha, Guilherme Spagnol, Fausto Stefanello, Aparecida Stefanello, João Tomazela (in memoriam), Idalina Killer de Nadai, Augusta Corte, Vitória Della Coletta Quintal, Paulo Bertanha, Emília Paiola Bertanha, Geraldo Picolini, José Nardini (in memoriam), Yolanda Nardini, Santa Zaia, Justina Maronezi Tomazela, Vilma Peramezza, Antônio Carivaldo Negrão, Antônio Maronezi (in memoriam), João Betanho, Maria de Lourdes Gomes, Luis Beraldo, Santo Della Coletta, Lourenço Batistella, e o Carvoeiro pelos testemunhos.

Ao Prof. Dr. Aníbal Fornari, mestre e amigo, pelas valiosas sugestões.

Ao padre Luis Claudemir Boteon, vigário paroquial de Cascalho, por compartilhar com entusiasmo de cada passo da pesquisa.

Aos padres Elias Leite, Fernando Caravaglia, Nilo Romano Corsi, Mario Zocchio Pasotto pela importante colaboração.

Ao Prof. Dr. Miguel Bairrão pelo entusiasmo com meu trabalho e por tratá-lo como a saga do Pe. Stefanello.

Ao amigo Diácono Cláudio Bastos e aos seminaristas claretianos de Batatais que com poesia e humor me ajudavam a descansar.

Ao Paulo Pacheco, amigo mineiro, pela ajuda nos detalhes finais.

À minha mãe que sempre dizia estar rezando pelo trabalho.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

RESUMO

INTRODUÇÃO

01

1. O bairro do Cascalho e sua população

04

2. O padre Luis Stefanello

09

3. Os Missionários Escalabrinianos

18

4. História do trabalho

21

5. Objetivo

24

6. Metodologia: da história à memória e da memória à filosofia

24

Capítulo I

CONHECENDO A COMUNIDADE DE CASCALHO

35

Capítulo II

O PADRE CHEIO DE PODER

52

Capítulo III

A LUTA COM O DEMÔNIO

73

Capítulo IV

O DIABO SE PROCLAMA...

106

Capítulo V

AS BÊNÇÃOS

123

Capítulo VI

O APRENDIZ

138

Capítulo VII

A HISTÓRIA E A MEMÓRIA

163

CONCLUSÃO

181

FONTES E REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

198

SUMMARY

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 (p. 35): Romaria da Comunidade de Cascalho e do Padre Luis a Aparecida do Norte.

Figura 02 (p. 52): Foto do Padre Luis Stefanello, nos 25 anos de sacerdócio.

Figura 03 (p. 73): Estação ferroviária de Cordeirópolis, embarque e desembarque, década de 30.

Figura 04 (p. 106): Foto do interior da Igreja de Cascalho

Figura 05 (p. 123): O Padre Luis Stefanello e o Padre Donizetti Tavares de Lima, em Tambaú/SP.

Figura 06 (p. 138): O Padre Luis Stefanello, em Águas de Santa Bárbara, com seus amigos.

Figura 07 (p. 163): A Banda de Cascalho.

Figura 08 (p. 181): A represa de Cascalho semi-seca.

RESUMO

O presente trabalho procura investigar os conhecimentos “psicológicos” elaborados por imigrantes italianos em uma ex-colônia situada em Cascalho, município de Cordeirópolis, estado de São Paulo, no período de 1911 a 1953 e como passam a fazer parte da cultura popular. A vida religiosa dessa colônia organizou-se em torno do padre Luis Stefanello (1878-1964), que foi o formador e orientador de várias gerações de fiéis. A pesquisa tem como objetivo revelar o que sobrevive da imagem do padre Stefanello na lembrança dos mais velhos da comunidade e examinar as relações entre história e memória do grupo. Nossa pesquisa baseia-se em dois grupos de fontes: 1) fontes documentárias escritas referentes à história do padre Stefanello e de sua comunidade paroquial; 2) fontes de tipo oral, a saber, entrevistas abertas com testemunhas que conviveram com o referido padre. Estes dois grupos de materiais foram analisados em conjunto, observando a convergência dos indícios, permitindo assim uma narrativa sobre a vida do padre Stefanello e sua comunidade. A leitura fenomenológica dos relatos, a partir da abordagem filosófica de Paul Ricoeur e do historiador das religiões Gerardus van der Leeuw, nos fez valorizar a experiência pessoal e coletiva e as dimensões da experiência religiosa da comunidade. Conclui-se que a experiência do relacionamento entre o padre e a comunidade foi geradora de um elo que perdura até o presente. Os fenômenos da bênção e dos exorcismos são apenas um componente significativo deste diálogo da comunidade com a figura do padre o qual constituiu-se num ponto de referência muito significativo para a formação e a estruturação daquela mesma comunidade.

SUMMARY

This paper aims to investigate the “psychological” knowledge developed by Italian immigrants in a former colony located in Cascalho, a district of Cordeirópolis, in São Paulo, between 1911 and 1953 and the way it has become part of the mass culture. This colony religious life was established by Father Luis Stefanello (1878 - 1964), who was the leader for several generations of followers. The research aims to reveal what is left of Father Stefanello’s image in the old people’s mind who are still living in the community and to examine the relationship between history and these people’s memory. Our research is based on two source groups: 1) written document sources related to Father Stefanello’s history and his parish; 2) oral sources, such as interviews with witnesses who lived with this priest. These two groups of sources were analyzed together, by observing the convergence of evidences thus allowing a narrative about Father Stefanello’s life and his community. The phenomenological reading of the reports in the philosophical approach of Paul Ricoeur and of the religious historian Gerardus van der Leeuw made us value the personal and collective experience and the dimensions of the community religious experience. We conclude that the experience resulting from the relationship between the priest and the community generated a link that lasts up to now. The blessing and exorcism phenomena are only an outstanding part of this community interaction with the priest

which is an important reference point for the formation and structure of that community itself.

INTRODUÇÃO

"Você quer um caso que eu assisti? A Maria ficou doente por uns três ou quatro meses. Enferma mesmo. Mas o médico não achava o que ela tinha: um falava que era o coração e outro falava que não era, e ela sofria. Então, de noite... até eu passei umas par de noite de pé com ela, mas dava medo de ficar de pé com ela, viu? Ela sentava na cama assim e pegava a roupa assim, mas rasgava tudo em pedaço. Depois, ela falava pra mim: '- Se você soubesse como o Antônio me judia, mas como ele me judia, não posso mais ver aquele homem'. E sempre assim com essa vida, né? Doente e sempre contando mal da família. Depois, foi indo, foi indo até que as última noite disse que precisava ver. Aí, começou ele a xingar a velha e ela xingava ele. Os filhos até choravam de ver uma coisa dessas. Aí, então, chamaram o Pe. Luis, e daí o Pe. Luis foi lá. Ele deu a bênção. Primeiro livrou o Antônio, livrou o espírito que tinha o Antônio. E aí, ele livrou ela (silêncio), e daí que ela morreu. Senão não morria até que o padre não livrava. O padre falou que se ele não livrava ela assim, ela não morria. E aí, depois, o padre falou pro marido dela: '- Você venha todo dia na missa e comungar pra você ficar livre disso aí'. E aí, ele ia todo dia, eu morava aí, na casa da Tereza, e passava esse homem todo dia: ia na missa e comungar. Eu vi muitas coisas aqui em Cascalho" (Dona Augusta Corte).

O relato de Dona Augusta - moradora do bairro do Cascalho, no município de Cordeirópolis, Estado de São Paulo - introduz o nosso trabalho. Com efeito, o que vamos tratar aqui está profundamente ligado a esse tipo de relato. Mas quem é esse

sacerdote que dá uma bênção e livra as pessoas de espíritos que as acompanhavam? Que povo é esse que vive um relacionamento tão estreito com o padre?

O que moveu meu interesse nessa pesquisa foi justamente pertencer a este lugar e, desde cedo, na infância, entrar em contato com histórias desse tipo. Nós sempre ficávamos esperando que os mais velhos nos contassem o que de fato acontecia ali. A figura do padre Stefanello foi sempre presente, ele era chamado como o “padre de Cascalho”. Quando se fala “o padre de Cascalho” o povo logo se lembra de Stefanello. Ninguém foi tão importante para a história do lugar como esse sacerdote.

Falei que “nós” escutávamos histórias. E cada um tinha uma diferente. E não eram só os mais velhos, era algo que pertencia também a outras gerações, que receberam os mesmos fatos por tradição. O padre Luis foi se transformando numa figura fascinante. Esse fascínio provocava uma curiosidade por aquilo que poderia estar ainda escondido ali. Para nós, que éramos meninos, a casa paroquial de Cascalho, onde viveu o padre Stefanello, tinha um certo ar de casa assombrada. Imaginem: ali viveu um exorcista, alguém que lutava com os demônios e os espíritos. Tinha algo ainda não revelado, que precisava ser relatado, que precisava de um narrador. Havia toda uma vida em busca de uma narração. O que estava oculto, o que estava por trás das histórias, é que era importante.

Chega a ser imprescindível, portanto, poder descortinar para a comunidade a figura do padre Luis, uma vez que foi ele quem imprimiu uma identidade ao lugar para o qual vieram os imigrantes italianos. Além disso, a narração é a possibilidade da comunidade poder se compreender e resgatar a própria história familiar. Enquanto nesta pesquisa realizávamos as entrevistas, um fato era muito evidente: cada vez que as pessoas, os mais velhos se perguntavam sobre o padre Stefanello, o que vinha na

lembrança era de fato o relacionamento de Stefanello com aquela família em particular. Todas as histórias de famílias em Cascalho têm alguma coisa a ver com o padre. Em Cascalho, já por ocasião do centenário do bairro, foi possível um movimento de resgate da história: muitos dos mais velhos foram chamados para conversar e contar tudo o que passaram para ali se fixar.

Nossa intenção com este trabalho é estudar o relacionamento estabelecido entre o padre e a comunidade, já que esse é o fio que pode nos conduzir à produção da própria história local. Por outro lado, pessoalmente é a oportunidade de compreender o que estava por trás dos fragmentos daquelas histórias que apresentavam Stefanello como um exorcista, como um benzedor famoso que atraía uma multidão.

Quando esses relatos são valorizados na sua estrutura poético-simbólica, percebemos que eles se referem a questões fundamentais da existência humana. São relatos não de coisas insignificantes, mas de algo que permanece e que toca as estruturas profundas das pessoas e das famílias. Não se trata de observar os fenômenos ou os relatos só como aparecem para mim, mas de perceber uma outra etapa do processo metodológico que faz com que a minha inteligência esteja não só atenta ao que aparece, mas à forma como estou afetado e implicado naquele acontecimento. É como se o texto estivesse me dizendo: “- *olhe que isto aqui concerne a você, à sua vida, tem a ver com você*”. Neste momento se entra naquilo que Paul Ricoeur chama de “círculo hermenêutico”, que é a necessidade de compreender para crer, porém é necessário crer para compreender (CORONA, 1990). Para Ricoeur trata-se de um “círculo estimulante”, em espiral, pois é um adentrar-se na realidade. É preciso uma disposição de espera, de expectativa pelo sentido, ao colocarmo-nos diante de um relato. Sem isso, não é possível penetrar no

“sentido segundo” e mais profundo das expressões populares, porque, para Ricoeur, o intérprete nunca se aproxima totalmente do texto se ele não se coloca na expectativa do sentido interrogado. Todas as expressões simbólicas têm um “sentido primeiro”, que é entendido como veículo analógico, que revela o sentido segundo, que fala do Sagrado (CORONA, 1990, p. 23). A própria hermenêutica, como compreensão racional, é a que possibilita chegar a este “sentido segundo” que está por trás de qualquer obra humana.

Assim, por exemplo, todas as histórias que envolvem o padre Luis com pessoas que estariam tomadas pelo espírito do mal, e o modo como eram tratadas pelo padre, tornam-se uma ocasião de perceber uma “dimensão crítica da vida”, que diz de uma fraternidade que envolvia a todos e da solicitude de um para com o outro no compartilhar a doença e a dor. A “dimensão crítica da vida” que é possível captar nos relatos só é possível quando você entra com autoconsciência da estrutura simbólica do relato. Os símbolos nos fazem pensar. A crítica aparece quando estou disposto a dialogar com o trabalho, a perceber os significados disso para a vida.

Antes porém de nos determos na consideração de nosso objeto de estudo, vamos descrever brevemente a formação do bairro de Cascalho e tecer algumas considerações sobre a sua população.

1. O bairro do Cascalho e sua população

Foi a partir de uma antiga fazenda do Sr. José Ferraz de Campos, chamado Barão de Cascalho, que o governo do Estado de São Paulo criou o núcleo colonial de Cascalho. A fazenda foi dividida em lotes que foram doados aos imigrantes. Neste período estavam em voga duas correntes quanto ao papel do imigrante no Brasil: 1) os que defendiam a

utilização do imigrante como mão-de-obra exclusivamente para as fazendas de café e 2) os que achavam que ele deveria ser proprietário de um lote de terra, condição suficiente para que pudesse juntar algum dinheiro e voltar para sua terra natal. Em Cascalho, as escrituras foram passadas no ano de 1884 e, logo em seguida, começaram a chegar as primeiras expedições de imigrantes de diversas nacionalidades: alemães, suecos, franceses e dinamarqueses, que se instalaram, mas não se estabeleceram por não conseguirem se adaptar às condições de vida da colônia. Em seguida, vieram os imigrantes italianos que logo se fixaram (LIVRO DO TOMBO DA PARÓQUIA DE CASCALHO, p. 4).

Esses imigrantes, na sua maioria, provinha da região do Vêneto. Segundo a historiadora ALVIM (1985), a divisão das propriedades agrícolas nesta região obedecia ao seguinte critério: pequenas e médias propriedades, nas montanhas e grandes propriedades, nas planícies. A mão-de-obra era de dois tipos: os que trabalhavam por conta própria e os que trabalhavam como assalariados, junto aos grandes proprietários, além dos trabalhadores “braçais”, que eram ligados à propriedade mediante um contrato e os que só trabalhavam em momentos de grande necessidade, recebendo por cotas diárias. No caso de Cascalho, o que vemos, durante a sua história, é o trabalhador dono de um pedaço de terra ser arregimentado para ajudar na colheita de café em fazendas próximas, exatamente como se fazia na Itália no caso dos “braçais”, como frisa a autora.

O núcleo de Cascalho tornou-se, assim, uma típica colônia italiana. O serviço religioso de culto católico é regular, porque próximo à sede da fazenda havia uma pequena capela, onde os colonos se reuniam regularmente, trazendo sempre alguns capelães de fora para o atendimento. De alguma forma há a tentativa de reproduzir condições de vida similares às de sua terra natal, preservando os valores da vida familiar e religiosa (SOUZA, 2000).

Temos também o conhecimento do local a partir da descrição feita pelos sacerdotes que prestavam o serviço religioso na localidade. Assim é que o padre Pedro Dotto em 1º de março de 1904, num relatório enviado a Roma a seus superiores, descreve as características dessa localidade que começa a ser atendida pelos Missionários Escalabrinianos:

“Esta população não é grande, nem rica, mas de muito bom coração. Na maioria são italianos vênets. Há uma colônia portuguesa e alguns brasileiros. Já faz cerca de quatro anos que conheço este lugar, e no ano passado estive aqui provisoriamente como cura durante dois meses. Devendo agora ser removido o outro cura por razões particulares, a população fez todo o esforço junto ao padre Faustino por ter-me de novo, e assim foi. Disse-me o padre Faustino que havia tomado esta decisão a fim de subsidiar a Casa-Mãe de Placência” (ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO ESCALABRINIANA, doc. 403).

Já em 31 de julho de 1904 a colônia teve uma ocasião belíssima de celebração: a visita do próprio fundador do Instituto dos Missionários de São Carlos, o Monsenhor Scalabrini, bispo de Placência. Ele ficou muito impressionado com a vida da colônia e de como os seus patrícios estavam se adaptando ao Brasil. Antes de deixar Cascalho ele registrou palavras de estímulo e gratidão pela forma como foi acolhido:

“Accolto con segni di gioia vivissima dalla colonia Italiana di Cascalho, che ringrazio di nuovo e della quale non mi dimentichero mai, il giorno successivo celebri la Sta. Messa, implorando da Dio, larga copia di grazie supreme e bendizioni sopra tutte le famiglie:

Addio, fratelli arrivederci in Paradiso” (LIVRO DO TOMBO DA PARÓQUIA DE CASCALHO, p. 8).

Segundo as impressões registradas pelo Pe. Pedro Dotto sobre a visita de Scalabrini, em carta endereçada ao Pe. Antônio Demo, em 14 de setembro de 1904, podemos perceber o quanto se sentiu em casa, em Cascalho:

“No mês passado tive a preciosa visita de Dom Scalabrini, nosso superior geral e fundador, o qual ficou muito edificado pelo acolhimento, e concurso do povo, e despertou também muito entusiasmo por sua afabilidade e doçura. Pode-se dizer que aqui tenha tido a melhor impressão de todo o Estado de São Paulo, pois deve saber que no Brasil reina um forte jacobinismo, e portanto, há pouco interesse pelo estrangeiro. S. Excia também disse em público e em particular que parecia estar numa paróquia da Itália” (ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO ESCALABRINIANA, doc. 403).

É claro que a vida das famílias italianas nestes núcleos coloniais foi marcada por inúmeros sacrifícios. Muitos problemas se apresentavam, tais como: a inadaptação, os relacionamentos com os grandes proprietários de terra, as doenças tropicais e a pequena propriedade que muitas vezes era insuficiente para o sustento dos filhos e que se tornou um dos principais motivos da saída de pessoas de Cascalho para buscar outras oportunidades de trabalho nas fazendas, ou em cidades da região onde a industrialização tivesse começado.

A vida religiosa desta comunidade foi desde sempre muito cultivada. Com a vinda do padre Luis Stefanello para Cascalho, em 1911, e com a criação da paróquia, em 1914, o trabalho junto às famílias foi intensificado. Aconteceu que cada vez mais o próprio padre Stefanello foi se identificando com a população e esta com o sacerdote. No provimento da primeira visita pastoral feita em nome do Bispo diocesano de Campinas, temos a observação do Monsenhor Joaquim Mamede em que se faz um elogio ao espírito religioso que reina em Cascalho:

“Encontrei tudo em perfeita ordem, e não houve necessidade de nenhuma observação. Merece sinceros elogios o Revmo. Pároco que, com zelo verdadeiramente apostólico, dirigiu os destinos religiosos desta graciosa e cara paróquia. É digno de nota e muito confortante o espírito religioso que reina aqui, como também o atento cuidado dos paramentos, das imagens e de tudo o que é necessário para o culto divino. Está tudo em boas condições, abundante e conforme as prescrições litúrgicas, de tal forma que tornou-se uma paróquia modelo. Existe ali o Apostolado da Oração para homens e mulheres, bem organizado, assim como o catecismo e a associação de São José” (AZZI, 1988, pp. 108-109).

Todas estas considerações foram feitas para assinalar os traços gerais da população de Cascalho na sua formação, de forma a podermos passar a considerar aquilo que os mais velhos hoje chamam de “uma vida linda”. Ao voltar no tempo para contar o que se passou, é claro que eles não se esquecem das dificuldades e sacrifícios, mas conseguem detectar o laço de solidariedade que abraçava a todos. Neste sentido, a experiência religiosa que viveram é fundamental, e o formador dos

filhos destes imigrantes - que hoje nos contam com orgulho sua história - foi o padre Luis Stefanello.

2. O padre Luis Stefanello

Nasceu em Pionca, província de Pádua, aos 6 de outubro de 1878. É filho de Jeronymo Stefanello e de Bellina Benetolo Stefanello, família de modestos lavradores. Fez seus estudos com muita dificuldade, só podendo entrar no seminário com seus 23 anos. Nesse tempo, estudou junto com um padre as matérias necessárias para os estudos eclesiásticos.

A 29 de março de 1901, o jovem Stefanello foi aceito para ingressar no Colégio dos Missionários de São Carlos, em Piacenza, onde fez todos os seus estudos eclesiásticos. Terminou seus estudos em 1907 e aos 28 de julho desse mesmo ano recebeu, pela imposição das mãos do bispo Dom João Maria Pellizzari, a ordem sacerdotal. Partiu para o Brasil em novembro de 1907, começando seu trabalho em terras brasileiras, como capelão da Santa Casa, na cidade de Ribeirão Preto. Em primeiro de outubro de 1911, chegou a Cascalho a fim de assumir a capelania no lugar do padre Pedro Dotto que já estava cansado de ficar ali e começava a ter alguns problemas no relacionamento com a população (AZZI, 1988, p. 108).

Em Cascalho, o padre Stefanello permanece como pároco até o ano de 1953. Ali consegue com grande sacrifício construir uma Igreja com sua torre, casa e salão paroquial. Ao lado desses benefícios materiais, conseguiu também animar a vida espiritual e religiosa da paróquia. Em geral, nas visitas pastorais, os bispos deixavam registrados elogios à sua atuação como vigário, e ao trabalho de construção do templo:

“Acha-se a Igreja Matriz provida de tudo o que é necessário, em profusão, para o brilho das funções religiosas, tornando-se por isso uma paróquia modelar. Em tudo vê-se a manifestação bella de uma fé viva deste ottimo povo e o zelo ardente do Revmo. Vigario Pe. Luis Stefanello. Tivemos a grande consolação de ver inaugurada a nova Capella-Mór do magestoso templo, que será um brilhante attestado da fé viva que aqui existe, levantada com ingentes sacrificios e esforços do povo catholico e do benemérito apostolo que sabia e zelosamente dirige os destinos desta parochia” (LIVRO DO TOMBO DA PARÓQUIA DE CASCALHO, p. 22).

Para termos idéia de como essas atas da visita pastoral¹ dos bispos era importante reproduzimos aqui nesta introdução o provimento da visita Pastoral de Dom Francisco de Campos Barreto à Paróquia de Cascvalho. Nela encontramos as impressões a respeito da paróquia, do povo e de seu pároco:

“Fazemos saber que havendo resolvido pessoalmente visitar a parochia de N. Sra. d'Assumpção de Cascvalho, aos dezoito de Março de mil novecentos e trinta e tres, acompanhado do Revdo. Pe. Lázaro Mutschele, servindo de secretario, partimos para a referida parochia, onde fomos festivamente recebido pelo Revmo. Parocho, Pe. Luiz Stefanello, associações religiosas e muitas outras pessoas. Paramentado e depois de saudado por digno orador, fizemos nossa entrada solenne na Matriz, com as ceremonias d'stylo. Depois da nossa bençam, e dos nossos agradecimentos, declaramos abertos os actos da S. Visita. Achava-se presente nessa occasião o Revmo. Parocho de Cordeiro Pe. João Lopes de Almeida. Iniciando os

¹ A visita pastoral do Bispo Diocesano seguia todo um ritual bastante minucioso e cheio de solenidade. Há uma série de normas a observar quanto aos preparativos da visita, a recepção e entrada do bispo, aos atos da visita e sobre o dia da partida. No tempo de Dom Barreto foi realizado o primeiro Sínodo da diocese de Campinas e as decisões deste estão publicadas com todas as determinações diocesanas. Nas páginas 63 a 84 encontramos as regras para a Visita Pastoral (BARRETO, 1928).

actos da Visita vimos o Sacrario que está em ordem. A ambula branca por dentro está em bom estado, mas por fora pede nova prateação. Os altares estão bem e de accordo com a liturgia, assim como a Pia baptismal e os confessionarios. A concha da Pia baptismal seja areada e os santos Oleos dos anos passados sejam queimados na lampada. Os paramentos, roupas brancas e os vasos sagrados na sacristia estão em bom estado². O archivo parochial está em dia e bem escripturado. Recomendamos especialmente a todos o auxilio que devem a imprensa diocesana, tomando assignatura d'A Tribuna. Tenham todos os paes muito cuidado na educação religiosa dos filhos. Deixamos aqui nossas bençãos para o Revmo. Parocho, especialmente pelo seu desprendimento e zelo na direcção desta parochia, bem como pelo esforço em levar a cabo a construcção da matriz local, que sera uma das bellas egrejas da diocese.

Abençoamos tambem as associações religiosas da parochia bem como os fieis em geral, recomendando a todos a continuação de sua cooperação com o Revmo. Parocho para o feliz termo das obras da matriz. Que o bom Deus proteja a todos que concorrerem com as suas esmolos para a matriz de Cascalho.

Nossa Senhora d'Assumpção sua bondosa padroeira muitas graças alcançará em favor dos corações generosos que trabalharem pelo bem religioso desta parochia.

Terminando a S. Visita Pastoral declaramos ter havido 255 chrismas, e 212 communhões sendo 92 homens e 120 de senhoras. Determinamos que este provimento da Visita Pastoral seja lido a estação da primeira

² Quando se diz, nas atas das Visitas, que a Paroquia de Cascalho está provida de tudo o que é necessário para as funções religiosas é preciso considerar o elenco de utensílios sacros e de alfaias que deveriam existir nestas paróquias sujeitas a Visita Pastoral e que estavam determinadas pelo Decreto do Sínodo Diocesano. Para exemplificar elencaremos os utensílios: 1) amitos, alvas e cíngulos; 2) corporais, palas e sanguinhos (tecido de linho); 3) toalhas do altar; 4) pia na sacristia para a lavanda; 5) manustérgios; 6) toalhas para a mesa de Comunhão; 7) casulas, estolas e manípulos das cores prescritas pelas rubricas; 8) véus e bolsas para os cálices, da cor do paramento do dia; 9) dalmáticas inteiriças, véus de ombro, capas de asperges; 10) frontais da cor do dia; 11) castiçais e crucifixos de tamanho regular, de madeira ou metal; 12) Cibório grande com copa de prata dourada no interior, para distribuir comunhão para o povo; 13) cálices e patenas de prata dourada; 14) caucela com hóstias para as missas; 15) pequeno cibório ou píxide; 16) sacrário no meio do altar, fixo, fechado com chave de prata; 17) galhetas de vidro e pratinho; 18) campainhas; 19) missais novos com almofadas; 20) tabelas para as orações para antes e depois da celebração da missa; 21) turíbulo e naveta com a colherinha; 22) Caldeira de água benta e o aspersório; 23) custódia de prata com luneta dourada para exposição do Santíssimo; 24) Sacras do altar; 25) sobrepelizes; 26) tapetes para os altares; 27) cruz para procissão com haste e crucifixo; 28) véus para o cibório e a píxide; 29) vaso para purificação dos dedos; 30) bancos; 31) pálio, umbella e lanternas para as procissões com o Santíssimo; 32) Porta paz dourado; 33) Ritual Romano; 34) *Ordo divini officii recitandi*; 35) pias de água benta junto às portas; 36) pia baptismal; 37) Dois ou mais confessionários; 38) Armário para guardar paramentos etc.

missa parochial para o conhecimento de todos e em seguida seja passada a certidão de sua competente leitura. Dado e passado nesta Parochia de N. Sra. d'Assumpção de Cascalho aos 19 de março de 1933, sob o signal e sello das nossas Armas".

Mas, se de um lado encontramos estes efusivos elogios à direção da paróquia, por outro, Stefanello deverá lutar a vida inteira com o seu temperamento, fonte de muitos problemas. Logo no início de seu trabalho, em 1912, o bispo Dom Nery deixa uma porção de recomendações a fim de que Stefanello não fique atendendo aos boatos e intrigas com relação ao Vigário da paróquia vizinha, de Cordeiro. Há diferenças entre a população de Cascalho e Cordeiro, porém, as razões para o desentendimento são mais religiosas do que por outros motivos. A Igreja de Cascalho, por ser quase-paróquia, devia prestar contas ao vigário de Cordeiro cuja Igreja foi elevada a Paróquia em 1901. Mas, o povo insistia em dizer que havia mais religião na quase-paróquia de Cascalho do que na Paróquia de Cordeiro. E estas disputas vão fazer história, chegando até nossos dias.

Além disso, em 1926, já no bispado de Dom Barreto, algumas pessoas vão até o bispo reclamar do modo como o pároco trata os seus fiéis. Esta situação vai fazer com que o Bispo deseje mesmo afastar o padre Stefanello, e é motivo para a troca de várias correspondências entre o bispo de Campinas, o Superior Geral, em Roma, e o padre Stefanello, em Cascalho. Vejamos a carta de Dom Barreto, datada de 24 de fevereiro de 1926, endereçada ao Padre Geral:

“Já faz tempo que tinha notado que o Pe. Stefanello não tinha a suficiente prudência para ser pároco. Com a escassez de sacerdotes me vi obrigado a mantê-lo aqui, com esperança que a sua situação não piorasse. Agora chegou uma comissão de Cascalho contando-me tantas imprudências desse padre que resolvi dispensá-lo da paróquia. É até quase perigoso que seja um dia agredido. Não se trata de nada contra a moral, mas são os seus modos de tratar as pessoas que o comprometem. Por isso, V. Revma. o chamará ou eu o mandarei para aí. E se V. Revma. tiver outro padre para substituí-lo, lhe serei muito grato. Um padre ativo poderia tomar conta de Cordeiro e de Cascalho, residindo em Cordeiro” (ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO ESCALABRINIANA, doc. 403).

Realmente poderemos sentir, ao ler os relatos dos moradores, que Stefanello tinha um temperamento muito propício a pequenas intrigas. As críticas à sua pessoa apareciam. Uma delas e da qual Stefanello teve de se defender foi por ocasião da vinda de alguns de seus parentes para Cascalho. Muitos interpretavam que ele estaria ajudando um dos seus sobrinhos com o dinheiro da Igreja. Essa conversa, segundo o Sr. João, era assunto no lugarejo:

“Ele veio da Itália. O Luis Stefanello veio direto da Itália para a casa do padre. E assim ele ficou uns tempinho. Depois uns pra criticar dizia: ‘-Ele comprou o sítio com o dinheiro da Igreja e deu pro Stefanello’ e outros dizia; ‘- Não, ele trouxe um pouco de dinheiro e trocou aqui no Brasil’, e um inventava um e um inventava outro. Não sabe como é que morreu essa conversa, né?”.

Dessas conversas o padre ficava sabendo imediatamente e, daí então, utilizava o sermão para se defender. Ele mesmo admitiu, num relatório da Visita Apostólica, em 2 de setembro de 1926:

*“Ammetto di essere stato poco prudente nel parlare in Chiesa di faccende estranee al Vangelo; ma mi avevano provocato, accusato; ed ho difeso il mio onore. A Cordeiro c'è un mio fratello; egli senza il mio aiuto, há acquisitato un poco di terra; non ho nulla che fare con lui”*³ (ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO SCALABRINIANA, doc. 554/25).

Com o tempo, os próprios moradores e até o bispo vão podendo entendê-lo. Mas diante da dificuldade em arranjar um outro sacerdote que tivesse a determinação e a vontade de se estabelecer nesse lugar tão pequeno, onde o padre tinha de trabalhar mesmo para poder se sustentar, o bispo volta a reconsiderar a questão:

“É verdade, o Pe. Stefanello é imprudente, não mede palavras. Talvez isso se deva aos seus nervos. Mas na pequena paróquia de Cascalho ele satisfaz, e o povo lhe quer bem, como vi através de uma investigação feita por mim, e de uma subscrição de 234 fiéis a seu favor. O máximo que se pode fazer é ameaçar de retirá-lo, se não se corrigir. Sua conduta moral é boa. Não vejo possibilidade de que ele possa ter renda em Cascalho, pois há somente cerca de 500 fiéis” (ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO ESCALABRINIANA, doc. 403).

³ “Admito ter sido imprudente em falar na Igreja sobre coisas estranhas ao Evangelho. Mas me tinham provocado e acusado, e eu defendi a minha honra. Em Cordeiro tenho um sobrinho; ele conseguiu sem minha ajuda adquirir um pouco de terra; não tenho nada a ver com isso”

Apesar de todas essas dificuldades, o fato era que Stefanello estava cada vez mais adaptado ao estilo de vida em Cascalho, e gostaria mesmo de ficar por ali até o fim de sua vida. Para pôr fim a todas as querelas, o visitador apostólico, Monsenhor Cicognani, redige a seguinte consideração sobre o pároco de Cascalho:

“O padre Stefanello é um homem de visão curta e se perde, sem querer, em pequenos detalhes, que, envolvidos por intrigas, tornaram-se por vezes litigiosos. É este seu defeito, mas prometeu emendar-se. Ele está contente por permanecer em Cascalho. Está ali a muito tempo, e fez também ali o seu ambiente. Creio também, que pouco a pouco está procurando recuperar os nove contos empregados no novo projeto da igreja, trabalho que ele, de pouca capacidade, e a paróquia, pouco significativa, não deviam ter assumido. Se ele deixar Cascalho, perderia os seus contos, de modo que até que não os tenha recuperado, permanece de boa vontade. Mais ainda: diz que está disposto a permanecer ali para sempre. Por outro lado, se ele for tirado, onde se poderia colocá-lo? (...) Caso o Pe. Stefanello se retirasse, seria difícil conservar aquela misera missão, pelo menos nas condições da presente estreiteza de número” (ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO ESCALABRINIANA, doc. 554/25).

O que talvez o visitador não entendesse é que o laço de Stefanello não era exatamente com os seus nove contos empregados na construção da Igreja. O que fazia com que o padre declarasse que estava disposto a ficar ali para sempre, é que Cascalho formava, como dizem os mais velhos, uma única família. Outro aspecto, é que apesar de ser uma população pobre, com Stefanello o povo não perde a perspectiva de tornar dinâmica a vida. Isso se confirma pelos inúmeros elogios que encontramos no LIVRO Tombo da Paróquia, feitos pelos visitantes, frente aos projetos desenvolvidos em Cascalho.

Não é possível falar de Stefanello sem fazer a anotação desses fatos. Por outro lado, foi ele quem dinamizou o bairro, através da criação da Banda de Música, do Coral paroquial, e do grupo de teatro. Ao lado disso, vemos as construções da Igreja, da casa paroquial e do salão para os bailes e jogos. Foi ele que favoreceu o incremento das iniciativas de organizações leigas como o Apostolado da Oração para os homens e as mulheres, bem como, outras ligas de cunho religioso.

Já em 1953, afetado por sérios problemas de saúde, e motivado por alguns desentendimentos políticos, se retirou para Santa Bárbara do Rio Pardo. Com a sua saída de Cascalho, os escalabrinianos abandonavam a última localidade que ainda restava como lembrança da primeira etapa de suas atividades religiosas junto aos colonos italianos disseminados pela região cafeeira do Estado de São Paulo⁴. Em Santa Bárbara do Rio Pardo⁵ Stefanello viveu os últimos dias de sua vida, vindo a falecer no dia 15 de junho de 1964, sem poder realizar o seu desejo de terminar seus dias em Cascalho.

⁴ O documento de fechamento da casa missionária de Cascalho é uma carta do Superior Geral ao Cardeal Adeodato Piazza, datada de 29 de abril de 1953, nos seguintes termos: “*Eminenza Reverendissima, Il Superiore Generale della Pia Società dei Missionari di S. Carlo (Scalabriniani) chiede umilmente, col parere favorevole del suo Consiglio, il consenso della S.C. Concistoriale per lasciare definitivamente, da parte della Pia Società, la cura della Parrocchia di N. S. dell'Assunzione, in Cascalho, Diocesi di Campinas, dello stato di S. Paulo (Brasile). Cascalho é una parrocchia piccolissima e isolata, dove la popolazione é in continua diminuzione; l'Ordinario prospetta l'opportunità di sopprimere la parrocchia e di ridurre la chiesa Cappella dipendente dalla parrocchia vicinore. In questi giorni il Revmo. P. Luigi Stefanello, parroco di N. S. dell'Assunzione, dovette ritirarsi, per la tarda età, in altra casa scalabriniana. Il Superiore Provinciale di S. Paulo proponeva di lasciare questa parrocchia fin dal 1926. Chino al bacio della S. Porpora mi professo dell'Eminenza Vs. Revma*” (ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO SCALABRINIANA, doc. 403).

⁵ O padre Stefanello depois que deixa Cascalho faz três pedidos aos seus superiores Scalabrinianos, um sinal vivo de sua pertença à Congregação e da sua obediência à Igreja. Em carta de 19 de maio de 1955 escreve: “*Il sottoscritto P. Luigi Stefanello della Pia Società dei Missionari di S. Carlo, rispettosamente rivolge le seguenti domande: 1) Essendo affetto di reumatismi e altre infermità chiede la licenza di continuare la sua dimora in S. Barbara di Rio Pardo (Diocesi di Botucatu - Brasile), ove per la presenza di acque termali há trovato grande giovamento per la sua salute. 2) Essendo affetto di infermità di occh, molto avanzata, dovuta all'età - 78 anni - chiede la licenza di poter dire tutti i giorni la Messa Votiva della B. Vergine. 3) Per lo stesso motivo chiede la commutazione del Breviario*” (ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO SCALABRINIANA, doc. 554/25).

Um último aspecto de sua vida, não menos importante, mas talvez o detalhe diferencial de toda a sua ação, é a citação que retiramos de um pequeno necrológico da Congregação Escalabriniana que diz:

“Godeva della fama di possedere virtu speciale nello scacciare il demoni: gente accorrevva da ogni dove per portargli malati e ricevere la sua benedizione. Anche quando ormai s'era ritirato dalla parrocchia e viveva a Santa Barbara do Rio Pardo, la gente accorrevva a trovarlo e se non potevano andare a lui, magari gli mandavano il biglietto per l'aereo perche potesse recarsi da loro” (ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO ESCALABRINIANA, doc. 403).

Este traço foi o que mais motivou nosso trabalho. Tanto é verdade que no projeto inicial queríamos sobretudo evidenciar e estudar este aspecto de sua vida. Nossa investigação tinha como objetivo fazer uma reconstrução histórica da figura de Stefanello como “taumaturgo”. Além disso, queríamos fazer uma análise teórica do fenômeno da possessão e dos exorcismos, considerando a forte ligação desses fenômenos e os grandes sistemas modernos da psiquiatria dinâmica. Mas, a partir do que a comunidade foi nos contando, a partir da forma como permanecia viva a figura de Stefanello para os mais velhos de Cascalho, nosso trabalho foi tomando um outro rumo: concentrando-se, sobretudo, na descrição do que essas lembranças nos diziam a respeito de nosso objeto.

Igualmente importante, como último ponto a considerar na figura do padre Luis, é a sua pertença a uma determinada congregação missionária. Este é o universo maior de compreensão da atividade de Stefanello e nos mostra que sua ação estava

orientada a um projeto específico bem maior, com um sentido universal e, ao mesmo tempo, era resposta a uma situação bem particular dos imigrantes. Vamos abordar rapidamente o contexto da fundação dos Missionários Scalabrinianos, e as suas principais finalidades.

3. Os Missionários Escalabrinianos

A sociedade brasileira, nas três últimas décadas do século XIX, passou por profundas transformações, tendo como um dos fatores o acentuado movimento de migração européia, sobretudo de italianos e alemães. Logo de início, muitas entidades desses países preocuparam-se com a questão dos seus patrícios nas novas terras e, por isso, fundaram-se diversas entidades governamentais ou particulares com a finalidade de ajudar os seus compatriotas. Uma dessas instituições foi a obra do bispo de Placência, Monsenhor João Batista Scalabrini (1839-1905), que preocupado com a situação de abandono em que se viam os imigrantes, procurou fundar algumas instituições para a sua assistência. A sua preocupação nasce da experiência de contato com os seus compatriotas ao vê-los partir para a América. O relato dessa partida parece ser o início de um movimento de assistência. Diz Scalabrini:

Em Milão, há vários anos, assisti a uma cena que me deixou na alma um sentimento de profunda tristeza. Passando pela estação, vi o salão, os pórticos laterais e a praça vizinha tomados por trezentas ou quatrocentas pessoas mal vestidas, divididas em diversos grupos. Sobre suas faces bronzeadas pelo sol e sulcadas pelas rugas precoces que a penúria soi imprimir, transparecia a agitação dos sentimentos que invadiam seus corações naquele momento. Eram anciãos curvados pela idade e pelas fadigas, homens

na flor da idade; senhoras que arrastavam os filhinhos atrás de si, ou os carregavam ao colo; meninos e meninas, todos irmanados por um só pensamento e guiados por uma única meta. Eram imigrantes. Pertenciam às várias províncias da Alta Itália, e com trepidação esperavam o trem que os levaria para as praias do Mediterrâneo, donde zarpariam para as longínquas Américas, com a esperança de terem menos hostil a fortuna e a terra menos ingrata a seus suores. Partiam os pobrezinhos: uns, chamados pelos parentes que os haviam precedido no êxodo voluntário; e outros, sem saber bem para onde, levados pelo poderoso instinto que faz migrar as aves. Iam para a América onde - tantas vezes o ouviram dizer - havia trabalho bem remunerado para qualquer pessoa dotado de braços fortes e de boa vontade. Com lágrimas, tinham-se despedido do torrão natal, que os ligava a si por numerosas e doces lembranças. Mas, sem remorso abandonavam a pátria, que apenas lhes era conhecida sob duas formas odiosas: o recrutamento e a cobrança dos impostos. Pois, para o deserdado, a pátria é a terra que lhe garante o pão; e lá, bem longe, esperavam consegui-lo de modo menos parcimonioso e menos custoso” (SCALABRINI, 1979, pp. 43-44).

Este trecho nos mostra bem o contexto em que estavam inseridos os imigrantes e as motivações do bispo Scalabrini para dedicar a fundação da Congregação dos Missionários de São Carlos à assistência aos imigrantes: no cuidado da fé católica, bem como, das diversas necessidades dos emigrados e suas famílias. O instituto, a qual pertencia o Pe. Luis Stefanello, teve seu início, oficialmente, em 28 de novembro de 1887.

O instituto teve um regulamento aprovado pela Santa Sé e nele estão presentes os principais objetivos da Congregação com os quais cada membro deveria estar em sintonia. cremos que por estas grandes finalidades podemos logo perceber a convergência com a atividade de Stefanello em Cascelho, por isso, citamos cada uma delas:

“1) Manter viva a fé católica no coração de nossos compatriotas emigrados e, na medida do possível, buscar o seu bem-estar moral, social e econômico.

A Congregação manterá esses objetivos:

1.1 enviando missionários ou mestres onde as necessidades dos migrantes o requeiram;

1.2 erigindo igrejas e capelas nos vários centros de colonização italiana, e fundando casas de missionários onde possam difundir sua ação civilizadora mediante visitas periódicas;

1.3 estabelecendo escolas para ensinar os filhos dos emigrados, junto com as primeiras noções de fé, os elementos de nossa língua, de matemática e da história da pátria;

1.4 encaminhando aos estudos eclesiásticos os filhos de colonos que dão indícios de serem chamados ao estado sacerdotal;

1.5 organizando juntas que auxiliem, orientem e acompanhem os migrantes nos portos de embarque e desembarque;

1.6 assistindo-os durante a viagem marítima, seja exercendo o sagrado ministério, seja socorrendo-os em casos de doença;

1.7 favorecendo e promovendo as organizações e obras que se julgarem mais aptas a conservar a religião católica e a cultura italiana entre os emigrantes”
(RIZZARDO, 1974, p. 243).

É o próprio Scalabrini quem explica o regulamento para os seus missionários:

“Continuai a empregar toda a habilidade e todo o cuidado na promoção e no bem-estar religioso, moral e social de nossos migrantes; esforçai-vos por manter vivo seu amor à pátria; guardai-vos de fomentar qualquer coisa que possa separá-los de seus novos concidadãos ou dos demais cristãos. Cabe a vós lutar para que os italianos em nada se distingam dos outros senão num respeito maior à autoridade, numa conduta mais exemplar, num trabalho mais intenso, num

cumprimento mais exato de seus deveres e num apego mais vivencial à fé de seus pais” (RIZZARDO, 1974, pp. 243-244).

A análise crítica da vida familiar de uma colônia italiana, com a presença dos missionários Scalabrinianos, não pode prescindir dos objetivos acima expostos, porque eles nortearam o caminho da educação católica dessas comunidades. O caso da família italiana da colônia de Cascalho não foi diferente. O padre Stefanello entrou no Instituto dos Missionários de São Carlos pedindo para ser enviado para as Américas e certamente estava imbuído desses objetivos. Quando chegou a Cascalho, sua ação estava pautada por este projeto. Mas este projeto só foi possível ser realizado na medida em que se inseriu na teia de relações humanas, isto é, quando, através da ação, o padre Stefanello e sua comunidade começaram a construir ali uma história (ARENDDT, 1999, p. 196).

4. História do trabalho

A história desse trabalho pode ser dividida em várias fases. Uma primeira que chamamos do *desejo inicial*. É aquele momento em que se tem a intuição do que deve ser feito. Mas na qual só se tem claro o objeto de estudo e nada mais. Nesta, só o tema era claro: “*As bênçãos e a prática de exorcismos na segunda metade do século XX, no curato de Cascalho*”. Foi tão forte que resistiu aos anos de pesquisa sem mudanças, só com uma pequena modificação: em lugar de “curato”, preferimos dizer “paróquia” de Cascalho. O tema era definitivo e impossível de abandonar. Já estava delimitado, era uma porção da minha vida. O que faltava era definir outros

pormenores para um projeto: apresentação, justificativa, objetivos, método, bibliografia, etc.. E isso fui aprendendo no caminho.

A segunda fase foi justamente a do *projeto inicial*. Este tempo foi marcado pela necessidade de justificar o tema e de apresentar as primeiras idéias em torno do padre Luis, e pela dificuldade de inserir-me no mundo da pesquisa científica. Hoje, olhando para o primeiro projeto, fico surpreso pelas suas aspirações tão diferentes dos rumos que fomos dando ao trabalho. Eram dois objetivos: em primeiro lugar, tentar fazer uma reconstrução histórica das crenças acerca do poder das bênçãos e práticas exorcistas, enquanto modalidades de “cura psicológica”; e, em segundo lugar, realizar uma análise teórica do fenômeno da possessão e exorcismos dentro da história da psiquiatria. No projeto inicial, deixávamos para um futuro doutorado a pesquisa sobre o que sobrevive da imagem de Stefanello na memória das diversas gerações.

Mas, uma terceira fase surgia, e posso chamá-la de *caminhos*. Os primeiros relatórios de pesquisa apontam uma busca totalmente teórica da compreensão do fenômeno do exorcismo e seu significado para a psicologia. Em seguida, uma preocupação em mostrar dentro da história da psiquiatria as semelhanças e diferenças das cerimônias de cura exorcísticas com os grandes sistemas de psiquiatria dinâmica. Só que o projeto contemplava as entrevistas com os velhos. E estas foram dando uma nova orientação para o trabalho. As transcrições começaram a ser feitas vagarosamente, mas a descoberta de um material único e bonito, nos fazia prestar mais atenção para outra possível direção da pesquisa. Começamos a nos interessar pelo tema da memória, e era uma urgência aprender mais sobre ele. Era preciso encontrar também um caminho para interpretar as falas, um método que nos possibilitasse deixar o “povo” de Cascalho falar mais. Assim, foram de grande valor

as contribuições e sugestões vindas do Professor Dr. Miguel Mahfoud e, sobretudo, de um curso - *Memória, História e Identidade em Paul Ricoeur* -, em novembro de 1999, organizado por ele, e ministrado pelo Prof. Dr. Aníbal Fornari. Neste curso, o professor Aníbal teve ocasião de analisar os projetos de pesquisa e indicar sugestões para as pesquisas dos alunos que freqüentaram as aulas. A principal sugestão sobre o nosso trabalho foi a de olhar para Stefanello como um mestre, categoria que encontra apoio nas teorias de Paul Ricoeur. E, nesse momento, começou uma fase intensa de leitura das obras de Paul Ricoeur, e a tentativa de, a partir das entrevistas, organizar um universo de categorias que servisse como orientação de trabalho. Os temas mais recorrentes eram: o padre como educador da comunidade; as famílias - relação italianos e brasileiros; o mal e o mundo das almas; as bênçãos e os enfrentamentos cotidianos. Com estes grandes tópicos é que o trabalho foi estruturado para o exame de qualificação.

Nesta penúltima fase, que chamamos justamente de *exame de qualificação*, o trabalho recebeu novo incremento. Neste momento, que é tão importante para o pesquisador, houve o reconhecimento de que o material e os dados recolhidos tinham consistência e de que possuía uma grande autenticidade por tentar mostrar a saga do padre Stefanello. Neste exame, inúmeras sugestões foram feitas, mas uma - compartilhada pelos dois examinadores - fez com que reformulássemos o trabalho inteiro: era necessário aplicar com maior rigor o método fenomenológico, deixando que o padre e o povo de Cascalho falassem mais; e que a teoria fosse utilizada para iluminação do sentido inerente aos dados. É importante salientar a sugestão do Prof. Dr. Miguel Bairrão: maior atenção em articular os pares complementares do trabalho, os termos relacionais, ou seja, o bem e o mal na cultura popular e nas relações entre

Brasil e Itália, destacando que a utilidade do trabalho - uma de suas contribuições, portanto - seria a de repensar a presença da cultura popular européia no campo do Brasil, supostamente demasiado afro.

A última fase é a do *texto definitivo*. Quantas mudanças... Foi preciso ler os depoimentos de novo e interpretá-los fenomenologicamente. Para isso, foi fundamental a leitura da FENOMENOLOGIA da Religião, de VAN DER LEEUW, que desenvolve um método de compreensão dos fenômenos religiosos a partir da experiência vivida do homem que se encontra diante de uma potência. O texto “definitivo” obedece a toda essa trajetória. O grão está mais maduro e à espera da colheita...

5. Objetivo

Dizer que o homem é capaz de agir significa o mesmo que reconhecê-lo capaz de dar início a algo novo, a algo que antes não estava previsto. O homem por seu nascimento é início. E quando este homem singular dá início a alguma coisa, sua ação incide sempre sobre uma teia já existente e ali se imprime algumas marcas, que afetam não só a esfera do homem singular, mas que provocam a vida de todos os outros ali envolvidos (ARENDDT, 1999).

Nesta pesquisa queremos abordar a história do padre Stefanello, sem nos enlaçarmos numa simples descrição de suas qualidades ou virtudes, mas considerando aquilo mesmo que saiu da “boca do povo”. Nosso intento, portanto, é revelar o que sobrevive da imagem do padre Stefanello na lembrança dos mais velhos do bairro e, com isto, mostrar que essas lembranças compõem, no conjunto, uma história. Mas é uma história de relacionamentos onde não é possível dizer de um sujeito que seja o autor do resultado final, mas participe de um processo onde o padre

aparece como aquele que imprime um certo ritmo e movimento, e que se faz a si mesmo pelo movimento que vem das famílias e das pessoas do bairro ou de outras localidades.

6. Metodologia: da história à memória e da memória à filosofia

Para abordar o objeto proposto, nos valem do método da história - por um lado - e dos métodos psicológicos e filosóficos que abordam o estudo da memória - por outro.

O âmbito da história está hoje influenciado pelas mudanças ocorridas na Historiografia recente, uma vez que o campo de pesquisa do historiador vem se ampliando cada vez mais e vai desde o estudo de diversas culturas até o estudo particular da cultura popular, destacando sua maneira de viver, de habitar, de trabalhar e se relacionar. Neste contexto, deve-se considerar a abordagem metodológica da História Cultural que permite, segundo CHARTIER (1990), compreender como uma determinada realidade social pode ser construída e pensada. Além disso, o campo de investigação da história tem permitido uma abordagem muito mais microscópica, procurando levar em consideração a experiência do “homem comum”. Trata-se, segundo a expressão de GINSBURG (1994), de um “olhar de perto”, atento a uma realidade menor que escaparia às considerações mais globais. Por sua vez, esta experiência do homem comum precisa ser enfocada partindo das concepções de vida próprias de uma certa comunidade, fazendo valer os elementos da vida cotidiana que configuram o universo de significação próprio de um grupo.

No que diz respeito ao estudo da memória, o método fenomenológico se mostra muito eficaz, pois nos dá a possibilidade de remontar às origens das experiências vividas (BELLO, 1998). O que caracteriza este método é a preocupação com o “sentido” e, desse modo, ele se revela inspirado por uma epistemologia

realista. A investigação séria dos acontecimentos requer este método, que imediatamente tende a romper com esquemas mentais pré-estabelecidos, para que o pesquisador possa se debruçar sobre a maneira como aquela experiência aparece para os sujeitos envolvidos. Diz Giussani:

“pensar alguma coisa é a construção intelectual, ideal e imaginativa que fazemos a respeito dela. Freqüentemente, porém, concedemos demasiado privilégio a esse pensar e, sem nos darmos conta disso - ou inclusive chegando a justificar a postura que estamos querendo definir - projetamos sobre o fato o que dele pensamos. Ao contrário, o homem são quer saber como é um fato, e só quando sabe como ele é, e somente então, pode também pensá-lo” (2000, p. 20).

Temos aqui, portanto, a característica principal do método fenomenológico, que é o de realizar uma redução, ou seja, colocar entre parênteses os pré-conceitos e os conhecimentos que supomos estar na existência das coisas, para então pôr em evidência a dimensão do que aparece à consciência. Mas não se trata só de pensar aquilo que aparece à minha consciência, mas de perguntar pela forma como estou envolvido com isto que aparece. É perceber que diante da realidade estou numa posição atenta de espera, porque a atitude crítica supõe a categoria da possibilidade como a dimensão mais profunda da razão.

Este método permite captar as estruturas essenciais da consciência, propiciando um processo de escavação tanto da consciência individual, como coletiva, a fim de perceber as visões de mundo aí presentes. Mas qual a finalidade deste trabalho arqueológico? Segundo Husserl *apud* BELLO (1998), o papel de toda a descrição

fenomenológica está em apontar os pontos de referência essenciais, para então, possibilitar o trabalho de reconstrução. BELLO destaca que a descrição fenomenológica em Husserl se orienta em dupla direção: para o interior do sujeito, analisando as experiências vivenciais, e através da investigação da intersubjetividade, buscando analisar as concepções de mundo. A fenomenologia, desse modo, oferece uma abertura à multidisciplinariedade e nos permite focar o olhar sob a experiência tal como é vivida pelos sujeitos concretos. Na perspectiva de RICOEUR (1977), a fenomenologia é comparativa, pois não pode haver só o momento reflexivo, é preciso o momento existencial. Ele faz ver que o pesquisador tem um compromisso com o relato, precisa se colocar a pergunta: o que faço com tais indicações simbólicas? A sua filosofia apresenta-se, portanto, como hermenêutica na qual se manifesta uma preocupação ontológica. Diz RICOEUR *apud* CORONA (1990): “*Apuesto a que comprenderé mejor al hombre y el vínculo entre el ser del hombre y el ser de todos los entes si sigo la indicación del pensamiento simbólico*” (p. 7).

Para apreender a experiência que a colônia de Cascalho teve no seu relacionamento com o padre Stefanello e tentar voltar ali para reconstruir essa história, utilizei dois tipos de fontes que são importantes tanto para história quanto para a memória (LE GOFF, 1996). Em primeiro lugar, as fontes documentárias escritas referentes à história do padre Luis e da comunidade paroquial de Cascalho; e fontes de tipo oral, com entrevistas abertas, utilizando o recurso da história de vida. Estes dois grupos de materiais foram analisados em conjunto, observando e examinando com cuidado os indícios convergentes, o que não implica em fazer uma soma dos indícios, mas ver como a confluência deles se estrutura num conjunto significativo.

Para o acesso às fontes documentárias, utilizamo-nos dos seguintes arquivos:

1) Arquivo Geral da Congregação Escalabriniana, Roma-Itália; 2) Arquivo Provincial da Congregação Escalabriniana, São Paulo; 3) Arquivo Histórico do Município de Cordeirópolis; 4) Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção, de Cascalho; 5) Arquivo pessoal do advogado José Roberto Cicolim. Foram consultados também os seguintes livros paroquiais: 1) Livro do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção, Cascalho; 2) Livro do Tombo da Paróquia de Santo Antônio, de Cordeirópolis.

Já o trabalho de campo foi realizado seguindo a metodologia da coleta de relatos orais, com entrevistas abertas, que tinham como único ponto de partida a pessoa e as histórias em torno do padre Luis Stefanello. Foram escolhidos 25 sujeitos, sendo objeto preferencial os mais velhos do bairro, na faixa de 70 a 90 anos, que podemos classificar como pertencentes à segunda geração e, portanto, filhos dos imigrantes italianos. Interessava-nos apreender as experiências vividas na convivência com o padre Stefanello, por isso, nosso caminho era o de estabelecer um diálogo partindo do que eles sabiam nos contar quanto ao padre, pois eram todas pessoas que de alguma forma conheceram e presenciaram os acontecimentos em Cascalho (QUEIROZ, 1988). Ao nos darem os seus depoimentos, os sujeitos foram podendo reviver sua própria história pessoal e familiar. Em geral, a atenção dos mais velhos está fixada na infância e na mocidade, fator este que facilitou para o pesquisador aquilo que ele estava buscando, pois foi neste tempo da vida dos entrevistados que eles tiveram o contato direto com o padre Luis. O que nos impressionou foi que no momento “oficial” das entrevistas - todas elas gravadas com a permissão dos entrevistados -, apesar de ser um tanto incômodo o gravador, logo os

sujeitos iam se empolgando com o fato de poder contar o que se passou. Assim, o relacionamento passava a ser mais informal e a conversa fluía com maior naturalidade, fazendo comparações com o presente, lamentando o jeito da família hoje, reconhecendo os erros do passado, examinando as experiências etc.. Na verdade, era possível perceber como uma infinidade de temas e de influências apareciam nas falas dos sujeitos, e a forma como se cruzam a vida individual com a social.

As entrevistas foram realizadas na própria casa dos sujeitos escolhidos, em geral na cozinha ou numa sala de estar e, algumas vezes, sobre a mesa havia a “presença” de objetos significativos do passado: terços feitos pelo padre Stefanello, fotos, recortes de jornal, partituras de música, álbum de casamento e reunião familiar, que favoreciam a abertura e o fluxo das lembranças. Foi importante, nesse sentido, o trabalho da pesquisa sempre ocorrer num contexto de participação na vida da comunidade, compartilhando dos eventos em que esta fazia memória de sua história, como por exemplo, a celebração do centenário do bairro, as romarias ao local onde está enterrado o Pe. Luis, as festas italianas e as celebrações eucarísticas.

Outra fase da pesquisa, posterior ao trabalho de campo, foi a transcrição dos relatos orais gravados. Para QUEIROZ (1991), transcrever significa:

“uma nova experiência da pesquisa, um novo passo em todo o processamento dela é retomado, com seus envolvimentos e emoções, o que leva a aprofundar o significado de certos termos utilizados pelo informante, de certas passagens, de certas mudanças na entonação da voz” (p. 88).

Realmente este é o momento que o pesquisador tem para poder reviver e, até diria, poder aprofundar o significado de tudo aquilo que ele partilhou com os sujeitos. Este momento é fundamental porque, como salienta QUEIROZ (1991), é a oportunidade de estabelecer uma distância que possibilita captar a experiência ocorrida a partir do exterior, sem os possíveis constrangimentos e envolvimento que o contexto vivo apresentava. O material coletado transforma-se numa série de relatos, que procuramos transmitir respeitando a riqueza oferecida pelo narrador, fazendo apenas algumas modificações, às vezes, na forma gramatical, e apresentando-o de maneira clara.

Depois de estar com o documento escrito, passamos à fase de leitura do material para daí extrair as possíveis categorias, a fim de ordenar e agrupar tudo o que se referia ao padre Stefanello e à sua comunidade. Numa primeira fase, percebemos que havia uma certa unidade no material, bem como, uma convergência de temas, que versavam sobre os seguintes tópicos: o padre como educador da comunidade, a relação entre italianos e brasileiros, a atividade taumatúrgica, a família, o problema do mal, as bênçãos e as intrigas. Em seguida, optamos por estruturar os capítulos da seguinte maneira: o primeiro mostrando o elo da comunidade com um mestre, evidenciando a experiência humana de um relacionamento próximo e solícito entre ambas as partes; um segundo capítulo enfocando o elo italianidade-brasilidade que tem a figura do padre como o facilitador desse encontro; o terceiro abordando o elo com realidades do além, em que refletíamos sobre o modo como Stefanello respondia ao problema do mal. No quarto capítulo privilegiávamos o elo entre o mundo cotidiano e o mundo das almas, e salientávamos a mediação do padre Stefanello nesse processo; o quinto capítulo

tratava do elo da comunidade com as bênçãos, onde discutíamos a forma da comunidade entender o seu relacionamento com a natureza. Por fim, um sexto capítulo mostrando as dificuldades, as brigas e a possibilidade do rompimento dos elos. Mas essa estruturação do trabalho não levava às últimas conseqüências um dos principais pontos da fenomenologia, que é suspender o juízo de realidade; por isso, rever o significado dos dados foi imprescindível.

Foi necessária uma re-leitura do material à luz dos passos indicados por VAN DER LEEUW (1960), para quem a função da fenomenologia é compreender a experiência vivida. E compreender consiste em dar um significado tanto à realidade como à experiência vivida. A fenomenologia é a ciência que vê e explica as experiências vividas e que quer encontrar suas conexões para delas deduzir um sentido (RIES, 1989). Nesta segunda fase de estruturação do trabalho nossa leitura seguiu observando os elementos que VAN DER LEEUW aponta para o exercício da fenomenologia. Os relatos - expressão do vivido - foram todos lidos, buscando em primeiro lugar os temas ou os campos de organização da experiência e, em seguida, a conexão de sentido, apontando a “experiência-tipo” para cada categoria e explicitando-as na sua mútua relação. Tivemos como resultado a total reformulação dos capítulos e a inclusão de dois novos que não apareciam na primeira fase.

O primeiro capítulo deste trabalho é a tentativa de mostrar o “povo de Cascalho”, conhecendo o jeito e as percepções de alguns dos entrevistados, no seu relacionamento com o padre Luis. Um “padre cheio de poder” é o tema do segundo capítulo e nele evidenciamos a característica essencial de Stefanello, que é a força para realizar prodígios e proteger a comunidade. No terceiro capítulo apresentamos os dinamismos desse poder na luta de Stefanello com o demônio, e no quarto

capítulo a forma como esses espíritos se proclamam. O quinto capítulo é reservado para mostrar a força e o poder do padre não só com os espíritos que o obedecem, mas como sua bênção é poderosa e atinge as pessoas e a natureza. No sexto capítulo, apresentamos o “aprendiz”, ou seja, um benzedor que aprendeu muito na convivência com Stefanello e carrega até hoje o ofício que aprendeu com o mestre. Por fim, um último capítulo em que refletimos com maior profundidade as relações entre a história e a memória, a partir dos dados do trabalho.

Nestes capítulos todos procuramos oferecer, numa linguagem simples, a descrição da experiência de pertença da comunidade frente, ao padre Stefanello. E, buscando ser fiéis aos relatos, estivemos atentos aos elementos mais marcantes para este grupo social. A perspectiva psicológica tem como pano de fundo a experiência religiosa da comunidade, e foi evidenciada ao pautarmos o trabalho na dinâmica mais profunda dos relacionamentos estruturais de uma comunidade.

Para realizar a análise teórica e psicológica dos dados referentes ao padre Luis e sua comunidade, optamos pela abordagem filosófico-fenomenológica, na perspectiva de Paul Ricoeur. A dificuldade da historiografia no que diz respeito ao enfoque da micro-história está em, muitas vezes, permanecer numa ótica por demais localista, e não abrir as perspectivas mais amplas do processo. Entendemos que é possível desvendar o valor universal de uma história particular, tal como é a experiência da comunidade de Cascalho, pelo fato de que foram fatores humanos os que geraram sua história, e podemos mostrar por meio dela a efetividade humana desses pequenos relatos. Compreendendo que o nosso presente se situa na interseção entre um passado (do qual se faz a narrativa) e um futuro (no qual podemos nos engajar), é fácil perceber a efetividade histórica de que estamos falando. O problema

que aparece em nossos dias é a desconexão do passado, do presente e do futuro. Ricoeur *apud* CESAR (1998) fala que o passado é o espaço da experiência e o futuro é o tempo da expectativa:

“Nossa época é caracterizada ao mesmo tempo pelo distanciamento do horizonte de expectativa e um retraimento do espaço de experiência. Sofrido passivamente, esse dilaceramento faz do presente um tempo de crise, no duplo sentido de tempo de julgamento e de tempo de decisão. Na crise se exprime a distensão própria da condição histórica, homóloga à ‘distantio animi’ agostiniana. O presente inteiro está em crise quando a expectativa se refugia na utopia e quando a tradição se muda em depósito morto” (p. 22).

A tarefa é perceber os recursos ainda inexplorados do passado e a sua significatividade. Por isso é necessário a escolha de um pensamento, tal como o de Ricoeur, que ajude abrir a discussão dos problemas enfrentados em Cascalho numa perspectiva mais universal. A escolha que utilizamos para nossa análise crítica foi o referencial filosófico de Ricoeur, permitindo esse olhar atento às narrativas, e fez com que nosso estudo não se restringisse ao papel meramente constatativo, mas fosse um estudo indicativo, isto é, mostrasse o quanto essa realidade da busca através da memória tem sua efetividade na história.

Além de Ricoeur, foram decisivas as contribuições de Gerardus van der Leeuw para nossa análise. Para este autor existe uma misteriosa potência com a qual o homem se encontra, e que escapa do ordinário e comensurável. O sagrado aparece como uma força transformadora que provém de uma potência misteriosa. E o

fenomenólogo deverá captar e compreender a função do sagrado na religião, observando o comportamento do homem religioso em relação a essa força que o atinge. Frente a este ser que adquire força, o comportamento humano se enche de temor, de assombro e até de terror. No caso de Cascalho estudamos o comportamento de toda uma comunidade diante do sagrado e diante de um homem poderoso como Stefanello.

Por fim, o que se evidenciou nesta trajetória foi o fato que os dados da memória impuseram-se sobre os da história - por sua riqueza heurística -, de modo que isto levou à decisão de dedicarmo-nos mais a eles e, conseqüentemente, à opção metodológica do estudo da memória. O que se verificou é aquilo que GIUSSANI (2000) afirma quando trata do olhar para a experiência: que o método de pesquisa é imposto pelo objeto. Quando se investiga seriamente *“qualquer acontecimento ou coisa, é preciso realismo”*, e este exige que, *“para observar um objeto de modo tal que ele seja conhecido, o método não seja imaginado, pensado, organizado ou criado pelo sujeito, mas imposto pelo objeto”* (pp. 20-21). A consideração atenta do objeto questionou, como já mostramos na história do trabalho, os métodos iniciais escolhidos e nos levou a novas opções de cunho interdisciplinar, englobando história, estudo fenomenológico da memória (psicologia) e os dados da filosofia (numa atenção a minha própria formação acadêmica).



Figura 01

“É inútil o batismo para o corpo,
 o esforço da doutrina para ungir-nos,
 não coma, não beba, mantenha os quadris imóveis.
 Porque estes não são pecados do corpo.
 À alma sim, a esta batizai, crismai,
 escrevei para ela a Imitação de Cristo.
 O corpo não tem desvãos,
 só inocência e beleza,
 tanta que Deus nos imita
 e quer casar com sua Igreja
 e declara que os peitos de sua amada
 são como os filhotes gêmeos da gazela.
 É inútil o batismo para o corpo.
 O que tem suas leis as cumprirá.
 Os olhos verão a Deus.”
 (Adélia Prado)

Capítulo I

CONHECENDO A COMUNIDADE DE CASCALHO

Final da celebração da missa dominical. É hora dos avisos paroquiais. O vigário de Cascalho anuncia que no próximo final de semana será realizada a romaria a Águas de Santa Bárbara, interior de São Paulo, para a visita do túmulo do padre Luis Stefanello. Partiriam pela madrugada e chegando rezariam a missa em intenção de todo o povo de Cascalho. Ainda havia lugares para os interessados. Fiquei pensando neste convite. O que faz esse povo, depois de tantos anos, se dirigir em romaria para visitar o túmulo do padre Luis? Que significado eles encontram neste gesto que realizam a cada ano? Quem é o padre Stefanello para eles? O que aconteceu em Cascalho nos tempos do padre Stefanello para que tal estima perdure?

Esse fato despertou outras lembranças: no quarto dos meus pais havia um porta-retratos com a foto do padre Luis. Às vezes, ao lado de seu retrato, minha mãe colocava um vela acesa. Quando eu ia a Cascalho, adorava ficar ouvindo as histórias que os velhos contavam sobre o “padre de Cascalho” e seus poderes. A casa paroquial era um lugar mal-assombrado, nenhuma das crianças se atrevia a entrar lá sozinha. Naquela casa morou o padre que mexia com os espíritos.

Qual o nexó entre todas estas coisas? Muitos temas e perguntas começavam a

emergir pela simples evocação dessa presença.

Resolvi, então, visitar os mais velhos - testemunhas diretas -, os que conviveram com o referido sacerdote. Foi uma romaria diferente. Em cada casa que entrava, uma surpresa. Em cada entrevista, um aspecto novo do seu rosto. Na narração dos mais velhos começava aparecer a experiência vivida com o padre Stefanello. Ao lado disso, algo imprescindível também se dava: a possibilidade de conhecer a comunidade de Cascalho.

Na casa do Sr. Paulo e da Dona Emília, o café na mesa e a conversa franca. A recordação emocionada de um homem “bom”, que “dava o coração se fosse por bem”, mas que se fosse pelo mal não se rendia. Lutava até o fim. A luta do padre parecia ser a chance para revelar o quanto era difícil sustentar a família, pagar as dívidas feitas com os grandes fazendeiros da região; bem como, era ocasião para recordar os músicos de Cascalho e a famosa banda.

E assim tantos outros.

Com Dona Rosa, no sítio Santo Antônio, antes da entrevista, encontramos um rosário feito pelo padre Stefanello. Este objeto evocava ainda mais para a memória de Dona Rosa a presença dele. De tal forma que ela ficou todo o tempo segurando-o e me contando das histórias de sua família, de Cascalho e do padre exorcista.

Com o Sr. Guilherme Spagnol começamos com uma caminhada por seu viveiro de mudas. Uma aula de cuidado e amor para com a natureza e as plantas. Um bom início de conversa. Na garagem de sua casa, o automóvel, um chevrolet do ano de 41, símbolo de um tempo bom, marcado por tantas viagens trazendo os padres de Rio Claro para substituir o padre Stefanello. Ex-coroinha do padre e testemunha das bênçãos. Também romeiro de Águas de Santa Bárbara, falava das velas colocadas no

túmulo do padre, indicando que muitas pessoas mantinham promessas no nome dele.

Impossível esquecer do padre que incentivava os teatros:

“Eu sempre ia lá no padre Luis. Ele fazia teatro. Fazia teatro: e eu batia muito bem à máquina, então, ele me dava pra mim bater. Bater à máquina pra dar a cada um pra ler o que ia falar. Então, tinha um palco grande. Tinha aquele palco lá onde a turma fazia teatro. Vinha gente de fora fazer teatro, viu?”.

O que dizer então de Dona Santa, que ao lembrar de Stefanello, parece estar diante de um membro de sua família? O padre adorava visitar o sítio em que seus pais moravam. Ficavam falando e jogando cartas até tarde. Diz Dona Santa: eram todos italianos e se entendiam bem. A vida no sítio era cheia de trabalho e enfrentamentos com os vizinhos: problemas de divisas com a água; intrigas com aquela que era considerada a feiticeira do bairro.

Já na casa do Sr. Fausto e da Dona Aparecida Stefanello, da família do padre, era tempo de festa. O casal estava celebrando bodas de ouro de casamento. A partir daí foi fácil puxar os acontecimentos de Cascalho. Sobre a mesa os sinais de uma presença: fotos, terço, crucifixo, anel de casamento, cartas dos familiares da Itália, tudo lembrando o “abençoado” padre. A conversa até de como surgiu a vocação do padre Stefanello, as dificuldades da família na Itália, a chegada ao Brasil etc.. O Sr. Fausto nos indicava o jeito nervoso e bravo do padre; ao lado disso, descrevia a sua imensa preocupação que se revelava nos sermões dominicais sobre as brigas por divisas de propriedades e de água entre os vizinhos. O padre perguntava pelo sentido

das coisas: *“por que brigar, se vocês são vizinhos?”*.

O Sr. José Nardini, com sua fala mansa, descrevia o gênio do padre Stefanello, que era intempestivo, mas ao mesmo tempo, reconsiderava as coisas: um verdadeiro brincalhão. Foi ele o pedreiro que ajudou a construir o coreto, que seguia exatamente as instruções do padre, que queria um coreto com a base totalmente aterrada, para não se tornar abrigo de mendigos.

Dona Yolanda guarda a coleção de recortes de jornais com notícias do padre exorcista, as fotos da grande seca que atingiu o bairro em 1964, tornando o açude que abastecia o bairro e vizinhança numa pequena poça d'água. Além disso, mostrava-me toda entusiasta o diário de seu marido que gostava de anotar os aspectos mais significativos de sua vida: a admiração pela variação das chuvas que atingiam o bairro, o amigo padre Luis, e os seus trabalhos. E contava as histórias da sede social que o padre comprou para o povo, e entregou para que seu marido e um outro senhor da família Caneo tomassem conta. Era uma espécie de bar para os esportistas, bem como, um lugar de apoio para os romeiros que enchiam Cascalho aos finais de semana. Foi esta sede a razão de muitos desentendimentos políticos, que inclusive, culminaram na saída do padre Stefanello de Cascalho.

Para o Sr. João Tomazella, voltar ao passado é uma descontração. As molecagens de um ex-coroinha: levava toalha suja de carvão para enxugar a cabeça dos neo-batizados; a dificuldade em aprender a responder a missa em latim; as gafes no serviço do altar. O padre Luis conseguiu “endoçá-lo” na primeira missa que ele serviu: deu a cada coroinha uma moedinha. Bastou para que o Sr. João fosse ajudar no altar todas as missas na esperança de ganhar um dinheiro.

Dona Augusta T. Bertanha tem em suas mãos a partitura de uma missa solene, do

antigo coral de Cascalho. Verdadeira relíquia. Lembrança de um tempo que não volta, que provoca tantas saudades. Dona Ida DeNadai se orgulha em ser nora do Sr. Angelo DeNadai, pedreiro principal que construiu a Igreja de Nossa Senhora da Assunção.

O padre Stefanello foi aparecendo: uma figura controvertida, cheia de detalhes, mas em cada detalhe a totalidade de quem ele era. Em todos estes encontros se explicitou a conexão entre o padre e a história do bairro.

Para Dona Santa, o que impressiona é esse poder: *“O padre Luis era um padre muito bom e cheio de poder. Que ele tinha um poder enorme. A gente que ia lá pra tirar o espírito era uma coisa louca. E ele tirava o espírito e deixava a pessoa boa mesmo, viu?”*. Não é comum esse padre. É alguém de poder. Este poder é causa de admiração. Quem viu sabe. Os que estavam ali podem afirmar. Ele curava os que tinham uma coisa ruim. Ele livrava.

Tantas vezes ouvimos dizer que foi por meio dele que Cascalho é hoje o que é. O passado e o presente são sempre evocados, numa conexão muito simples, pelos moradores mais velhos. Parece justo conhecermos também o rosto da comunidade que foi aparecendo junto com as perguntas sobre o padre.

Que características possuía esta comunidade com a qual se relaciona Stefanello? O que marca a vida desta pequena colônia? É possível, pela fala dos entrevistados, identificar traços gerais e comuns que constituem a essência daquilo que viveu a comunidade? Pelo trabalho da memória, podemos recolher alguns dados significativos da convivência, de alguns costumes e de algumas instituições que marcavam aqueles velhos tempos.

A vida na comunidade de Cascalho era a vida no meio rural. Pequenas propriedades que ainda conservam alguns dos seus antigos proprietários. Estes

pequenos lotes de terra foram distribuídos aos imigrantes, os quais iam pagando ao Estado a propriedade em pequenas parcelas⁶. Mas era preciso ainda trabalhar nas terras de outros grandes fazendeiros a fim de poder sobreviver. A vida era dura. Por outro lado, era muito simples: nada de luxo, os filhos dos colonos se vestiam do que tinham. As crianças ficavam a pés descalços. O povo lembra das caminhadas para a Igreja e para os trabalhos nas fazendas vizinhas. O ritmo da vida era assim.

O Sr. Paulo recorda que o dia era trabalho. O pai ia logo cedo para o trabalho pesado nas fazendas de café da região. Nem sequer tinham a carroça, o jeito era fazer a longa caminhada para o trabalho a pé mesmo. As fazendas de Santa Tereza e Itapema são lembradas como o lugar de milhares de pés de café. Lá ia o pai do Sr. Paulo. O cotidiano é marcado pelo trabalho, sobretudo, porque os tempos são difíceis.

Imaginemos uma economia praticamente baseada no cultivo do café e que, posteriormente, pela crise do produto no mercado mundial, levará as famílias praticamente todas a terem de sobreviver com muitas dificuldades. A narração de Dona Emília nos revela esta crise, que não deixa de ser diferente da que atualmente passam os atuais sitiantes:

“Era assim um tempo como agora: você vai vender não tem preço, você planta uma coisa e não tem preço. Meu pai também caiu numa dívida aquela vez. Caiu tudo, não tinha preço, o café não tinha mais exportação, não

⁶ Na tese A ECONOMIA de mercado e Organização do Espaço Agrário: o exemplo de Cordeirópolis, de LOMBARDO (1978), encontramos os seguintes dados: “O ‘núcleo’ de Cascvalho contribuiu para o aumento populacional da área, dando-lhe mais dinamismo. Em 1899, pela Lei 645, foi criado (graças em grande parte ao ‘núcleo’) o Distrito de Paz de Cordeiro. Até por volta de 1930, o ‘núcleo’ constituiu-se numa célula ativa de pequenos proprietários imigrantes italianos, no seio de grandes fazendas cafeeiras. Havia um centro religioso e recreativo, dois açougues, uma loja, oito armazéns, uma padaria, duas farmácias, fábrica de macarrão, de cerveja, de sabão. Além destas fábricas citadas, haviam três engenhos de pinga, máquina de beneficiamento de arroz e de milho, evidenciando, assim, a proliferação de plantio de cereais” (pp. 27-28).

tinha mais nada, de 100 mil réis o saco foi pra oito. Meu pai comprou o sítio, ficou tudo assim, tudo na dívida” (Dona Emília).

Mas como era possível sustentar a família em tempos tão duros? Em que quase todos entravam em dívidas e não tinham dinheiro para conseguir pagá-las? O fato é que o sítio tinha se transformado no lugar onde se encontrava de tudo um pouco: era uma mina, com verdadeiros tesouros para sustentar a vida. Diz Dona Emília: *“Não faltava, porque a gente tinha criação: tinha galinha, tinha porco, tinha vaca de leite. Meu irmão ia caçar, pescar. Não faltava nada pra comer, só que dinheiro não tinha. Dinheiro não tinha. Dinheiro era pra pagar as dívidas”*⁷.

As dívidas eram feitas com os grandes proprietários das fazendas ao lado, que emprestavam dinheiro para os colonos italianos e que, pouco a pouco, iam cobrando esta dívida. O Sr. Paulo nos diz que seu pai quase perdeu o sítio, mas que ficou mais de 30 anos pagando um dos grandes fazendeiros e coronéis da região.

Mas o tempo é lembrado com as suas glórias. Difícil era alguém competir com a Banda que se formou em Cascalho: *“Aquele tempo, tinha uma banda em Cascalho. Uma banda!!! Uma banda que... aqui por perto, não tinha aqui por perto uma banda que batesse de Cascalho”* (Sr. José Nardini). A banda era incentivada pelo padre Luis, era até uma obra pessoal dele. O fato é que os seus 30 a 35 músicos era motivo de orgulho para muitas famílias. Um dos primeiros músicos vem da família Coletta.

⁷ Segundo LOMBARDO (1978), apesar da crise do café, a economia e a sociedade de Cordeirópolis não entram em decadência nem estagnam, porque a própria agricultura começa a se diversificar: começa a surgir o algodão, a laranja e a cana-de-açúcar. E, particularmente, a economia do bairro de Cascalho caracterizou-se sempre pela policultura: *“Com a fixação dos colonos italianos e descendentes houve uma maior variedade de cultivos devido a influência de novos hábitos alimentares. No 'núcleo', a agricultura era caracterizada pelo plantio de cereais (arroz, feijão, algodão e milho) frutas e hortaliças, além de criarem alguns animais para o consumo interno”* (p. 28).

Depois, os valorosos músicos da família Paiola: os 5 irmãos, todos da banda e um deles era o maestro. Da família Tomazella eram três irmãos que participavam, mas “*todos eles bons músicos*”, um deles era o encarregado de tocar o órgão de tubos da Igreja.

A banda que, aos domingos, tocava no coreto da Igreja, faz recordar grandes histórias de amor. Em torno do coreto, como diz dona Vitória, é que se arranjavam os namorados. O método era simples: todo mundo se olhando, mas com respeito. Olhava e gostava. Era assim. Muitos se gostavam para toda a vida. Ao som da banda.

A visita à casa do Sr. Guilherme Spagnol foi um momento tão bonito para perceber esse sentido de solidariedade vivido pelas famílias em Cascalho. Lá na sala, onde o Sr. Guilherme coleciona os mais variados e antigos rótulos de cachaça de todo o nosso país. Ali, na conversa descontraída, foi mostrando a sua história e um pouco da história do bairro de Cascalho:

“Um tempo era respeitado. Como que a gente respeitava um padre, respeitava um médico. Um médico vinha na casa, você tinha que dar uma bacia pra ele lavar as mãos, a toalha, viu. Ele nunca saía da casa sem lavar as mãos. E a turma lavava as mãos, deixava sabonete, um pratinho, a bacia. Então, ele lavava as mãos, enxugava e depois que ele ia embora, viu. Era uma vida gostosa. E tinha um respeito. Hoje é anarquizado, não é? Mas eu, na minha opinião eu acho que naquele tempo era mais respeitado”.

Para o Sr. Guilherme aquela que era “vida linda”. Em Cascalho, um colaborava com o outro. Os laços de solidariedade eram grandes. Além da praça, o armazém era também o local de encontro:

“Teve uma ocasião que, ali em Cascalho, tinha um armazém. Naquele tempo, a italianada se ajuntava tudo ali em volta. Se ajuntava ali na frente da Igreja pra jogar um baralhinho. Italianada antiga, velho, novo também, porque naquele tempo não é como agora que pega o carro e some. Não tinha carro aquele tempo, então a turma se ajuntava ali, sempre aquele grupinho, sempre ali: solteiro, mulher, moça, homem também tudo lá” (Sr Fausto).

A comunidade é essencialmente católica. A tentativa de outras crenças religiosas se estabelecerem sempre foi difícil. Assim, a comunidade de Cascalho vive em torno da Igreja. É ao redor da Igreja que as pessoas se reúnem e se encontram nos finais de semana. Aos sábados, a comunidade se reúne para o terço que sempre tinha à tarde, bem como, para celebrar os casamentos. No Domingo, pela manhã, a missa dominical; à tarde, a atividade, por vezes, era o teatro. E, à noite, ao redor do coreto, os mais velhos, e sobretudo os jovens, se encontravam para ouvir a banda.

No fim do dia, na volta do trabalho, ainda era tempo de agradecer. Era hora da devoção do terço em família. O “chefe da família” (o pai) era o encarregado de dirigir a oração: *“À noite se rezava o terço, principalmente no mês de maio e de outubro, que era sempre. E se o pai pegava o terço, começava o terço, ninguém podia sair. Era rigoroso, não era como hoje que a molecada faz o que quer”* (Sr. Paulo).

O modo como o Sr. Paulo descreve a vida e a religiosidade italiana é impressionante. A oração pelas almas aparece como uma constante:

“Meu pai rezava o terço em italiano. O pai-nosso, a ave-maria, tudo em italiano. Depois, no fim, olha bem como era o velho: rezava três ave-marias pra tudo

aquelas almas que ninguém lembra mais dela, depois rezava mais três pra todas as nossas almas. E depois ele falava assim, saudava: '-Boa noite alma santa, eu vos cumprimento a tudo vocês, eu não posso fazer os nomes porque vocês são bastante, uma vez vocês era como eu, e eu serei um dia como vocês. Vocês rezarão pra mim que eu rezarei pra vocês'. Bonita, né?''.

É assim que a história continua. Nas tradições dos antigos, a lembrança das almas. É uma oração de solidariedade, uma tentativa de relacionar-se com o mundo daqueles que um dia viveram a mesma rotina, o mesmo cotidiano, mas que nos precedem na outra vida. Em Cascalho, pelos fragmentos da memória, vemos aquilo que para os mais velhos é chamado de “vida gostosa”, “vida linda”, que inclui trabalho, simplicidade, diversão e fé.

As histórias narradas pelos velhos, neste trabalho, mostram um tipo de elaboração do passado estreitamente relacionado ao universo de vivência dos entrevistados. Ao narrar, aparecerão histórias que puxam tantas perguntas e que são geradoras de uma cadeia de tantos outros acontecimentos importantes de se contar. Nas MIL e uma noites (1997), Scheerazade detém a fúria do rei Shariyar, contando histórias que sabiamente eram interrompidas num momento importante da narrativa, favorecendo assim que a memória épica fosse vencendo a morte em mil e uma noites. No nosso caso, a tentativa é vencer a fúria do esquecimento provocado pelo desinteresse em se assentar aos pés dos mais velhos a fim de ouvi-los. As entrevistas - modo com que ouvinte e narrador entram num processo de interação movidos pelo interesse comum - favoreceram a preservação dos vestígios do passado. E isso é o trabalho da memória.

Neste sentido, o trabalho de recordar se assemelha ao da psicanálise, que procura trazer luz a aspectos que até então não estavam interessando, ou estavam encobertos. O recordar, na leitura que RICOEUR (1997) faz de Freud, tem uma função terapêutica. A memória vive destes vestígios aos quais temos acesso depois de um árduo esforço “arqueológico” que, para RICOEUR, contribui na construção de uma personalidade exigente:

“En el propio Freud la metáfora arqueológica es muy importante. Profundizamos en nosotros mismos para acceder a los vestigios del pasado. Freud defendía asimismo la idea de que olvidamos mucho menos de lo que creemos. De hecho, la experiencia precoz de nuestra infancia permanece grabada para siempre, pero tenemos serias dificultades para acceder a estos recuerdos. Nos encontramos, de este modo, con un segundo tipo de olvido, que no consiste en la pérdida de las huellas o en la destrucción o disolución de los restos del pasado, sino en la aparición de impedimentos para acceder a nuestros recuerdos” (p. 110).

Quais são os impedimentos que encontramos hoje para que possamos descobrir os elementos mais originais de nossa história passada? Que muro de separação é este que nos impede de encontrar nosso próprio tesouro? Creio que, em primeiro lugar, está a recusa em ouvir os mais velhos, de pensar sobre suas histórias, de perguntar sobre as imagens que vivem ainda nos porões de sua memória e que necessitam apenas de algum tema-motivo para desencadear as lembranças. Essas lembranças, como estamos vendo no caso de Cascalho, são de extrema relevância para a própria história do lugar que até então vive sem fazer os

diversos nexos entre a sua história atual e os fundamentos de sua constituição.

A mesma pergunta faz BOSI (1994): por que decaiu a arte de contar? E, segundo ela, é porque em nossa cultura está decaindo a arte de contar experiências, a arte que passa de boca em boca. Esta arte não está confinada em livros, ela tem sustentação na transmissão oral e na força da experiência. E por esta razão é cheia de realismo.

RICOEUR (1998) nos alerta que, no trabalho da memória, pode haver abusos ou o bom uso das recordações. Para isto, é preciso que o homem se dê conta de que não é o dono do sentido, nem sequer é dono de sua própria vida. Isto porque a memória guarda tesouros em forma de imagens que foram oferecidas a nossos sentidos. Estas imagens nem sempre são controladas e, em determinadas ocasiões, sendo estimuladas por objetos e perguntas, se nos oferecem como possibilidades vivas.

O importante aqui é perceber que tanto a memória quanto o trabalho do historiador vivem do estatuto privilegiado da testemunha. Num segundo momento, ambos são alimentados pela possibilidade de confrontar os diferentes testemunhos uns com os outros, para daí extrair a credibilidade do relato (RICOEUR, 1998). De alguma forma, a testemunha nos faz quase que assistir ao acontecimento contado. BOSI chega a dizer que uma atmosfera sagrada circunda o narrador, porque, na arte de narrar, está presente a pessoa inteira, “é uma relação alma, olho e mão” que trabalha a matéria-prima da sua experiência. A testemunha ou o narrador nos dá o acontecimento novo em folha, cheio de detalhes, de imagens e de cores vivas.

O que possibilita esse conhecimento? É o fato de que antes mesmo de contar, a testemunha viu, escutou, compreendeu as situações passadas. Ela mesma foi afetada pelo acontecimento. A testemunha é, portanto, a primeira a ser afetada pela história. Os moradores de Cascalho, por exemplo, ao contar como foi fecundo o encontro da

comunidade com as caravanas de romeiros que vinham em busca das bênçãos e exorcismos do padre Luis, conseguem nos passar exatamente a forma como cada um foi afetado pelo que ali sucedia. E nós, que passamos a dar ouvidos às suas histórias, nos tornamos testemunhas de segundo grau, somos remetidos a compreender a energia, a violência e o júbilo com que as coisas foram vividas.

BOSI (1994) sustenta, seguindo a tese de Halbwachs⁸, que quando relatamos as lembranças mais distantes do passado estamos nos referindo a fatos que foram evocados muitas vezes pelas suas testemunhas. Por isso, recordar exige a pertença a um grupo que possa sustentar nossa memória:

“As lembranças grupais se apoiam umas nas outras formulando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso esquecemos, não basta que os outros testemunhem o que vivemos. É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência. Imagine-se um arqueólogo querendo reconstituir, a partir de fragmentos pequenos, um vaso antigo. É preciso mais que cuidado e atenção com esses cacos; é preciso compreender o sentido que o vaso tinha para o povo a quem pertenceu” (p. 414).

O passado está cheio de enigmas. E ao recordá-lo nos encontramos com uma série de imagens. De alguma forma o recordar é representar um acontecimento

⁸ Para HALBWACHS (1990), cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva: *“Um homem para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio” (p. 54).*

passado. E nos pequenos fragmentos que recolhemos, pelos testemunhos dos velhos, temos a nítida impressão da relação existente entre memória e a imaginação. Ricoeur nos diz que tanto uma como a outra têm em comum o fato de se referirem a coisas ausentes, mas por outro lado, carregam em si uma diferença fundamental: enquanto a imaginação se desenvolve no âmbito do irreal, a memória encontra-se vinculada de um modo ou de outro com aquilo que realmente sucedeu. Isto porque a memória introduz um elemento novo, que é a testemunha. E esta, por sua vez, constitui-se como que uma estrutura de transição entre a memória e a história.

A memória trata daquilo que teve lugar num determinado tempo e espaço. O tempo, categoria da história, está inscrito na memória. Nas reflexões feitas em *TEMPO e Narrativa* (1990), Ricoeur mostra a concepção de tempo em Agostinho e, nesta perspectiva, a memória seria o vínculo fundamental com o passado, assim como a esperança é aquilo que nos une ao futuro. Por esta razão há uma profunda relação entre história e memória. Quando os velhos dizem: “um tempo era respeitado” e “hoje é anarquizado”, ou então “era assim um tempo como agora”, eles estão nos mostrando essa relação. Ou então, quando mostram o “chevrolet 41”, a partitura do coral paroquial, o terço, o anel de casamento, estamos diante dos vestígios do passado, que nos convidam e provocam a, de alguma maneira, reconstruir o passado que está silenciado. A memória cumpre a tarefa, então, de restituir o que um dia teve seu lugar.

Ainda resta-nos falar sobre o caráter sócio-político e educativo do trabalho da memória, na sua relação com a história. A história precisa reviver “as promessas incumpridas”, isto é, aquilo que sonhou levar a cabo a gente do passado. Como se faz isso? Só na medida em que nos detemos em perceber, nas falas, aqueles valores e

significados que ainda não puderam se concretizar, que eram sonhos, utopias. Estas coisas formam parte da memória.

RICOEUR (1998) propõe - seguindo a definição de BLOCH (1993), segundo a qual a história é a ciência dos homens no tempo - que não devemos nos limitar a considerar a história apenas como a ciência do passado. Consideramos o passado como “aquilo que não existe mais” ou como “aquilo que foi”. Se ela é ciência dos homens no tempo, então, deve mostrar-se a partir de uma concepção dialética do tempo: passado, presente e futuro. O passado deve ser visto no seu movimento no tempo. O grave risco que se corre é reduzir o conhecimento histórico a uma pura orientação retrospectiva. Diz RICOEUR:

“... l'historien, en tant qu'individu passionné et que citoyen responsable, vient à son thème avec ses attentes, ses désirs, ses craintes, ses utopies, voire son scepticisme. Ce rapport au présent et au futur influe incontestablement sur le choix de son objet d'étude, sur les questions et les hypothèses qu'il forme, sur la pesée des arguments qui sous-tiennent ses explications et ses interprétations, mais ses postures à l'égard du présent et du futur ne font pas partie thématiquement de son objet d'étude” (p. 25).

Temos consciência de que os arquivos e documentos pertencem ao passado. Todavia, o trabalho da memória tanto individual quanto coletiva é que faz essa conexão do presente do passado com o presente do futuro. De tal forma que aparece em RICOEUR (1998) a noção de dívida, isto é, o fardo que o passado faz o futuro carregar. O passado traz uma dívida para o futuro, uma vez que os sonhos dos

homens do passado podem ser concretizados por uma outra geração, que passa a ter, pela história, a responsabilidade de continuar a construir aquilo de bem que outros desejaram e não viram cumprir-se. A dívida obriga. O que é objeto de lembrança causa uma verdadeira revolução, em primeiro lugar porque trata-se de um objeto perdido (de amor, ou de ódio), porém, num segundo momento transforma-se numa dívida. É a ocasião para que efetivamente nos perguntemos o que fazemos com nossa memória no hoje e no amanhã.

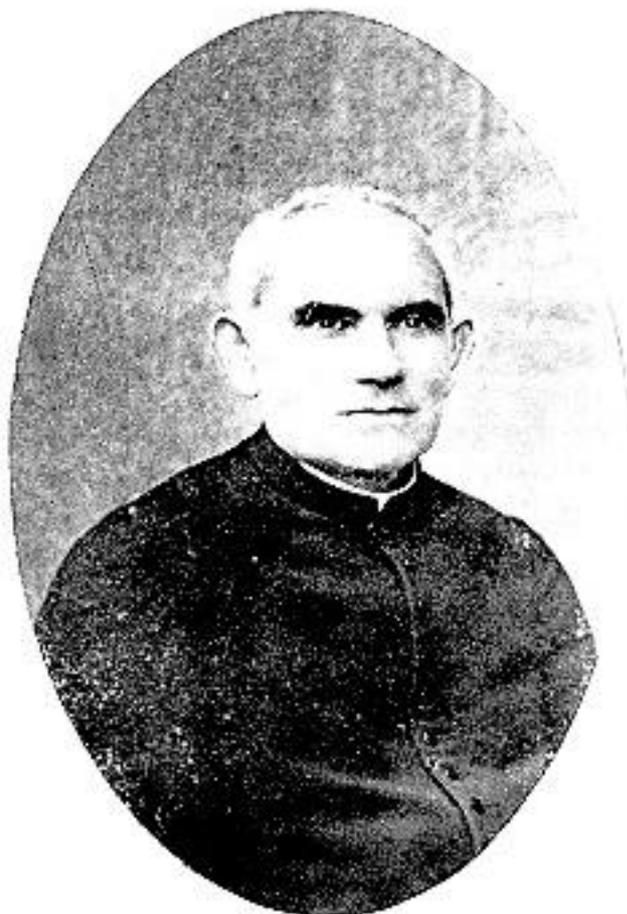


Figura 02

“Amar é sofrimento de decantação,
produz ouro em pepitas,
elixires de longa vida,
nasce de seu acre
a árvore da juventude perpétua.
É como cuidar de um jardim,
quase mortal deleitar-se
com o cheiro forte de esterco,
um cheiro ruim meio bom,
como disse o menino
quanto a porquinhos no chiqueiro.
É mais que violento o amor.
(Adélia Prado)

Capítulo II

O PADRE CHEIO DE PODER

Quem mora em Cascalho não esquece. Percorrendo os sítios e visitando as famílias, você logo se surpreende. Tem uma presença do passado que explica a realidade de hoje. Para os da comunidade de Cascalho, o padre Stefanello é aquele que faz essa conexão. Não é apenas pelo fato de encontrarmos obras que ele deixou, marcas de sua laboriosidade, mas é que esta sua ação em favor do povo continua no tempo presente. É preciso estarmos atentos para perceber que os moradores têm uma relação com Stefanello como se ele continuasse presente ali. Fazem seus pedidos ao padre. Acreditam no seu poder. E vêm continuamente sua intercessão em favor da vida da comunidade. É mais ou menos o que descreve Dona Vitória:

“Às vezes, de noite, eu acordo e começo a lembrar tudo os passados meus, sabe? Começo a pensar. Meu Deus do céu!!! Quantas coisas bonitas. Você tá vendo como tá bonito Cascalho? É tudo força dele. Você pensa que ele não anda por aí? Ele anda aí. Ele toma conta das coisas dele. Ele é bom. Precisa ter cuidado...”

Está “bonito assim” porque “ele anda aí”. E, desse modo, é preciso cuidado para não dizer coisas demais. Não há lugar para reclamações. A vida é positiva. E

quantas coisas bonitas que perduram no tempo! A razão é simples: ele ainda cuida, pertence às coisas e pessoas que ele amou.

Precisa ter cuidado, porque esse padre tinha poder: *“Tinha poder mesmo esse padre aí, viu? Eu tenho até medo de falar nele, viu. Tinha poder mesmo, Nossa Senhora, se ele tinha poder”* (Dona Santa).

Enquanto realizávamos a pesquisa, fomos informados de um furto que ocorreu na Igreja. Logo pensamos: como será que os mais velhos irão explicar o que aconteceu? O fato foi assim: um desconhecido entrou na Igreja, aproveitando que não havia ninguém por perto, e subiu no altar-mor para retirar os brincos e a coroa da imagem da padroeira principal. Era a imagem de Nossa Senhora da Assunção. Mas, nesta hora, um dos garotos do bairro entrou na Igreja. Viu aquilo e achou estranho. Não era mês de coroação de Nossa Senhora. Não era ainda a Festa da Padroeira. Como que estão tirando a coroa dela? Foi logo informar ao vigário. Houve tempo de perseguir o autor do furto. Assim que foi informado, o vigário saiu correndo atrás do possível assaltante, mas não conseguiu detê-lo. Na fuga desesperada, o ladrão, que levava a coroa e os brincos da santa, acabou se acidentando na estrada que liga Cascalho a Cordeirópolis. Recuperaram a coroa e os brincos. Nos lábios dos moradores mais uma história do poder do padre Stefanello: *“tá vendo, foi roubar de Nossa Senhora, ainda mais desta da qual o padre Luis tinha um imenso ciúmes, só podia acontecer isso mesmo. Foi o padre Luis que protegeu”*.

Stefanello é descrito como “forte”, “poderoso”, “terrível”. Para o Sr. José Nardini, o padre era poderoso como ninguém: *“Eu sempre falei que igual a ele não vai aparecer outro igual, porque o que ele fazia, não é porque o senhor é padre que eu vou falar, não é qualquer padre que faz o que ele fez, o que ele fazia”*. O poder

está ligado à sua ação extraordinária. Apesar de muitos dos entrevistados afirmarem que o dom do poder é dado a todos os sacerdotes, nem todos desenvolvem esse poder singular. O padre de Cascalho é singular. Os que numa conversa dizem “o padre de Cascalho” não estão fazendo referência ao atual pároco ou vigário, mas estão indicando aquela presença do passado.

Uma presença tão singular que reações provocava? O que significava estar diante de um homem tão poderoso? Diz o Sr. Paulo:

“Meu pai, Nossa Senhora. Tinha um respeito pelo padre, como se fosse Deus. De modo que o padre nunca mexeu com meu pai e com minha mãe. Só fazia bem. A mãe, às vezes, tava sempre doente, de dieta do segundo filho, ficou sempre doente e ele vinha aí. Meus pais sempre diziam que queriam morrer com o padre na cabeceira e chegou. A mãe morreu primeiro, né? E o pai também morreu com o padre aí. Como se vive, se morre. Quem vive bem, morre bem”.

O respeito aqui significa querer manter o olhar fixo para um outro, como que provocado pela presença. De tal forma, que morrer em sua presença é morrer perto de Deus, é morrer bem. Como é que se vive? Para o povo de Cascalho, não tem jeito de viver sem relacionar-se com o padre. Assim se vive. Como é que se morre? Com ele na cabeceira. Assim se vive e morre bem, como se estivesse na presença de Deus.

Como é possível não considerar com respeito uma pessoa com tal poder? Como não levar em conta aquilo que ele falava? O que dizer quando havia por parte de alguém o desrespeito à sua autoridade? E os que não acreditavam no que ele fazia? Ou ainda: o que dizer daqueles que falavam mal e criticavam a sua atuação?

Não há dúvida: falar mal do padre é causar um dano na sua própria vida. Em geral os moradores não gostam de tocar muito neste assunto, porém, não deixam de mostrar os casos em que os que foram contra o padre acabaram envolvidos em situações difíceis: doenças, sofrimentos, morte trágica. São unânimes em afirmar que “principalmente estes morreram”. É o que diz Dona Emília: *“Sei, porque olha não pode falar nada contra os padres também viu, porque cai em cima da gente mesmo”*. Ou para a mãe de Dona Santa que aconselhava os filhos:

“Vocês deixam os padres no lugar dele, ocêis não fala mal do padre, não se intrometa com o padre, porque se o padre falar bem o bem é deles, se ele falar mal quem vai prestar contas a Deus é eles. O padre merece nosso respeito, e se ele falar bem é bem deles, se ele falar mal e não fala bem o pecado é deles. Porque os padres é mais julgados do que nós. Os padres são mais julgados do que nós, porque eles estudaram e sabem tudo”.

Os que pertencem às famílias com as quais o padre se envolveu em problemas, sobretudo, os mais velhos, hoje não ousam dizer nada contra o padre. Dona Vitória, por exemplo, só fala que seu pai queria o perdão do padre. Só falava em perdão e que a briga foi esquecida. O pai dela era o Sr. Domingos Della Coletta, que se envolveu num tremendo debate com o padre, culminando na sua saída de Cascalho com toda a sua família, ficando apenas sua filha Vitória, que estava já para se casar. Porém, seu casamento nem sequer pôde se realizar na Igreja de Cascalho, por conta desse desentendimento.

“Nenhum deles acabou bem”. Esta é a explicação ou até a maldição sobre quem se opôs a Stefanello. A vida de todos é colocada em confronto com Stefanello: os que vivem bem com ele, morrem bem; mas os que tocam “pedra” no padre,

acabam eles mesmos sofrendo do mal. O melhor mesmo, nesse caso, é fazer como diz Dona Rosa: *“Ah, tudo mundo andava direito. Sabia do gênio dele, né? Ele tinha um gênio forte, mas bom. Não queria ver coisa errada”*.

Um “gênio forte e bom” que sabia reconhecer a pessoa. A comunidade de pertença nos diz que Stefanello “era bom” e *“que dava o coração se fosse por bem”* (Sr. Paulo), mas diante do mal, indispunha-se. Quando interrogamos Dona Santa sobre como era o padre, ela imediatamente respondeu: *“Era positivo. Ele era positivo. Muito bom padre, nossa Senhora. Eu assisti cada um ruim lá e sair bom, que só vendo”*. A positividade é uma marca da vida dele, mas que está estreitamente relacionada ao fato de conseguir reconhecer que algo não vai bem na vida da pessoa e na sua capacidade de transformar essa situação. Sua positividade se expressa sobretudo na sua relação com os doentes. Uma positividade que devolve a originalidade para cada coisa. Na memória dos moradores está presente esse reconhecimento. A mãe do Sr. Paulo é exemplo disso: quando Stefanello via Dona Hipólita, que era uma mulher doente, que vinha a missa, ele saía do lugar onde estava e vinha saudá-la:

“A mãe era uma coitada, doente. Ela ia poucas vezes lá (na Igreja). Mas quando o padre saía da confissão tudo admirava: ele não ia no altar. Ele via a Hipólita, que era a minha mãe, e ia: ‘- Como vai, Hipólita?’ É que ele sabia que era uma pessoa fiel, né? Era uma pessoa que não fingia. Era pessoa: o que é, mostrava, é. Isso tanto meu pai e minha mãe. E nós fomos ensinados assim”.

A positividade com que Stefanello olha para as coisas e para as pessoas vem de um relacionamento com a sua comunidade. Não é um relacionamento frio e

calculista. Mas é de alguém que conhece o seu povo. Ele sabe quem são os seus fiéis. O seu poder está em reconhecer quem é uma pessoa. Impressionante o Sr. Paulo definir o que é uma pessoa: “o que é, mostra”. Pessoa é aquele que não finge. Mesmo a realidade do sofrimento e da dor não pode impedir a pessoa de ser o que é.

Um aspecto que se depreende deste é que Stefanello, mesmo com os amigos, não deixa de dizer o que tem de ser dito. Às vezes, se arrepende do que faz, pede perdão, volta atrás. Mas é de um caráter firme. É também um tipo que gosta de brincadeiras e não perde a oportunidade para fazê-las. O Sr. José Nardini, depois de acertar a data do batizado de sua filha, que seria depois da última missa do Domingo, quase se desentende com o padre:

“Aí, quando acabou a missa de Ramos, quis entrar na sacristia e eu fui também. Aí, quando chegou a minha vez o padre disse: ‘- E o que tá fazendo?’. Eu respondi: ‘-É um batizado pra fazer, padre’. Ele me pegou pelo colarinho assim e disse: ‘-Batizado uma hora dessas?’. ‘-Bom o senhor é que sabe, se o senhor não quiser batizar a minha filha, ela vai ser batizada hoje’. Peguei e saí pra fora. Fui lá no bar e falei pro meu irmão: ‘- Chama um taxi pra mim’. Meu irmão tava lá ocupado, que tinha bastante gente e não atendeu já. Daí o meu cunhado... aí, ele me chamou, me deu sinal e me chamou. Aí, eu fui lá e me falou: ‘- O padre vai batizar’. Aí, aquele tempo eu já era pedreiro e o padre começou com brincadeira. Quando falou: ‘-Como é que é o nome da menina?’. Eu respondi: ‘- Creoides’. Ele achou um nome meio esquisito, né? Ele falou assim: ‘- Porque você não pôs tijolo?’. Ficou com brincadeira, né? Mas ele era assim: ele era a norma, mas depois ele passava. Guardar, ele não guardava rancor, o padre. Não. Ele era assim na hora, depois passava tudo”.

Ao lado desse olhar positivo para a realidade encontra-se um outro fator. O seu

poder era enorme, de tal forma, que as pessoas ficavam curadas, reencontravam o equilíbrio, “ficavam mansas” só de falar com ele. Ele tinha o poder de curar e expulsar os espíritos maus. Segundo Dona Santa, *“o padre Luis era um padre muito bom e cheio de poder. A gente que ia lá pra tirar o espírito era uma coisa louca. E ele tirava o espírito e deixava a pessoa boa mesmo, viu?”*.

Muita gente começou a acorrer a Cascelho para tentar ficar livre de seus males, de seus sofrimentos, e de suas doenças. O que atraía tanta gente? Segundo nos conta Dona Rosa, era o fato de que vinham de um certo jeito e voltavam para casa de outro: *“vinha aí com espírito e se viam livres”*; estavam aprisionados e ficavam libertos. Estavam doentes e eram, portanto, curados. Esta relação íntima entre o mal que me atinge e a cura realizada depois do encontro com o padre, é que fez com que as pessoas se tornassem gratas a Stefanello e, desse modo, oferecessem dinheiro e donativos para as obras da Igreja. A libertação de uma pessoa não tem dinheiro que pague: *“Vinham aí com espírito e ia embora livre. Aqueles que tava livre não dá um dinheiro? Vem de longe e se vê livre de uma. Tinha gente que vinha numa cama”*. Vinham de longe pedir-lhe a bênção porque sabiam que ele curava, que ele tirava o espírito.

Como não se admirar diante de tais fenômenos? Para os moradores de Cascelho, as notícias de seu poder faziam com que Stefanello ficasse famoso por todo o Brasil. Muitos dizem que *“ele era conhecido no mundo inteiro”*. É admirável, porque não trabalhava com casos simples: seu trabalho era com “coisa ruim”. Mas livrava.

“É, eu admiro. Nossa Senhora!!! Quanta gente que vinha, meu Deus do céu!!! De fora, de longe, vinha de caminhão cheio. Ele tinha muita fama, né? Que ele curava, que ele benzia. E ele curava mesmo, nossa

Senhora!!! Agora, curava aqueles que tinha coisa ruim, né? Ele livrava. Sei lá o poder dele. Ele tinha um poder que só vendo. Agora, o padre Miranda falou que tudo os padres tem esse poder” (Dona Santa).

No período da construção da Igreja, “foi o poder dele que segurou a torre”, que estava pendendo sobre a nave do templo:

“Os fundamentos da torre da Igreja, alicerce tudo, feito prontinho ali, subiram a construção até a altura do telhado e depois subiram o andaime de madeira. A Igreja estava com o telhado pronto, coberta, com telhado novo e tudo. Novinho e coberta. Então teve aquele temporal e aquele madeiramento pendeu. Se caísse em cima, debulhava tudo. Não tinha forro nada, somente o telhado. Ficou assim pendurada lá, inclinou e ficou, e esse abençoado padre ficou na janela a noite toda com a Nossa Senhora Aparecida e não caiu” (Sr. Fausto).

A torre não caiu porque o padre era forte no seu pedido. Tantos anos de esforço e trabalho na construção do templo. Não podia estragar tudo de uma hora para outra. O templo foi fruto dos esforços de todos do bairro, que se uniram para levantar a Igreja. Foi tempo de sacrifício: os sitiantes eram convocados na missa para ajudar a trazer areia e a puxar material com suas carroças. Tudo era coordenado pelo padre, pelo pedreiro - que era o Sr. Antônio DeNadai - e seus auxiliares. Tudo era feito com muito zelo. Trabalho voluntário. Cada detalhe era importante. Nada podia ser deixado de lado:

“E aí, (o padre) foi fazendo a Igreja. O tio Antônio Denadai, ele era um bom pedreiro. E depois se tinha

um pouquinho de torto, o padre Luis dizia: ‘-Aqui tá torto. Tá torto este cantinho aqui’, ele falava. E o pedreiro respondia: ‘-então, eu vou desmanchar, porque mando eu aqui no meu trabalho’. Uma vez ele precisou desmanchar um pedaço, mais de dois metros de pilar, para poder fazer de novo, porque tava um tijolinho fora” (Dona Rosa).

Outra coisa poderosa era o seu olhar. Em muitos a reação era de medo. Talvez só o olhar já dissesse muitas coisas. Era um olhar que percebia as pessoas, que num primeiro momento assustava, que reconhecia os que estavam com algum mal, ou que estava inteiramente voltado para os doentes. Os moradores falam muito desse olhar: *“A gente tinha um pouco de medo de chegar assim, porque ele olhava você com aquele olho, aquela pestanona que ele tinha assim: ‘-Que ocê quer?’. Não é de agradar, não. Mas ocê falando com ele, depois, ele...”* (Dona Emília). *“Ele ficava com o olho atento e já percebia. Um aqui, outro lá. Outro tremia. Outro gritava. É desse jeito”* (Sr. Fausto).

O poder de Stefanello se manifesta também para solucionar as brigas no bairro. Estas tinham sua origem em desentendimentos por questão de demarcação dos limites de terras e pelo problema da água, que irrigava as plantações de diversas propriedades. A Dona Santa nos conta da briga entre a sua cunhada e outra sua vizinha que tinha fama de feiticeira:

“A véia Zorzo que tinha fama de ‘striga’, feiticeira, né? Então, a minha cunhada começou a brigar com ela, né? Então, a minha cunhada falou assim pra ela: ‘-olha, eu te ferveu na panela, viu?’. Porque diz que o ‘striga’ faz mal, aquelas coisas no travesseiro e depois, pega essas coisa e põe na panela e ferve, né? A minha cunhada

dizia, então: ‘-Te fervo na panela, viu?’. Então, ela falou assim pra minha cunhada: ‘-E eu te faço morrer de caganeira, viu?’. Então, a minha cunhada falou assim: ‘-Ah, sim, vamos ver se a senhora tem poder de fazer isso pra mim’. Ela falou: ‘-Te faço sim, te faço morrer’. E não foi mesmo: a minha cunhada, o que ela comia agora, daí meia hora ela fazia. Ruim. *Aí, o meu irmão levou ela no médico, em Limeira, nos médicos. E não achava a doença, não achava a doença de jeito nenhum, né? *Aí, o meu irmão pegou e foi no padre, né? Agora, o único remédio é ir com o padre. *Aí, foi com o padre. O padre benzeu, benzeu ela tudo, mas custou pra curar ela. E ele salvou ela. E ele falava pra ela assim: ‘-Você viu? Você viu? Você viu? Você foi se intrometer com aquela velha, ela falou que te fazia você morrer de caganeira, mas ela te fazia mesmo, você ia morrer mesmo, você ia morrer. Se não fosse eu, você ia morrer’.* O padre salvou ela. Você vê que poder que ele tinha”.**

Em Cascalho, convivem duas pessoas poderosas: o padre e a feiticeira. O primeiro com fama de exorcizar o mal e a outra com fama de invocar o mal sobre as pessoas. O fato é que o padre reconhece o poder daquela mulher em trazer certos prejuízos à vida das pessoas: “-você foi se intrometer com aquela velha, você ia morrer mesmo”. Por outro lado, Stefanello reconhece que é ele quem tem o poder de desmanchar aquela espécie de mau-olhado. O trabalho do padre é detectar que o mal veio não por acaso, mas pela intervenção dessa velha com a qual essa senhora foi se intrometer. O mal que atingiu aquela senhora tem uma explicação, mas não é de ordem científica, pois o médico “*não achava a doença de jeito nenhum*”. Já o padre consegue detectar que foi o fato de mexer com aquela velha feiticeira, que trouxe os efeitos estranhos à sua saúde⁹.

⁹ Segundo QUINTANA (1999), “*nessa concepção de mundo não existiria então, o acaso, a coincidência. Tudo possui uma explicação. É curiosa a semelhança que isso tem com a sobredeterminação em psicanálise. Nessa construção teórica também não existe lugar para coincidências, elas sempre podem ser explicadas como produto do determinismo inconsciente*” (p. 151).

Todavia, para Stefanello, enquanto as pessoas estivessem vivendo em Cascalho, estariam mais protegidas. Mas se, por exemplo, fossem morar em Cordeiro, município ao qual Cascalho pertence hoje, as pessoas estariam correndo riscos, pois ali é lugar de muitas feiticeiras. Ao se referir a Cordeiro como o lugar de feiticeiras, Stefanello está demarcando muito bem o seu território como um lugar protegido, e outros como lugares onde as pessoas poderiam se perder. Aliás, essa é uma constante preocupação do padre: ele não queria que seus patrícios deixassem Cascalho, pois poderiam se “perder”. Ao se afastar dali, poderiam perder os valores da cultura e da história a qual pertenciam, bem como, o risco de muitas outras superstições. Em Cordeiro, Dona Santa tem problemas com seu filho na escola e, ao buscar o auxílio do padre Luis, encontra nele a explicação para o que estava acontecendo:

“Tinha o Miro meu, que era pequeno e, quando ele fez 7 anos, eu pus ele na escola daqui (de Cordeiro), né? Mas quem diz dele querer ir na escola. Precisava pegar ele e levar lá na escola, ficar lá tudo, né? Eu falei: ‘-Puxa vida, por que será que ele não quer ir na escola?’. Eu morava aqui em Cordeirópolis, era pertinho da escola aí, né? Aí, eu peguei e fui levar lá no padre. E ele tinha confiança comigo, porque era muito conhecido, né? Ele falou assim pra mim: ‘-pra onde que ocê foi embora?’. Eu falei: ‘-Em Cordeiro’, que aqui era Cordeiro aquele tempo, até não era Cordeirópolis. Ele falou: ‘-Ocê foi no meio das feiticeiras, ocê foi morar no meio das feiticeiras’. Daí, ele benzeu o Miro, deu a bênção no Miro; daí, o Miro sossegou e foi na escola. Valia a bênção dele, valia, nossa Senhora, valia. Ele era muito assim... aberto, o que ele tinha que te falar, ele te falava, viu?”

Há uma estreita ligação entre estas manifestações de poder e todas as outras

que Stefanello realiza em Cascalho. Aquilo que ele faz, principalmente o seu trabalho, tem em vista alguns objetivos. A sua ação tem em vista a sua própria permanência e a do povo, no bairro de Cascalho.

Então, vamos por partes: o que faz Stefanello? Como que aparece seu rosto para as pessoas? Um dos valores mais salientados pelos da comunidade de Cascalho é o trabalho. Os mais velhos tinham uma tradição de dedicação pessoal, de amor à terra, de sacrifício pessoal para construir as coisas. Essa determinação pelo trabalho é de Stefanello: *“Ele gostava de trabalhar. Ele carpia. Aquela chácara que tinha atrás, um pedacinho de terra, que pertencia à Igreja, ele ia carpir”* (Sr. José Nardini).

Não só isso: comprou a sede ou o clube de esportes, fez a Igreja, fez a casa paroquial, fez o coreto, formou a banda e formou o coro. Ele era trabalhador. Para o Sr. Paulo, tudo isso ele fez para o povo. E, sobretudo, para que as pessoas não precisassem ir para fora do bairro buscar o que fazer. Tinham de permanecer ali.

Sua preocupação é com a permanência dos seus em Cascalho, por isso, não media esforços e sofria para realizar tal objetivo:

“Mas esse padre sofreu, ele fazia tudo pro povo. Bola, ele comprava pro jogador. Tinha uma banda de música: ele comprava instrumento e mandava consertar tudo o instrumento. Depois construiu o jogo de boxe. Pro povo ficar aqui, pra se divertir aí, até isso ele fez” (Sr. Paulo).

Não é só uma preocupação em proporcionar ambientes recreativos para a comunidade. Stefanello zela pela formação do pessoal do bairro: com o ensino da música, com a preocupação de levar uma escola para o bairro e até de fornecer outros

elementos para o incremento cultural: *“O padre Luis queria segurar o povo aqui em Cascalho. Então, ele comprou um terreno, que hoje é a sede, e ele queria construir um teatro, uma biblioteca pra instruir o povo”* (Sr. Guilherme).

A vida era difícil. Muitos não queriam permanecer ali, pois as condições de vida iam se tornando mais duras. Mas se havia alguém que não podia, o padre ajudava para que permanecesse: *“E se era um pobre, ele ajudava com dinheiro. Ajudava, se era um pobre que não podia. Ele era um coração de ouro”* (Sr. Paulo).

Assim, o que se arrecadava era para cumprir esse objetivo: de ajudar a permanência dos imigrantes nas terras que lhes foram concedidas para viver. Diz Dona Emília que *“tudo o que ele ganhava ele aplicava nas benfeitorias dele: ou da Igreja ou dos pobres, né?”*.

O que ele faz, visa não só o aspecto de “segurar o povo”, mas se relaciona profundamente à sua vontade de permanecer em Cascalho. A vida se constrói no tempo e quando você pode ver o fruto do seu trabalho se espalhando pelas gerações.

Foi em Cascalho que Stefanello aprendeu a ser padre: *“Bem dizer, ele nasceu aqui, se formou aqui. Era padre, se formou e veio aqui durante quarenta anos. Quarenta anos, meu filho”*. O que será que Dona Augusta quer dizer quando fala em quarenta anos de permanência de Stefanello? Será que ela está querendo indicar que só no tempo é possível se construir uma comunidade?

Talvez o relato de Dona Santa possa responder a esta questão: o que significa para Stefanello a grandeza? *“Quando eu fui batizar meus filhos ele falou assim: ‘- hoje é um dia grande pra mim, porque eu batizei a mãe, fiz a primeira comunhão dela, fiz o casamento dela e agora estou batizando os filhos dela’*. Para Stefanello, a satisfação em ficar em Cascalho provém de poder ver a geração espiritual de seus

filhos. A transmissão da fé católica, o desenvolvimento e o crescimento espiritual de cada um dos fiéis. O dia grande é aquele em que fica evidente, sobretudo nos sacramentos, a continuidade daquilo que foi recebido¹⁰.

O que Stefanello faz, está relacionado com a vontade de permanecer. O laço com a comunidade é forte. Façamos atenção para a imagem que um dos entrevistados utiliza para dizer o que significa essa ligação de Stefanello com Cascalho: “*O padre falava sempre: ‘- eu sou casado com a Igreja, eu não posso sair daqui. Eu sou casado com a Igreja. É minha mulher a Igreja’*”. É um laço definitivo: quem está casado, é para toda a vida. Manifesta o seu desejo de permanecer.

É um homem que, aquilo que ele sabia, ensinava:

“O padre Luis sabia música, ensinava bem, ele ensinava a cantar tudo. Até hoje o pessoal, de vez em quando, canta a oração de São Geraldo, porque ele trouxe as músicas e trouxe a oração, e depois ele fez o pessoal do coro cantar também” (Dona Rosa).

Ao nos referirmos à força incrível de Stefanello, devemos reconhecer que este seu poder é algo paradoxal, pois é visto dentro de uma fragilidade muito grande. O carácter de Stefanello é algo curioso. Todos os entrevistados nos mostram uma faceta de um homem “bom de coração”. Por outro lado, muito enérgico: “*a gente tinha um pouco de medo de chegar*”. Talvez algumas famílias tenham maior familiaridade e

¹⁰ Faz-nos lembrar do texto de BROWNING (1986) no seu livro UMA morte no Deserto, em que o autor coloca João, o último apóstolo, expirando na obscuridade e perguntando pela continuidade daquilo que um dia tinha tomado a sua vida. Assim escreve Browning: “*Quando minhas cinzas se espalharem não ficará sobre a face da terra nenhuma pessoa viva que tenha conhecido (considera bem isso!). Visto com seus olhos e tocado com suas mãos Aquele que foi desde o princípio a Palavra da Vida. Como será quando ninguém mais disser: Eu vi?*” (p. 13).

outras não. No modo como conduzia o seu sermão dominical, podemos encontrar esses traços: *“o padre era muito bom, tinha poder bastante. Ele fez bastante bem. Só que ele errava, tinha hora que ele errava muito”* (Dona Santa). E esses seus erros estão relacionados sobretudo ao seu ímpeto no falar. Em geral, o sermão é o momento de falar das “bonitezas” do Evangelho, porém Stefanello não consegue manter o caminho: uns dizem que ele *“quase nada falava do Evangelho”*, outros claramente declaram que *“ele falava até besteira no púlpito”*, e todos são unânimes em dizer que ele *“fazia um sermão comprido, falando dos problemas da comunidade”*. Segundo o Sr. Paulo, *“ele começava a falar bonito, falar bonito, mas de repente ele lembrava de um caso aí, tal, e deixava aquela boniteza e pendia na outra, não escapava nada”*.

“Ele não era capaz de ficar quieto. Quando ele sabia alguma coisa, ele gostava de falar na Igreja. Ele falava. Ele metia o pau mesmo dentro da Igreja. Por fim, ele ficava nervoso, né? Até minha mãe falou: ‘-será que não foi por causa dele tirar tanto espírito, que tentou ele assim?’” (Dona Santa).

“Ele falava muito na hora do sermão. Só que não falava do Evangelho. Ele mais criticava o povo. Demorava muito. Às vezes, você ia na missa às 10:00 horas e ocê ia até 1 hora” (Sr. Guilherme).

“O que tinha que falar, ele falava. Um dia, assisti a bênção e fui tomar a bênção. E chegou um carro com três ou quatro mulher, bonita, toda pintada. Naquele tempo, nós não usava pintura, não sabia o que era, mas essas mulher rica tinha disso tudo. Ele virou e falou assim: ‘-Agora sim, agora que eu tô velho essas mulher vêm atrás de mim. Suas vacas, o que vocês querem?’. Ele falava abertamente, viu? ‘-Agora que eu tô velho que vocês vêm atrás de mim’, ele falou. Então, elas davam risada e falavam: ‘-Nós não queremos nada do senhor, nós queremos uma bênção, nós queremos uma bênção do senhor’. Então, entra na Igreja, ele falava, e

daí ele dava a bênção. O que ele tinha que falar, ele falava, ele não escondia não” (Dona Santa).

Já dissemos também que a comunidade não tem muitos recursos. É a vida austera que a caracteriza. Entretanto, este também é o jeito de Stefanello. Os que foram entrevistados diziam: “ele era pobre”, não tinha nada, vivia do seu trabalho: *“Era pobre. Era pobre, porque eu lembro, uma vez que eu tava na venda do Fratini, e ele veio emprestar dinheiro do Fratini, pra atender um chamado do Bispo de Campinas. Ele não tinha dinheiro pra ir ali em Campinas” (Sr. João).*

Quando, já quase depois de 42 anos à frente de Cascelho, o padre Stefanello tem de deixar sua missão, por questões da própria saúde, mas também devido a desentendimentos políticos, o que fica na memória (*“ah, eu sempre lembro disso, aí”*) é que ele foi embora sem nada: *“Ah, eu sempre lembro disso daí: ele pegou, entrou na casa paroquial, pegou o saco de roupas, montou no carro e foi embora. Com um saco de roupa e sapato que ele tinha, sei lá. Foi embora sem nada. Coitado. Depois morreu na miséria” (Dona Yolanda).*

O que está claro é que a preocupação dele com o dinheiro é de ordem muito prática: a construção da Igreja e casa canônica, a assistência à Banda, a ajuda aos pobres, a contribuição para o Orfanato Cristóvão Colombo e para as missões da Igreja no mundo.

Como fazer a conexão de todos os aspectos que revelam aquilo que os velhos chamam de um “padre poderoso” com os elementos que pertencem a um desejo de realizar obras a fim de congregar a comunidade e com o desejo pessoal de ficar ali em Cascelho?

O que explica tudo é o fato de que sua palavra é poderosa. O que ele dizia,

tinha um significado de vinculação para todos, mesmo quando não se obedecia. Não só isso, mas a sua obra através da Igreja e da implantação de elementos para que o povo permanecesse, é que faz mudar toda a perspectiva. Nem sequer outras religiões conseguiram permanecer ali. O território é vigiado permanentemente pela sua presença. O que acontece é devido a uma bênção que ele deixou:

“E outra vez veio um, esses de outras religiões, eles vieram e falavam: ‘-Nóis vai abrir uma religião assim e assim’. Ele falou: ‘-Onde vocês querem abrir pode ir, aqui ninguém abre religião’. Mas não tinha nenhuma religião, viu? Nunca teve uma religião, enquanto o padre Luis veio aqui. Depois que morreu, só colocaram uma lá na cerâmica, mas também já acabou. Nunca mais teve uma religião, aqui em Cascalho. Eu acho que ele deixou a bênção, não sei” (Dona Rosa).

A experiência que se afirma até hoje, sem interrupção, é aquela iniciada com os primeiros imigrantes e com o padre Luis Stefanello. O fato de ninguém perder o vínculo com a tradição católica é porque o poder da bênção de Stefanello continua sobre a comunidade. Ele a dirige ainda. A ação realizada por ele, faz o povo ainda cultivar os mesmos valores transmitidos.

Como não ficar surpreendido com a experiência da comunidade frente ao padre poderoso? Como pode uma pessoa abrir o horizonte de significado para os acontecimentos do modo como fez Stefanello? Pela interpretação da comunidade, percebemos que isso só é possível na medida em que se está diante de alguém que foi tomado por uma potência superior. E utiliza esse poder em favor dos que ali vivem.

Foi VAN DER LEEUW (1960) quem, na sua obra FENOMENOLOGIA da Religião, nos mostrou a dinâmica da potência na experiência religiosa. Nesta obra, ele descreve, compreende e interpreta as ações e os relacionamentos que se formam entre o homem e a potência religiosa. Em se tratando de nosso objeto de estudo, as suas reflexões iluminam os dados expostos acima, bem como, oferecem quadros mais amplos para entender toda a ação de Stefanello.

Segundo VAN DER LEEUW (1960), a experiência religiosa se caracteriza pela busca de algo infinito, maior e potente que explique a minha vida:

“A religião implica que o homem não se limite a aceitar a vida que lhe é dada. Na vida, ele procura potência. Se não a encontrar, ou a encontrar numa medida para ele insuficiente, ele tenta fazer penetrar em sua vida a potência na qual ele acredita, busca inalterar sua vida, fazê-la crescer, conquistar um sentido mais profundo e amplo. Neste sentido, a religião é a ampliação da vida até o limite máximo. O homem religioso deseja uma vida mais rica, mais profunda, mais ampla, deseja potência (...). O homem que não somente aceita a vida, mas pede algo dela - a potência -, busca totalidade significativa: assim nasce a civilização. Assim, o homem transforma a pedra numa estátua, o impulso em mandamento, a solidão da selva num campo. Desse modo, ele manifesta potência. Mas o homem não pára: persiste em buscar um sentido cada vez mais profundo e abrangente, cada vez mais além” (p. 536).

Na abordagem fenomenológica de VAN DER LEEUW, esta busca pela vida sacra, cheia de potência, é garantida ao homem pelo rito, onde este procura a própria salvação. Através do rito, o homem vai em auxílio da vida frágil e suplica para que

haja um acréscimo de força para a vida. Nos ritos de passagem - batismo, matrimônio, exorcismo -, a vida é tocada por uma potência e se volta para ela. A dinâmica é ir ao encontro de um poder que supere o próprio homem. O sacerdote, o curador, o taumaturgo, o rei, carregam essa potência e podem transmiti-la. Desse modo, a vida humana, na sua relação com a potência, não é, em princípio, vida individual, é a vida da comunidade.

A potência de que fala VAN DER LEEUW não se refere a algo sobrenatural, e sim a algo extraordinário, diverso. Se analisamos as religiões primitivas, perceberemos que as coisas mais simples têm uma potencialidade (por exemplo, uma pedra). Para os gregos, os estrangeiros tinham uma potência estranha, eram objetos de temor. No caso de Cascalho: os brincos de Nossa Senhora são cheios de uma potência, são objeto de temor, os que ousam roubá-los são impedidos. O mesmo se dá com a água benta utilizada nas bênçãos para os doentes: o que vem a ser? É sinal contra as influências nefastas, preserva da ação do demônio, afasta fantasmas, sara as doenças, protege a entrada e a saída. Em síntese, a água potente ajuda o homem a superar o momento crítico que vive, neutralizando a potência perturbadora (no caso, o demônio), assegurando um andamento tranqüilo da vida.

Além disso, a potência faz aparecer na alma humana um certo receio ou temor. Este produz certas reações, tais como o medo, o respeito, a humildade e tantas outras. A pessoa nem mesmo se atreve a falar do sujeito de tal poder ou chegar perto dele a fim de criar certa familiaridade. Para VAN DER LEEUW não há religião sem medo, como não existe religião sem amor. O temor faz emergir na vida da pessoa o movimento de repulsa e, ao mesmo tempo, de atração.

Outro elemento não menos importante é a palavra daquele que representa essa

potência. A potência impele a falar, e a palavra por ele pronunciada tem como consequência trazer a salvação. A palavra do padre cheio de poder, em Cascalho, é objeto de muita atenção. Por sua palavra e ação, as coisas se transformam. A sua palavra ou mensagem é carregada de potência. No domínio dos poderes malignos, a palavra tem o poder de expulsar o espírito mal.

Por fim, percebemos nitidamente a função de mediador que Stefanello exerce, garantindo assim o contato entre a potência e o homem. O mediador dá a própria vida neste trabalho. Todavia, o que não podemos determinar aqui é a intensidade da experiência vivida pelas pessoas no contato com o padre cheio de poder. Esta experiência é profundamente religiosa, é um acontecimento. Os fenômenos externos têm um elemento objetivo que podemos alcançar. Mas a experiência vivida não é inteiramente acessível. Se pensamos em Dona Vitória dizendo que Cascalho está linda porque o padre Stefanello zela ainda pelo lugar, estamos no nível de uma experiência pessoal que reconhece no padre um poder de tornar o lugar bonito, mas o que se mostra a nós é uma experiência escondida na opacidade do acontecimento. Segundo VAN DER LEEUW, “a experiência religiosa vivida é de uma natureza escatológica, supera a si mesma (...), resta assim um resíduo, incompreensível como princípio, mas no qual a religião vê a condição da compreensão” (p. 359)¹¹.

¹¹ O próprio FREUD - que em seus estudos chegou a definir como “ilusórios” os fenômenos religiosos – reconhece, no seu ensaio MOISÉS e o Monoteísmo (1975), a inadequação dessa interpretação. Além disso, admite que sua explicação a respeito dos fenômenos dessa natureza não são satisfatórios: “Embora não queiramos retirar nada, não podemos esconder de nós que, de uma ou outra maneira, é insatisfatório. A causa, por assim dizer, não combina com o efeito, o fato de que desejamos explicar parece-nos ser de magnitude diferente de tudo pelo qual o explicamos. Talvez todas as investigações que até aqui fizemos não tenham revelado a totalidade da motivação, mas apenas certa camada superficial, e talvez, por trás desta, outro fator muito importante aguarde a descoberta em vista da extraordinária complexidade de toda causação na vida e na história, algo dessa espécie era de esperar” (pp. 146-147).

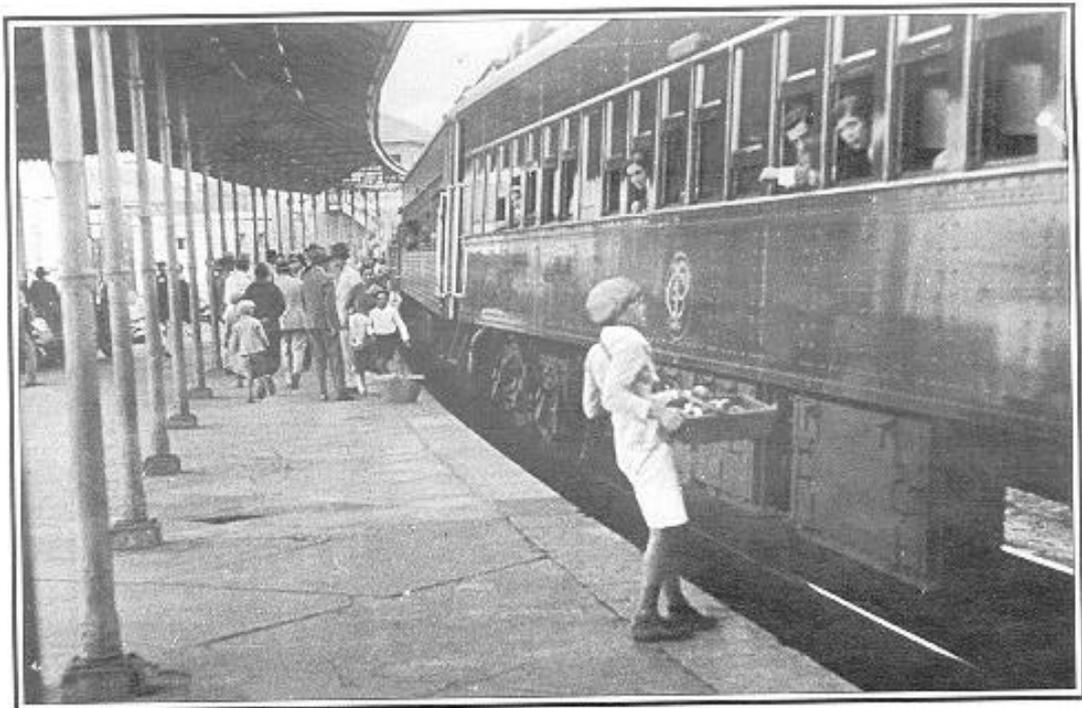


Figura 03

“Igreja é o melhor lugar.
 Lá o gado de Deus pára pra beber água,
 rela um no outro chifres
 e espevita seus cheiros
 que eu reconheço e gosto,
 a modo de um cachorro.
 É minha raça, estou
 em casa como no meu quarto.
 Igreja é a casamata de nós.
 Tudo lá fica seguro e doce,
 tudo é ombro a ombro buscando a porta estreita.
 Lá as coisas dilacerantes sentam-se
 ao lado deste humaníssimo fato
 que é fazer flores de papel
 e nos admiramos como tudo é crível.
 Está cheio de sinais, palavra,
 cofre e chave, nave e teto aspergidos contra vento e loucura”.
 (Adélia Prado)

Capítulo III

A LUTA COM O DEMÔNIO

“Como vinha gente”, esta é a expressão que se repete na boca dos moradores mais velhos de Cascalho. É a indicação de que nos tempos do “padre cheio de poder” alguma coisa diferente acontecia. Cascalho vai se tornando um lugar de romarias. Acorrem peregrinos de todos os cantos. Então, perguntamo-nos: quem é essa gente que vinha para Cascalho? O que eles buscavam? O que poderia acontecer neste vilarejo tão pacato? O que se modificava?

Segundo nos informa Dona Rosa, vinha bastante gente do Paraná “*para tratar exorcismo*”. Tratar exorcismo significa, para Dona Rosa, o trabalho do padre Luis para expulsar o diabo do corpo do doente. As pessoas estavam atraídas pelo padre Stefanello justamente pela fama que se espalha por todo o canto, de que ele é exorcista. Outras procuram o padre, porque têm algum problema para resolver. Segundo o Sr. Nardini, “*vinham porque tinham problema com familiar e porque atacava o espírito*”. Ao padre caberia dar a bênção a estas pessoas atacadas pelo espírito do mal. Percorriam distâncias naquela época para se encontrar com Stefanello. Vinha gente não só de São Paulo, mas também de outros estados, como Minas Gerais e Paraná. O que nos contam os moradores é que o padre trata de exorcizar os espíritos malignos que vem ali, e o que acontecia às pessoas tinha uma explicação: “*era o diabo*”. É assim a descrição feita pelo Sr. João:

“Gente lá de Minas, do fundo de Minas, de caminhão coberto por encerado, aparecia cheio de gente. Só que ele tinha posto uma lei: que ele só dava bênção a uma hora, antes e depois ele não atendia ninguém mais porque era demais, por causa do serviço dele de atender os doentes. Ele dizia que era o diabo: ‘- ocê tá com o diabo, mas vai melhorar’. Ele dava a bênção, o homem, às vezes, se jogava no chão, às vezes, queria fazer, passava aquilo, e ele ia lá colocava as vestes da missa e ia rezar a missa e o homem ali ninguém punha a mão”.

A pacata colônia fica agitada aos finais de semana¹². Muita gente de fora. Chegavam muitos doentes, gente atacada pelo diabo e que, segundo Stefanello, poderiam encontrar a cura e a salvação, poderiam mesmo melhorar. O fato é que algo irrompe no horizonte da vida dos habitantes de Cascalho e passa a fazer parte do cotidiano. Por outro lado, esse algo quebra a ordem natural das coisas. De tal forma que necessitam de uma organização, porque, do contrário, o padre não conseguiria atender a todos. Por isso, se estabelece uma lei: *“ele (o padre) só dava a bênção a uma hora”*. Ainda assim o movimento é forte e difícil de organizar: *“eles vinham de fora. Qualquer dia. Vinha de semana, vinha de Domingo, vinha de Sábado, vinha qualquer hora, qualquer dia”* (Dona Santa).

A população passa a conviver com essa anarquia. A reação da população, segundo os relatos, era de medo e certo nervosismo:

“Vinham tudo de fora. Vinham de longe. Até do Paraná. Vinham de caminhão, às vezes de carro. Se você visse que anarquia que tinha!!! Dava até medo.

¹² As relações de abertura da comunidade de Cascalho - tipicamente marcada pelos italianos - com outros elementos que não faziam parte de sua cultura, encontraram no Pe. Stefanello um veículo facilitador, pois com suas bênçãos ele atraía peregrinos de todas as partes do país, que passavam a conviver com os italianos de Cascalho. A idéia de diálogo com os elementos culturais brasileiros é, segundo estudo realizado por AZZI (1987), uma característica das colônias italianas no Estado de São Paulo, que difere da forma como se organizaram as colônias do Paraná e Rio Grande do Sul, onde diversos fatores colaboraram para que se formassem “guetos culturais”.

Era tudo dia, era tudo dia. Eu assisti uns par deles, depois a minha mãe não deixou mais não, porque ela achava que nós ficávamos nervosos, né? Você precisava ver que nervoso que dava” (Dona Augusta).

O que poderia causar medo e nervosismo? Seria apenas o fato de perceberem tanta gente chegando à sua pequena vila? Ou a forma como viam as pessoas, já os assustava?

Na porta da Igreja, antes mesmo de começar as missas dominicais, já tinha gente esperando pelo padre Luis. Todo Domingo era assim. O fato que assustava é que *“chegava romeiro dentro de um caminhão, assim, acorrentado. Espera lá!!! Coisa fora de série. Acorrentado e ele dava a bênção e saia andando”* (Sr. José). Ou como diz Dona Santa, tinha gente que vinha numa cama.

O fato de verem os doentes acorrerem a Stefanello é algo que sensibiliza a comunidade. Os moradores vêm até a Igreja para assistir, para ver o que o padre faria com os doentes. Sempre havia uma novidade para ser contada, se você fizesse parte e estivesse atento aos fatos da vida da colônia. Descrever essas “reuniões” dos finais de semana em Cascalho parece bastante difícil para quem não presenciou. Mas, para quem assistiu tudo, o que é que tinha?

“Eu assisti ele. Ele dava a bênção e rezava. E, às vezes, vinham gente com caminhão trazer gente amarrado. Tinha exorcismos, tinha espírito, tinha não sei o quê, traziam aqui. Aqui fazia fila. Cascalho era, Nossa Senhora!!! Era umas reuniões todo o Sábado e Domingo que o senhor não podia ir, que tava cheio de gente” (Sr. Guilherme).

De tal forma que o que aconteceu naqueles tempos é ainda hoje um elemento

identificador e que permanece no tempo. As pessoas de Cascalho quando viajam, ainda podem encontrar outras que dizem: “-Ah, você é daquele lugar que tinha o padre exorcista”. Cascalho se vê ligada ao padre que benze e, por outro lado, as pessoas de fora podem também se reconhecer porque, de algum modo, se sentem pertencentes ao lugar, por terem recebido dali alguma “graça”.

É Dona Emília que diz:

“Ele tinha muita fama longe, viu. Até hoje tem gente que pergunta se eu sou daquele lugar que morava aquele padre que dava aquela bênção. Até hoje, quando eu vou lá em Lindóia, tem gente de longe, que pergunta: a senhora mora onde morava aquele padre que dava a bênção? Esses antigos ainda lembra, né?”.

“Morar no mesmo lugar que o padre que dava a bênção” é morar num lugar já conhecido. É um passo para uma relação amistosa com o outro que antes era, para mim, um desconhecido. Esse “lugar” é especial. O elo invade o tempo; faz com que sua fama perdure até no tempo que se chama hoje. E isso é importante do ponto de vista dos moradores de Cascalho. Já pensou quem foi esse padre? Tão famoso que até agora tem gente que não esquece. Torna-se ocasião de admiração se os mais velhos, das cidades circunvizinhas, não tivessem ainda ouvido falar de Stefanello.

No frontispício da Igreja há uma alusão aos viajantes, aos peregrinos e a todos os que passam por Cascalho. É um alerta. É um pedido. É uma lembrança de que aquele “lugar” pertence a todos. Temos a seguinte inscrição latina: “*Siste viator et ora Mariam*”, ou seja, viajante pare e ore a Maria. Segundo a tradição, é ela a Nova

Eva, que venceu o tentador, que ficou para esmagar a cabeça da serpente, para proteger os novos filhos de Deus. Os viajantes em Cascalho eram encomendados a Virgem Maria, no título de Assunta ao céu. Nesta frase temos um pouco da auto compreensão de Cascalho: é um lugar de passagem e de oração.

Muitos eram os que passavam e paravam ali para se libertarem. Para Dona Rosa, ficou marcado o dia em que ela estava na frente da Igreja e chegou um homem, em cima de um caminhão, e outros cinco homens tentando segurá-lo. Ele queria pular do caminhão. Quase que em cinco homens não foram capazes de segurá-lo. Depois do encontro com Stefanello, que chegou e foi mandando tirar as mãos de cima do doente, este homem ficou bom e ele mesmo disse ao padre: *“olha, eu tô bom, padre. Agora, eu tô bom”*. E o padre perguntou: *“-E primeiro o que você tinha?”*. E ele respondia: *“Ah, eu não sei o que eu tinha, eu não queria obedecer a ninguém, eu acho que eu não tava bom, não”*. Para Dona Rosa, a teimosia daquele homem, é indicação de que há algo que não está bem, pois o desobediente por excelência é o diabo. Ninguém mais é capaz de segurar. Não adianta a força de homens fortes, precisa de um outro poder aí.

Ao terminar de contar o caso, Dona Rosa faz uma pequena pausa e me interroga: *“-Você nunca soube?”*. A pergunta foi feita com um certo espanto, supondo que o interlocutor, por ser do próprio município de Cordeirópolis, deveria ter conhecimento dos fatos de Cascalho, pelo menos de algumas histórias. Era impossível não saber, pois todo mundo conhece, até mesmo aqueles que são “de longe”. Como é que você, aqui do lugar, não ouviu nunca ninguém contar? Um acontecimento desses é grande. Não saber é como não pertencer ao grupo. Este elemento passa a fazer parte das tradições das famílias do bairro e de todos os descendentes de italianos.

De qualquer forma, para todos, a sensação de que estavam diante de algo que não davam conta de explicar é evidente. A sensação de que no horizonte de nossa história entram outras pessoas, que buscam um bem para a sua vida e que parecem ver surgir nesta peregrinação a Cascelho uma certa resposta, faz quebrar a rotina das famílias do lugar. Os doentes eram trazidos por suas famílias e seus conhecidos. Mas, nestas pessoas há um intruso.

Para os de Cascelho é fácil descrever quais as características mais evidentes desse intruso. Desse que tomava as pessoas. Como nos falava Dona Rosa, *“ele não queria obedecer”*. Era, portanto, desobediente.

Mesmo diante do padre e das orações que ele fazia, o demônio recusava sair, persistindo na desobediência: *“Meu sogro que viu o padre Luis dar a bênção, tirar o espírito dessa gente que vinha e que tinha demônio. Coisa horrível. Não queria sair”* (Dona Aparecida).

Além disso, o demônio deixava a pessoa ruim:

“É, veio um moço do Paraná que vivia sempre doente. Achava que ele tinha um espírito mal e coisa e outra. E ficou morando bastante anos com o padre Luis. Depois, quando o padre Luis foi embora, eu acho que ele foi morrer lá no Paraná. Eu sei que ele morou bastante anos aí, com ele. De vez em quando ele ficava ruim, esse moço. Eu sei que o padre Luis dava a bênção nele, mas nem assim. De vez em quando ele ficava ruim” (Dona Rosa).

O laço estabelecido com “os que vinham de longe” tornava-se proximidade. Tal necessidade de ver o demônio vencido, fez com que Stefanello trouxesse esse

moço para viver com ele e, assim, tentar curá-lo. Esse moço visitou pelo menos umas três vezes Cascalho, sendo apresentado pelos seus pais; era “curado”, mas depois voltava a sofrer suas crises. Até que Stefanello resolve deixá-lo morar com ele, na casa canônica. Inclusive Dona Yolanda lembra que, uma vez, teve de cozinhar para o padre, pois a empregada tinha viajado e acabou ficando sozinha na casa com esse moço, um tal de Alexandre. Uma vez, ele se aproximou dela e disse: “-*Hoje eu não tô bom, viu?*”. Bastou falar isso para Dona Yolanda pegar e deixar de vir cozinhar na casa canônica. Não se arriscava, porque pressentia que aquilo não era só doença, o moço podia estar com algum espírito demoníaco.

Aliás, é muito comum você ouvir este tipo de história, um pouco tensa, cheia de receios e produzindo certo medo, e que revelam a “anarquia” instaurada pela presença desse intruso, que, por vezes, adquire a fisionomia animal. A animalidade é o outro rosto do demônio. Não é mais o homem, é um animal que aparece.

“Uma vez, veio um homem arrastado. Assim, como uma cobra. Eu tava no banco, assim na beirada, então veio perto e eu comecei a ficar com medo. E então, eu falei pra minha cunhada: ‘- meu Deus, o homem tá aqui e o quê que eu faço?’. E aí, o padre viu que tudo tinha medo, então ele falou assim: ‘-me pega esse homem e leva pra fora. Só uma hora eu dou a bênção’. E aí, uma hora ele deu a bênção. E ele, depois, tirou o espírito do homem. Fazia seis meses que andava de arrasto, por causa de uma moça. Diz que ele largou dela e ela fez mal pra ele não andar mais” (Dona Augusta).

É natural que um homem que venha se arrastando como uma cobra cause medo. O medo é vencido pela intervenção de Stefanello. O padre enfrenta o mal. E a

que mal está submetido este homem? Parece ser um mal feito por alguém: “*andava de arrasto por causa de uma moça*”. E esse é um dos problemas mais comuns que Stefanello enfrenta com aqueles que vêm de fora implorar sua bênção: que retire o mau-olhado, o mau desejado por outrem e que acarreta dificuldades no cotidiano.

Ainda Dona Augusta nos conta o caso do marido que levou sua mulher, a qual - “*sem juízo nenhum*”, tomada por um espírito - parecia um macaco:

“E depois, o homem levou embora a mulher. Ela tinha cinco filhos. Dizia que ela subia em árvore. Lá em Cascalho, ela subia em árvore, parecia um macaco. Já pensou uma mulher subir em árvore? Pra ver que não tem juízo nenhum. Ele falou que tinha ainda cinco filhos em casa. Ele chorava. Parece que eu tô vendo, viu. Eu fui assistir muito espírito, e às vezes, vinha quando nós estávamos na missa. Então, eles entravam na Igreja e a gente via”.

Estes espíritos entravam na Igreja e ficavam ali. Segundo Dona Augusta, junto com estas pessoas doentes havia os espíritos que as possuíam. Ela viu um mudo que o padre curou. A família dizia ao padre que ele tinha ficado mudo depois que havia largado de uma moça. A explicação dada é de que a moça tenha feito ele ficar mudo.

Tudo o que representava coisas mal feitas por um outro, como no caso de um mau-olhado, de feitiçaria, de encosto, de bruxaria etc., o padre conseguia lidar com facilidade. Mas, os que apresentam maior dificuldade eram os que procuravam anteriormente um auxílio indevido. Por exemplo: ficava mais difícil livrar uma

peessoa que antes já tivesse passado por uma sessão espírita¹³⁻¹⁴.

O demônio ficava ali na Igreja. Vinha até à missa. Como quando, em redor dos mosteiros, fica uma multidão de demônios esperando qualquer vacilação por parte dos monges. Eles são atraídos também pela força da oração e querem mesmo enganar os que são firmes na fé.

Stefanello, porém, nunca desistiu de lutar. Ele era mesmo fascinado, em certo sentido, pelo enfrentamento com o demônio. Sobre isso nos informa um outro sacerdote, chamado Pe. Frederico, que tinha muitas ligações com o Pe. Stefanello, no tempo em que este estava vivendo em Águas de Santa Bárbara. Este sacerdote se recusou em gravar a entrevista, deixando apenas que anotássemos a sua fala. O Pe. Frederico procurou Stefanello também motivado por sua fama e queria aprender técnicas para abençoar as pessoas, mas sua decepção foi constatar que para Stefanello tudo era explicado pelo demônio. Este sacerdote me dizia que o padre Stefanello tinha uma energia enorme, e mexendo com o pêndulo me indicava que só de ouvir falar o nome do padre Luis Stefanello, o pêndulo em suas mãos girava para cima, com uma força incrível, e que chegava mesmo a doer-lhe o braço. Confidenciou-me que muitas das mulheres que foram limpar o quarto do padre, após seu enterro, se

¹³ Segundo AZZI (1988), o catolicismo luso-brasileiro deixou muitos dos ministérios nas mãos dos leigos e era muito típico a presença de benzedores, rezadores e curandeiros, e da parte do clero estas atuações eram consideradas como superstições, ignorância e fanatismo. Uma carta do Sr. Friederich Wehrsig, residente na famosa fazenda Ibicaba, hoje no município de Cordeirópolis, que era a fazenda do Senador Vergueiro, informava a um seu irmão da Alemanha a situação em terras brasileiras, e um pouco da religiosidade ali reinante em 19/04/1850, portanto, nos primórdios da imigração. Assim, ele fala a respeito da religião: "Quanto a religião, reina ainda um acentuado catolicismo e a crença em milagres e assombrações encontram-se em todo lugar e até em homens inteligentes. Todos usam um rosário no pescoço e beijam humildemente uma bandeira do Espírito Santo. De escolas e ensino raramente se fala, e um brasileiro quase nunca sabe ler" (HEFLINGER, 1999, p. 60).

¹⁴ Neste sentido, Stefanello observava estritamente o que o próprio RITUAL Romano (1880) recomendava a respeito dos espíritos demoníacos: "*Aliqui ostendunt factum maleficium, et a quibus sit factum, et modum ad illud dissipandum: sed caveat, ne ob hoc ad magos, vel ad sagas, vel ad alios, quam ad Ecclesiae ministros confugiat, aut ulla superstitione, aut alio modo illicito utatur*" (p. 323) - Alguns mostram um malefício feito e por quem foi feito, como também o modo como deve ser retirado: para isso porém, não recorrer a magos, ou a feiticeiras ou a outros, como ministros da Igreja, ou outra superstição, ou qualquer modo ilícito.

sentiram mal e desmaiaram, tamanha era ainda a força de sua presença.

Uma das primeiras lutas que o demônio trava com Stefanello foi aquela dos quatorze espíritos que dominavam duas moças. Foi uma luta tremenda. Os demônios subiam pela parede da Igreja:

“Então, a primeira vez que tirou, que veio ali, foi umas moças do Coletta, duas irmãs que moravam em Araras. Diz que elas tinha 7 espíritos cada uma. Elas vieram aí 7 noites. Toda a noite enchia a Igreja de gente, porque a primeira vez, elas ‘trepavam’ pra parede. Até na parede. Mas eram... pra ele difícil, ele molhava a camisa. Ele trocava, ele molhava de novo. Ele lutou tanto, mas tanto pra tirar” (Dona Emília).

Como considerar estes acontecimentos? Parecem mesmo mostrar uma luta, envolvendo as pessoas, e exigindo por parte do exorcista um trabalho. Qual será a fisionomia do padre cheio de poder, do padre exorcista de Cascalho? Certamente é um homem que trabalhava, que lutava, que rezava, que pedia a Deus para ajudar a tirar o espírito que tomava a pessoa. Por outro lado, como vemos nesta luta com os 14 espíritos, era algo que exigia suor de seu rosto, tinha até de trocar de roupa, chegava a molhar a camisa. Não é uma luta solitária, ele convocava os que estavam na Igreja para ajudá-lo, deviam se manter de joelhos e rezando. O padre não só conta com a sua força para tirar os espíritos, necessita da ajuda da comunidade para que Deus se convença em intervir. Assim, nos conta Dona Augusta: *“ele, quando tirava o espírito assim, ele mandava todo mundo se ajoelhar e rezar, pra pedir a Deus pra ajudar a tirar”*. O fato é que o mudo recuperou a fala e até um cego saiu enxergando.

Cascalho é um lugar encantado, cheio de espíritos, de demônios que rondavam a Igreja, de pessoas doentes, cuja presença, aos olhos dos cascalhenses, ia se tornando “quase” normal. A rotina de trabalho era quebrada pelo movimento de romeiros que esperavam a missa e a bênção dada nas tardes de Domingo. Só que não era tão tranqüilo vir à missa. Por vezes, durante a celebração, é que os espíritos se manifestavam. Difícil era escolher o lugar certo para se assentar, pois poderia estar bem ao lado do inimigo. Tinha de estar preparado para o susto. Mas, sempre que eles se manifestavam, o padre começava o trabalho, pedindo para que os levassem à frente, para perto do altar. A bênção é um dos primeiros trabalhos do exorcista:

“E daí, quando a gente tava na Igreja e, às vezes, quase só tinha gente de fora. Mas, na segunda missa, já tinha mais gente, quase só gente de fora, porque vinha tomar a bênção. Então, às vezes, a gente tava assim e não sabia o que tinham, porque estavam quietos; quando o padre dava a bênção, começavam a levantar e gritar. E a gente se assustava, ficava com medo. Já que a gente sentava no banco, já via, tinha gente perto, já ficava com medo, porque vamos que tá com alguma coisa e a gente não sabe né? E a gente ficava com medo, mas ele não fazia nada pra gente, né? E depois, o padre mandava levar lá, e daí eles iam lá na frente e ele trabalhava, até que tirava” (Dona Emília).

Nesta hora, em que Stefanello trabalhava com o espírito, a orientação aos coroinhas era de que ficassem atrás dele, que não se atrevessem ficar perto de quem estava dominado pelo demônio. Ninguém podia colocar a mão. O momento era delicado.

Assim é descrito por Dona Aparecida: *“O padre gritava, batia, xingava: ‘-Ocê não vai sair?’ e o padre perguntava o porquê. E ele respondia: ‘Não, porque eu tô*

bem aqui'. Dá medo, viu? Dava medo de ver. Mas tirava. Gritava, batia, mas a pessoa não sentia nada, não sentia nada”.

O efeito do trabalho do padre recaía sobre quem? A pessoa não sentia nada. Mas quem então sentia?

Assim responde Dona Santa:

“Claro que ele batia. Ele batia, mas diz que o corpo da pessoa não sentia nada, porque ele tava batendo no demônio. Era o demônio que tava sentindo. Ele tinha um poder que só vendo. Todos os padres têm esse poder, só que precisa ter força. E ele tirava mesmo, mas vinha gente de longe, e ele curava”.

E que instrumentos ele utiliza para bater no demônio?

“O crucifixo era grande, e ele dizia: ‘Eu te bato com o crucifixo se você não vai embora dessa pessoa aí’. Então, disse que saía desse homem um, mas ninguém de nós via, mas ele, eu acho que via. E aí, ele dava a bênção, tudo, em nome de Jesus, e tudo ficavam bom” (Dona Rosa).

Não apenas o crucifixo, mas, “*dizem os moradores*”, que o padre pegava o asperge da caldeira de água benta e ia em cima da pessoa com toda a força. Era uma verdadeira luta, mas só o "demônio" é que apanhava. Depois dos golpes recebidos, ao contrário, do que se pensa, a pessoa dizia que estava se sentindo muito bem. O espírito finalmente a havia deixado.

Em Cascalho, a prática de expulsar o mal está bastante nítida para os moradores:

“o crucifixo, a água benta, e jogava em cima da pessoa que tava... Às vezes, ele começava a falar, às vezes, uma pessoa lá do fundo (da Igreja) também ficava ruim, então vinha na frente. O padre dava a bênção, com crucifixo, a água benta e melhorava” (Dona Yolanda).

Sobre o poder da água benta? *“A água benta queimava que nem brasa pra ele, pro diabo. A água benta queimava”* (Sr. Paulo). Imaginemos o quanto sofria esse pobre “diabo” nas mãos de Stefanello: a água benta era como uma água fervente que caía sobre o corpo; os golpes com o crucifixo e o hissope; depois as orações e a palavras de ordem para que o espírito se retirasse. Na verdade, como diz o Sr. José: *“A água benta pr'aquele que tem o espírito no corpo, o mal, ele não quer saber da água benta. Joga água benta ele encolhe, né?”*. Dos objetos da luta, a água benta era a mais terrível, porque o espírito do mal tinha medo dela, porque, de fato, o fazia recuar.

As pessoas possuídas não ficavam passivas. Havia reações fortíssimas: gritavam, queriam fugir, xingavam, se encolhiam, subiam pela parede, se recusavam a ver o crucifixo e a escutar as orações. Vejamos no relato de Dona Santa como se dá a reação do possuído. No início, a agressividade. Em seguida, a ação do padre. Finalmente, os gestos leves de quem se recuperou:

“Ele ia com o crucifixo na frente dele, né? E a pessoa que tava com o demônio não queria ver, não queria nem ver. Ela se jogava. Ele precisava de dois a três homens pra segurar ele, a pessoa que tava com o espírito, e daí o padre ia falando, falando, dando a

bênção e falando. Aí, começava a bater, bater, bater, até que o espírito saía e ele ficava bom. A pessoa ficava boa. Beijava a mão do padre. Aí, o padre falava: ‘-pode levar, tá bom’. Olha que coisa, não? Eu vi bastante disso. Ia de monte lá em Cascalho”.

O mal poderia possuir a pessoa não só pela ação direta dos espíritos demoníacos, mas poderia ser provocado pelo feitiço, mau olhado e inveja das pessoas. O mal pode ser ingerido, pode vir em alguma fruta ou alimento e, para “os de Cascalho”, quando se come é mais difícil de livrar. Por isso que o Alexandre, um moço que morava com o padre, não se curava. Ele havia comido uma fruta:

“Mas fizeram mal pra ele numa fruta¹⁵... Tem negócio de namoro... Ele comeu. Então, aquilo, cada vez que o padre tirava o espírito, ele vomitava aquilo, mas ele não largava dele, porque ele comeu aquele mal e, comendo, é mais difícil de livrar. Então, ele vomitava, coisava, depois ia embora, depois voltava de novo” (Dona Emília).

Muitos de Cascalho se opunham ou não acreditavam naquilo que o padre fazia. E como o padre não conseguia curar o Alexandre, reforçava-se a tese (para os opositores) de que não era mesmo o demônio, mas que era uma doença, que o moço era epilético mesmo. Já para outros, como Dona Emília, a cura não vinha porque era difícil de se livrar do mal que se come e, de forma alguma, está ligado a um fracasso do padre.

¹⁵ O LIVRO de São Cipriano (2001), espalhado por muitos lugares, sobretudo em colônias italianas, era um livro que ensinava as bruxarias e o modo de fazer o mal para as pessoas. Há bruxaria feita em alimentos, utilizando animais, como o sapo, o gato e a pomba. Aqui, reproduzimos uma desses orações: “*Sapo, eu, pelo poder de Lúcifer, de Satanás, Barrabás, Caifás e do diabo manquinho, e principalmente em nome do príncipe Belzebu e Roberto do Diabo, por todos te rogo, (fulano, e diz o nome da pessoa a quem se quer enfeitiçar) que não tenhas mais uma hora de saúde e a tua vida prendo dentro da boca deste sapo, e assim como ele vai fenecendo e perdendo a saúde, assim a ti te aconteça o mesmo, pelo poder de Lúcifer*” (pp. 88-89). Este é um exemplo do teor das orações contidas neste livro.

O fato de muitas pessoas ficarem boas depois do encontro com Stefanello, é que levava a maioria dos cascalhenses a acreditar no seu poder. Ser testemunha do que aconteceu e a convivência com Stefanello, é que faz com que muitos não duvidem do seu poder: *“Ah, eu acredito, né? Porque eu via as pessoas ficar bem melhor, muita gente doente ficavam boa, e eu era nova, mas eu acredito. E depois, ele fez o meu casamento também. Ele ficou aqui 42 anos, o padre Luis”* (Dona Rosa).

E as pessoas que conseguiam se livrar do mal e do demônio, tornavam-se gratas. O dinheiro para fazer a Igreja, por exemplo, vinha dessa gratidão:

“Aqueles que tava livre, não dá um dinheiro? O negócio assim de fazer a Igreja, a questão do dinheiro: ah, se fosse só o pessoal de Cascalho, ele (o padre) não fazia, não. Vê lá. É tudo gente que vinha aí. Chegava lá de tarde, a bandeja enchia. Colocavam lá. Todo mundo ia pondo lá” (Dona Emília).

Ao lado do trabalho de luta de Stefanello com o demônio, vai se estabelecendo toda uma economia tanto para a Igreja como para os próprios moradores do município. É o caso dos que preparavam o almoço para os que vinham e do bar na frente da Igreja: *“E o Rosolem fazia almoço pra turma que vinha. Ele tinha que nem um bar. Ele tinha aquele bar e ele servia almoço, servia janta pra turma”* (Sr. Guilherme).

Como não lembrar do “Hotel Viaduto”, que recebia os que vinham buscar auxílio do Padre Luis, cujo proprietário era o Sr. Antônio Belinario. Além disso, tem o movimento dos carros de praça, que levavam as pessoas de Cordeirópolis a Cascalho: *“Em Cordeirópolis, tinha os automóveis, que tinha aquele Rocha e o Romano. Eles viviam só de trazer gente aqui, de Cordeirópolis pra cá. Traziam aqui,*

em Cascalho, pro padre dar a bênção” (Sr. Guilherme).

O padre Luis, com o seu talento pessoal, com sua força extraordinária e carisma, atraía uma multidão em torno dele. Essa fama trazia muitas tentações, e o padre reconhece que o demônio podia se aproveitar dessas ocasiões para tentar confundi-lo. O povo de Cascalho sabe que, quando o padre ficava nervoso, ou soltava algumas palavras indiscretas no sermão, e se chateava com alguém, não era ele que estava agindo, mas o tentador: “(...) *a minha mãe que falava: ‘acho que não era ele que fazia, acho que ele era muito atentado. Porque ele tirava os espírito, eu acho que o demônio tentava ele’.* *Ele mesmo falava que ele era muito tentado pelo demônio”.*

Com o relato de Dona Santa podemos resumir todo o caminho que fizemos neste capítulo. Ela nos fala das pessoas doentes que são conduzidas para Stefanello, do poder do padre, da realidade do demônio, das tentações do padre e de todo mundo:

“Ah, eu lembro de uma nora desse Coletta, que morreu. Ela vinha na missa e ficava ruim na Igreja, então ela gritava, mas gritava. Aí, pegava, levava ela pra fora, levava embora e, quando era no outro dia, levava ela pro padre dar a bênção. O padre benzia e ela ficava boa. É, ele tinha poder. Diz que tem o demônio. Mas tem mesmo o demônio, viu. E os padres são os mais perseguidos, são os mais tentados. Ele mesmo falava: ‘nós, padres, somos mais tentados’. A tentação não falta” (Dona Santa).

E, se o demônio existe, o mal está presente no mundo. É preciso alguém que, tendo mais poder, consiga vencê-lo. Para o povo de Cascalho, Stefanello é esse lutador, que emprega seu poder e usa os métodos que a Igreja ensina, para aliviar a dor e o sofrimento das pessoas. Mas toda a atenção é necessária, porque ele nos tenta

e procura os pontos mais fracos.

O mal sempre aparece como um desafio. É um dos temas da filosofia, bem como da teologia, que tem levado muitos estudiosos a pensar o problema a partir de diversas abordagens. O mal dá o que pensar, porque imediatamente é um questionamento dirigido à própria bondade de Deus. Contudo, é necessário uma reflexão diferente a respeito dele. Neste sentido, RICOEUR (1988) faz uma proposta muito interessante. Ele procura focalizar o problema a partir das tradições filosóficas que se detiveram na consideração das premissas da Teodicéia clássica, e passa a dizer que a questão não está só no plano do pensamento, no plano de um entendimento erudito do problema, mas é da ordem do agir - plano ético - e da ordem do sentir - plano da resignificação e da nova significação.

No plano especulativo, o mal foi trabalhado sob muitos aspectos: desde o nível do discurso mítico, em que o mal se encontra na ambivalência do sagrado, até o nível do discurso filosófico, com Hegel, em que o mal é visto como uma negatividade que, no balanço final, colabora para a expressão do Espírito Absoluto. Na História da Filosofia, muitos se engajaram para tentar responder à indagação sobre “de onde vem o mal?” e tentaram responder a diversos problemas tais como: qual a relação entre o mal-moral cometido e o meu sofrimento imerecido? Qual a relação entre a bondade de Deus e a existência do mal? Estas perguntas nortearam o caminho de pensadores como Santo Agostinho, Leibniz, Kant e Hegel. Neste plano, o mal sempre foi uma questão que nunca deixou de se enriquecer, porque, como diz RICOEUR (1988), o pensamento sempre é agulhado pela questão “por que?”, contida na própria lamentação das vítimas que sofrem qualquer mal.

O primeiro ponto a considerar, portanto, é que o mal não é uma substância ou uma natureza que exige apenas uma explicação na ordem do princípio lógico. É antes de tudo, uma problemática que diz respeito à liberdade humana. Ele diz respeito ao ser responsável. Este homem responsável é chamado a uma missão e, por isso, deve enfrentar o mal, tomá-lo e combatê-lo. O mal não está enclausurado na ordem da razão humana, ou da facticidade cósmica, mas antes, é um problema que diz respeito à minha liberdade efetiva.

“Para Paul Ricoeur e toda a tradição que ele retoma, meditar sobre o mal é afirmar uma falha ao coração de todo o enclausuramento do ser total e, radicalmente, apoiar-se nesta ruptura para ser. Neste sentido o mal não é intra-temporal; acontece de uma vez por todas, perante aquilo a que minha liberdade efetiva é somada, chamada e provocada a existir” (Gisel apud RICOEUR, 1988, pp. 18-19).

Por isso, RICOEUR vai dizer que pensar o mal é um desafio, uma vez que exige não só o aparato filosófico atual, que coloca a exigência toda dentro da complexa lógica clássica, mas é necessário uma outra ordem. É no plano ético que encontramos mais uma aporia que se junta a toda a obra do pensar.

Ainda neste plano, vemos a contribuição de LEVINAS (1988), para quem o mal é a possibilidade de não despertar para o outro. O ser humano tem a possibilidade de fechar-se e de não ser responsável. Na mesma linha de Ricoeur, de uma filosofia que tem como ponto de partida uma retomada de si próprio, LEVINAS aponta para a importância do engajamento para com um outrem, da responsabilidade pelo rosto do outro como algo constitutivo do humano. Diz LEVINAS (1997):

“Temor e responsabilidade pela morte do outro homem, mesmo que o sentido último desta responsabilidade pela morte de outrem seja responsabilidade diante do inexorável e, derradeiramente, a obrigação de não deixar o outro homem só face à morte. Mesmo que, face à morte - em que a própria retidão do rosto que me suplica revele enfim plenamente tanto sua exposição sem defesa quanto seu próprio fazer-face - mesmo que, no ponto derradeiro, nesta confratação e impotente afrontamento, o não deixar o outro homem só não consista senão em responder ‘eis-me aqui’ à súplica que me interpela. É isto, sem dúvida, o segredo da socialidade e, em sua derradeira gratuidade e vaidade, o amor do próximo, amor sem concupiscência” (p. 175).

Na essência do homem há uma preocupação pelo ser do outro, que significa solicitude para com o seu comer, seu beber, seu vestir, sua saúde e seu abrigar-se. O mal, segundo LEVINAS (1998), é a recusa desse despertar pelo outro, é a recusa em responder “eis-me aqui”. Porque o homem está neste mundo para comunicar-se, pois *“as pessoas não estão diante do outro simplesmente; elas estão umas com as outras em torno de alguma coisa”* (p. 45).

Para LEVINAS (1998), há toda uma guerra entre o pensar e a dura realidade das coisas. O pensamento filosófico fica questionado diante do real e nunca chega a ter uma total compreensão dele. Por isso, a ordem do agir se refere ao humano, e o mal aparece como possibilidade de dizer “não”, de fechar-se, de não agir com responsabilidade. Se eu não desperto para o outro, fica totalmente bloqueada a ação humana. O gesto humano torna-se violência, preconceito e morte.

Em RICOEUR (1988), a ordem da ação impõe uma nova pergunta ao problema do mal, que já não é mais a de olhar de onde é que vem o mal, mas uma pergunta que se coloca no plano mesmo do agir humano: “que fazer contra o mal?”. Diz RICOEUR: *“pela ação, o mal é antes de tudo o que não deveria ser, mas deve ser combatido”* (p. 48). O

homem, portanto, tem uma tarefa frente ao mal: combatê-lo. Pode parecer que através disso o homem se esqueça de todo o sofrimento que o mal traz, contudo, o contrário é verdadeiro: ele se dá conta mais nitidamente que todo mal cometido a um ser humano é um mal que um outro sofre, “fazer mal é fazer sofrer alguém”. Pela ação, o homem percebe o sofrimento, porém, ele entende que pode fazer diminuir o grau de violência e diminuir assim o sofrimento no mundo. Não se trata de evidenciar uma perfeição de uma ordem, como se apresenta em muitas filosofias, mas a de mostrar que no humano há uma liberdade que combate e que subsiste mesmo diante das derrotas. A resposta prática, da ordem que chamamos ética, é na verdade um caminho que se recusa a permanecer nos debates do plano especulativo. Este último se fixa em questões que vão desde a acusação de Deus até as interrogações sobre a origem demoníaca do mal no próprio Deus. Já a posição prática nos faz perceber que há espaço de atuação ética e política no combate do mal.

Podemos exemplificar utilizando-nos de um relato feito pelo próprio Stefanello. Este é um documento importantíssimo, do ponto de vista de nosso foco de estudo, uma vez que é o único manuscrito onde Stefanello fala de sua forma de se relacionar com o mal, onde ele fala do seu combate e revela a procura por entender de onde vem o mal. Esta pergunta faz com que ele busque respostas. A carta é endereçada ao Padre Faustino Consoni, Superior Provincial dos Padres Escalabrinianos, datada de 22 de março de 1916, no quinto ano de sua estadia em Cascalho:

*“Carissimo Pe. Faustino,
Mi ha rallegrato la di Lei tanto desiderata lettera.
Appena avvenuto il fatto, mi hanno chiamato e subito
vidi che c'era da dubitare, ma la cosa al contrario era.
Hanno rivelato cose che mai s'era pensato, p. s., che un
tale ha rubato e come ha fatto e perché, chi è stato e
come hanno fatto a farle il male e tante altre da non
dirsi. Visto questo chiamai il Pe. Enrico che venne e*

subito lui disse ch'erano possessate dal diavolo, allora io andai dal Vescovo gli raccontai tutto, mi diedi il permesso, cosi pure a V. Revma. e ao Pe. Enrico, che venne martedì che pure speravo V. Revma cominciai alle due il Pe. Enrico si fermó fino alle tre, mi disse di continuare che feci fino alle otto. Hanno fatto tanti movimenti e gritti per fino fischiato ch'io quase non potevo resistere, ma fidente nel Crucifisso ho continuato per sei ore, non rimasero libere, cesai, ieri mattina quattro ore, questa mattina tre ore, dando sempre quei segni come dice nel rituale, però sono più quiete, però questa mattina non volevano venire in Chiesa, erano fuggite da casa e per strada l'hanno quasi portate.

Carissimo Padre Faustino io prego il Signore giorno e notte e procuro che tutti pregano, forse sarà come dice il Signore che per scacciare certi demoni ci vuole la preghiera e il digiuno, quindi mi raccomando alle sue preghiere e faccia pregare. Sicuro di questa tanto grande carità La ringrazio; non so più cosa dire.

Riceva tanti saluti e con tutta la stima e umiltà Le baccio la Sacra destra e mi sotto scrivo di V. Revma.

Umile figlio,

Pe. Luigi Stefanello

Favorisca di salutarmi il Padre e Suore, venga a darmi qualche consiglio... spero que avrà guarito"¹⁶ (ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO SCALABRINIANA, doc 403).

Neste relato alguns elementos merecem destaque. Aqui temos um dos primeiros casos com que se defronta Stefanello. Ele está diante de uma situação nova. Por isso, o padre pede ajuda a um outro sacerdote amigo, para que possa

¹⁶ Carissimo Pe. Faustino, Fiquei muito contente com a sua tão esperada carta. Há pouco tempo aconteceu o fato, me chamaram e imediatamente percebi que era de duvidar, mas a coisa ao contrário era. Revelaram-se coisas que eu nunca havia pensado, por exemplo, que um tal há roubado e como fez e porque, quem ficou e como fizeram para fazer o mal e tantas outras coisas de não se dizer. Diante disto chamei o Pe. Enrico que veio e imediatamente disse que era possuído pelo demônio, então eu deveria ir ao Bispo lhe contar tudo, para que me desse a permissão, e também a Vossa Revma e ao Pe. Enrico, que vem terça-feira, que esperava Vossa Revma começar às duas e o Pe. Enrico que ficou até as três, me disse para continuar e que fizesse até as oito. Fez tantos movimentos e gritos de fino assobio que eu quase não podia resistir, mas com confiança no Crucifixo continuei por seis horas, fazendo sempre aqueles sinais como indicados no ritual, todavia ficou mais quieto, porém esta manhã não queria vir a Igreja, fugiram da casa e pela estrada quase o pegaram. Caríssimo Padre Faustino, eu rezo ao Senhor dia e noite e procuro que todos rezem, talvez seja como o Senhor que, para expulsar certos demônios, é preciso a oração e o jejum, por isso me recomendo às suas orações e faça rezar. Seguro desta tão grande caridade, o agradeço, não sei mais o que dizer. Receba minhas saudações e com toda a estima e humildade lhe beijo a sagrada mão e (...) humilde filho, Pe. Luis Stefanello. Obs: Favoreça-me de avaliar-me pai e irmão, venha dar-me qualquer conselho... espero que tenha se recuperado".

discernir do que se tratava. O padre amigo sugere ser um caso típico de possessão demoníaca¹⁷. E além disso pede que ele consulte o bispo a fim de que possa se certificar de que seja mesmo um caso de exorcismo¹⁸. Parece que neste caso o bispo não só autoriza, como dá a concessão a outros sacerdotes que estão próximos de Stefanello, para que possam tratar do caso. A luta contra o mal não é uma batalha que se enfrenta solitariamente, mas é um compromisso que se assume com toda a Igreja. A Igreja toda se sente convocada a combater o mal e, por isso, é uma ação comunitária.

A carta nos indica que o padre fez uso de algum objeto, tal como o crucifixo, e além disso utilizou de algumas orações que estavam indicadas no Ritual. No que diz respeito à descrição do sujeito que estava sendo exorcizado, vemos a menção de que fazia diversos “movimentos e gritos”. Na carta, porém, não encontramos a menção de nenhum tipo de doença. Há indicações de que o fenômeno deveria ser tratado como uma possessão do espírito do mal sobre a pessoa.

Esta carta nos ajuda a perceber o quanto Stefanello estava interessado em aprender o método para combater o mal. Certamente ele é movido por um desejo de bem. O bem é justamente esta necessidade de sair de si-mesmo para o outro diferente de si-mesmo (COSTA, 2000). Ele não mede esforços para compreender o fenômeno. Reconhece que precisa de ajuda e pede conselhos, indicando que sua resposta frente ao mal é dada dentro de um contexto maior: o contexto da comunidade a que pertence.

O documento apresentado converge com o que foi dito pelas entrevistas e nos dá o sinal da atividade exorcística de Stefanello. Esta carta nos apresenta sua procura

¹⁷ Podemos dizer que a caracterização como possessão está norteadas pelas categorias que definem estes casos, segundo o antigo Ritual de Exorcismo, que põe os três sinais tradicionais para se reconhecer o caso, como: 1) o uso de línguas desconhecidas, 2) a revelação de coisas ocultas, que nenhum meio natural pode explicar e 3) a exibição de forças que ultrapassam notavelmente as forças naturais do sujeito (RITUALE ROMANUM, 1880, p. 322).

¹⁸ Sobre a autorização do Bispo ou ordinário local ver RITUALE Romanum (1880), p. 323.

para agir eticamente contra o mal, movido por um desejo do que fazer contra ele. De acordo com uma noção clássica, aquela que Agostinho nos mostra no seu *DE Magistro* (1987), sinal é algo que, conhecido, nos leva ao conhecimento de outra realidade e, por isso mesmo, passa a representá-la, a significá-la. O sinal, portanto, é aquilo que, para além do seu aparecimento sensível, faz com que outra coisa chegue à nossa consciência. A atividade de Stefanello vai ser sinal de uma luta contra as forças sobrenaturais, e isto vai representar para a comunidade e para os que o procuram uma oportunidade para a libertação e a cura. O povo de Cascalho e, sobretudo, os que vêm de fora à procura de sua bênção, passa a reconhecer que, através daquele gesto ritual, uma outra realidade chega a se instaurar na sua vida: a realidade da saúde, a cura, a resposta para o mal.

A pergunta já não é “de onde vem o mal?”, mas passa para outro nível, que RICOEUR (1988) chamava do “nível da ação prática”. O que se pode fazer para diminuir a taxa de sofrimento? Só pela ação. É o agir responsável que faz diminuir as violências no mundo, daí que o homem se torna sujeito da história. Neste nível é que Stefanello atua. Em Cascalho, as histórias que o povo conta são as mais diversas: pessoas acorrentadas, outras que subiam pelas paredes do Templo, outras ainda que rastejavam, outras que gritavam, doentes de todos os tipos e uma diversidade de casos que atinge pessoalmente cada família que se põe a relatar. Para o padre Stefanello, é o demônio o autor de todo esse mal, por isso, como recomenda a Igreja é preciso exorcizá-lo, entrar em combate.

O homem não pode viver sem suas construções simbólicas. Ele se sente fragilizado quando não encontra os referenciais de apoio. O mundo humano é frágil, e qualquer coisa que coloque em xeque sua unidade é motivo de angústia e torna

intolerável o caminho. O mal e a morte parecem ser um único elemento, que coloca o homem em crise frente a seu projeto existencial. Por isso, são necessários processos de legitimação que passam sobretudo e principalmente pela religião (BERGER, 1985). O processo ritual para exorcizar o mal aparece como uma forma de dominar o caos e, portanto, reduzir a impotência do ser humano.

Segundo nos dizem os moradores de Cascalho, o padre Stefanello tinha consciência de que mal nenhum tem o poder de mando. O mal não manda. O que conta, de fato, é o desejo de salvar a pessoa. Um outro exemplo disso é o caso que já mostramos aqui, do Alexandre, que o padre trouxe para morar com ele e que tinha muitos problemas de saúde. O padre coloca esse doente - que ele acreditava estar possuído pelo demônio - na sua própria casa. Muitos o criticam por este gesto, ao que Stefanello respondia: “-*Vocês não tem dó de ninguém. Eu quero salvar. É o demônio que manda no cristão? Eu quero salvar essa pessoa*”. A qualidade de bondade e a capacidade de sacrifício que se reconhecem em Stefanello têm uma função terapêutica, uma vez que “*a bondade funciona como um polo do sagrado que, por si só, mantém afastado o seu pólo oposto: a maldade*” (QUINTANA, 1999, p. 176).

O caso do Alexandre é curioso e paradigmático, desde o fato de morar com o padre e até a controvérsia sobre sua doença. Todos os entrevistados falam do Alexandre. Alguns preferem dizer que se tratava de um epilético. Outros - a maioria - aceitam aquilo que o padre dizia: que era um espírito maligno que prejudicava a vida deste moço. Interessamos mostrar como, na perspectiva dos moradores de Cascalho, o gesto de acolhida e a tentativa de ser uma resposta para o caso foi decisivo para Stefanello.

Qual era o mal que acometia o Alexandre? Para o Sr. Fausto Stefanello - sobrinho do padre Luis - tratava-se de uma doença, mas o padre insistia em

considerar como espírito maligno:

“Esse moço que tava lá junto com ele, tal de Alexandre, que falam que ele tinha o diabo. Não tinha o diabo, não. Era epilético. Era doente da cabeça. Era doente. Era epilético. E o padre pegou ele pra tratar dele: ‘- Não, eu vou curar, eu vou curar ele, eu vou curar ele’”.

O que é certo para o sobrinho do padre é a vontade deste de curar, a determinação em querer oferecer a cura. Porém, se de um lado há uma clara percepção de que o estado atual do Alexandre é de uma doença, por outro lado, a forma como se conta a origem dessa doença é bastante próxima de um castigo por haver desrespeitado uma cerimônia religiosa. É o Sr. Fausto que nos conta:

“Não sei como foi descoberto. Esse tal de Alexandre, lá na terra dele, lá, pra lá de Águas de Santa Bárbara, lá em Avaré... Teve uma procissão lá, da festa de Santo Antônio, tinha umas par de rapaziada e ele também. Então, ele pegou e atravessou a procissão a cavalo. Cortou a procissão a cavalo e foi embora. Isso foi o que aconteceu. Certo? E ele daquela vez pra cá ficou ruim, ficou ruim, e esse pai desse Alexandre e a mãe, e vai pra aqui e vai pra lá. E então, descobriram desse padre Luis, que fazia a bênção, foram e foram que vieram aí. A primeira vez deu a bênção, e foram embora. Depois, na segunda vez, daí um tempo e voltaram outra vez. Foi onde que ele falou: ‘-Deixa ele aqui, porque eu vou dar a bênção, vou tratar e vou curar ele’. Bom, não curou, não”.

Mas a insistência de Stefanello por trazer um doente para perto e tratar pessoalmente dele, relatado pelos entrevistados, não pode ser vista apenas como um gesto de bondade, ou considerado como uma atitude voluntarista. O “coração de ouro” de Stefanello não elimina o fato dele considerar atentamente as regras indicadas pelo RITUAL Romano (1880). Neste encontramos que, nos casos de possessão, o exorcista deve acompanhar o fiel, a fim de se certificar de que está realmente livre, porque o demônio é o pai da mentira, e costuma proporcionar a aparência de cura e libertação, mas depois de algum tempo as crises retornam. O gesto de Stefanello pode ser entendido dentro do contexto da regra 7 do ritual, que diz:

“Aliquando etiam daemones ponunt quaecumque possunt impedimenta, ne infirmus se subjiciat exorcismis, vel conantur persuadere infirmitatem esse naturalem; interdum in medio exorcismi faciunt dormire infirmum, et ei visionem aliquam ostendunt, subtrahendo se, ut infirmus liberatus videatur” (p. 322)¹⁹.

Por outro lado é possível considerar as semelhanças da terapêutica exorcística com outros tipos de terapia que põem o acento na relação paciente-analista, o doente e o médico, o possesso e o exorcista²⁰.

¹⁹ “Às vezes também, os demônios podem apresentar alguns obstáculos, para que o enfermo não se submeta aos exorcismos, ou tentam persuadir que a enfermidade é natural; para tanto, fazem o enfermo dormir durante o exorcismo e apresentam-lhe alguma visão, ocultando-se, para que o enfermo se sinta libertado”.

²⁰ O cirurgião, o psicanalista e o exorcista: os três tentam de alguma forma, através do relacionamento próximo com o paciente, extrair o mal que o aflige. No estudo que faz ELLENBERGER (1994) sobre a história da psiquiatria ele mostra que no exorcismo há o esforço da extração do espírito estranho que passou a habitar na pessoa, do mesmo modo há determinada parentela desta forma de “cura primitiva” com a moderna terapia dinâmica e científica (p. 55). QUINTANA (1999) nos diz que é do mesmo teor a ação das benzedadeiras: elas procuram recuperar uma ordem, reconstruir um sentido através do qual o cliente adquira condições de pensar e, assim, o paciente, em interação com o terapeuta, aprende uma

Segundo o depoimento do Sr. Fausto, o padre não teria conseguido curar o Alexandre. Todavia, assumindo a responsabilidade da vida dele sobre si e procurando proporcionar um ambiente em que sua doença pudesse se manifestar, Stefanello oferece um espaço verdadeiramente terapêutico para ele²¹. Os pais do Alexandre, ao procurarem o padre, estavam buscando a cura, alguém que pudesse tirar o mal que ele adquiriu a partir daquele dia em que, num gesto de desrespeito, atravessou a cavalo a procissão de Santo Antônio. O que, na verdade, o Alexandre encontra é alguém que se tornou um verdadeiro pai e protetor. Muitos nos relatam que o Alexandre tinha crises violentas e por diversas vezes tentou “matar” o padre, mas este não o despedia, ao contrário, ficava nervoso se alguém maltratasse o Alexandre.

Estes exemplos parecem suficientes para esclarecer a modalidade pela qual se combate o mal em Cascalho.

O mal, conforme o pensamento de RICOEUR (1988), para ser entendido, exige a convergência de pensamento, ação e transformação espiritual dos sentimentos. A transformação espiritual dos sentimentos é o plano da lamentação e da queixa, é do protesto contra a idéia da permissão divina. Aqui, a pergunta diante

linguagem e, com ela, a possibilidade de representar aquilo que lhe está acontecendo. O mesmo se dá, segundo LAPLANTINE (1994), nas terapêuticas da umbanda em que o objetivo da proximidade é proporcionar a reorganização psicológica e social do indivíduo. FREUD (1978) já nos dizia nas CINCO Lições de Psicanálise, sobre a importância da relação de proximidade entre médico e paciente. Ali, Freud fala, por exemplo, do tratamento psicanalítico de um neurótico em que há o fenômeno da transferência, na qual “o doente consagra ao médico uma série de sentimentos afetuosos, mesclados muitas vezes de hostilidade, não justificados em relações reais e que, pelas suas particularidades, devem provir de antigas fantasias tornadas conscientes” (p. 33). O papel do médico é de “fermento catalítico”, atraindo para si os elementos da energia afetiva liberada. O doente tem uma ferida psíquica, mas é preciso ter cuidado para não trazer mais sofrimentos, tanto que FREUD recomenda: “não devemos tocar em pontos doentes quando estamos certos de que com isso só provocamos dor e nada mais (...) Todos sabem, porém, que o cirurgião não deixa de examinar, palpando o foco da moléstia, quando tem em vista realizar uma operação que há de proporcionar a cura completa. Ninguém pensa já em incriminá-lo pelos inevitáveis incômodos do exame e nem pelos fenômenos pós-operatórios, desde que a operação tenha bom êxito e que, mediante a agravação passageira do mal, o doente alcance a definitiva supressão do estado mórbido. Em relação à psicanálise as condições são semelhantes; pode ela reivindicar os mesmos direitos que a cirurgia” (p. 34).

²¹ É bom lembrar o próprio gesto de Cristo, quando encontrava com os doentes. O método utilizado era de acompanhar e, neste sentido, Stefanello aparece como um excelente seguidor de Cristo. Os textos do Evangelho de Mateus nos mostram a solicitude de Jesus com os doentes e a missão de seus seguidores: Mt 8, 1-15; 9, 1-8.18-38; 10,1-8.

do mal é a seguinte: até quando, Senhor? Esta resposta emocional que se junta à resposta prática é o espaço que permite as transformações, é o espaço das novas significações, é a procura por sentido.

E apelamos para mais um exemplo. Verificando o livro do Tombo da paróquia de Cascalho e observando os relatórios das atividades anuais, notamos como era intensa a atividade em torno das pessoas doentes e mais idosas da comunidade. Esse fato é confirmado pelas entrevistas. Os entrevistados procuram mostrar o zelo com que o padre tratava alguém da família que estava doente ou algum conhecido para o qual a atenção do padre se voltava. A seguir, o relato de Dona Yolanda mostra como que, para Stefanello, a dor (plano do sentir) está muito presente frente ao mal:

“Esse meu irmão mais velho, ele teve um problema de coração. Antigamente não tinha a medicina, não tinha a experiência que tem hoje. E ele ficou doente. Eu morava em Cascalho, mas ele morava lá na fazenda. E um dia o padre falou pro Antônio: ‘-Vamos visitar o Arlindo, seu cunhado’. O Antônio falou: ‘-Vamos’. E eu fui também, e passamos o dia lá, com o padre e meu irmão que já tava bem ruimzinho. E depois, quando nós vinha vindo de volta, o padre falou assim: ‘-Por que Deus não me tira eu em vez de tirar essa criatura?’. E eu gravei aquilo, sabe? Que achou que, por ele ser jovem, ele tinha 26 anos, morreu jovem, jovem de tudo. E o padre falou: ‘-Por que Deus não me tira eu, em vez de tirar essa criatura?’. É, ele gostava muito dos meus irmãos, viu”.

A frase: *“Por que Deus não me tira eu, em vez de tirar essa criatura?”*, ficou gravada para Dona Yolanda como manifestação do oferecimento de Stefanello em favor do doente. A lamentação e a queixa diante da doença, da dor e da morte, provocam o ordenamento da situação. Essa frase do padre não foi mais esquecida pela irmã do Sr. Arlindo. A doença aqui é resignificada, porque se expandiu numa queixa contra Deus, tal como encontramos no grito do salmista: *“Até quando, Senhor?”*.

Este último plano, do qual nos fala RICOEUR (1988), é o do sentimento. Neste, o homem é levado a dar uma nova significação ao problema do mal que o atinge pessoalmente. Nosso autor propõe a resignificação do mal como algo inelutável da condição humana. É preciso, como já tinha proposto FREUD (1987), no seu ensaio LUTO e a Melancolia, fazer o trabalho de luto, como momento de resignificação. A lamentação e a queixa frente ao mal podem também, tal como o exercício de desligamento do trabalho de luto, ser resignificados. Esse trabalho, que visa uma mudança qualitativa da lamentação e da queixa, permite que o pensar, o agir e o sentir, possam ser integrados. O primeiro desses estágios é o da afirmação da existência do acaso no mundo e de que o mal não é punição a nenhum pecado do homem. O segundo estágio é mesmo o da acusação de Deus, deixando emergir uma queixa: “Até quando, Senhor?”. Este “até quando?” mostra a dramaticidade do problema do mal para cada pessoa. O terceiro e último estágio apontado por RICOEUR é o de *“descobrir que as razões de acreditar em Deus nada têm em comum com a necessidade de explicar a origem do sofrimento”* (p. 51), porque, para quem crê em Deus como fonte de todo o bem, o sofrimento é algo escandaloso e inclui a vontade e a coragem de suportá-lo. Por isso, o trabalho de luto nos diz que é preciso acreditar em Deus, apesar de. Esse “apesar de” é caminho de superação da revolta que se instala no humano contra o Deus bondoso e faz entender, pela chamada teologia da cruz, que Deus também sofre. O homem sofre, mas Deus junto com ele. Há uma solidariedade. Todos esses estágios nos dizem que a ordem do sentir é o da transmutação, da nova significação frente ao irreduzível sofrimento da condição humana.

A questão do mal, como vemos, é bastante complexa. E pensá-la dentro do

contexto da cultura popular é ainda mais exigente. Tudo o que dissemos acima ilumina parcialmente os dados apresentados neste trabalho, mas é necessário prestar atenção que não se trata só das formas encontradas pelo exorcista para responder, pelo seu comportamento e agir, ao problema do mal. É preciso colher as imagens que o povo utiliza para falar do mal. Então, nos deparamos com uma concepção do mal muito mais como entidade, do que propriamente com preocupações éticas de método colocadas para combater o mal e reorientar a vida. Segundo VELHO (In: BIRMAN *et al.*, 1997), o mal tende a ter personalidade, tende a ser visto como uma entidade exterior²² e não como uma questão internalizada de responsabilidade moral, como uma questão de ética. O que é claro é que a temática do mal é mais ampla do que a ética, fazendo, no entanto, parte dela. No caso de Cascelho isso é bem claro: não é possível pensar o bem sem mostrar o mal. Inclusive, o padre diz que construiu a Igreja com o dinheiro do diabo²³. O interessante é notar como, através de toda uma simbologia construída em torno do diabo, revela-se o funcionamento e expressam-se as reações de toda a comunidade de Cascelho.

Por fim, queremos recorrer a algumas reflexões de Ricoeur sobre o mal,

²² Segundo KOLAKOWSKI (1985), vários aspectos do diabo alternam-se segundo o tempo e as circunstâncias culturais, entre as quais destaca três faces: terrível, grotesca e trágica. A face terrível está mais próxima do ensinamento oficial católico ou protestante. Está nas pinturas, nos tratados demonológicos. É impiedoso e cruel, mestre do fogo e do gelo, se compraz com os indizíveis sofrimentos dos condenados. O diabo trágico, segundo o autor, é sobretudo uma figura literária do neoromantismo: tem dignidade e inteligência fria; é perdedor orgulhoso e sua desobediência é respeitável. A face grotesca é igualmente antiga, encontra-se no folclore popular pelo mundo afora, nas lendas, histórias e anedotas. O diabo grotesco aparece muitas vezes nos festejos natalinos. É um diabo tolo e desajeitado, que se deixa ludibriar pelo camponês esperto. É, as vezes, provido de ótimo senso de humor.

²³ Há toda uma tradição cultural brasileira de convívio com este ser quase pessoal. Para SANCHIS (In: BIRMAN *et al.*, 1997), a figura emblemática desta ambigüidade entre o bem e o mal é representada no espaço brasileiro pela figura de Exu, que não é simplesmente o bem, mas que traz seus malefícios. A Besta fera, para Sanchis, traz também essa ambigüidade: ora ela é o comunismo, ora é o latifúndio; ora é o Papa, ora é Hitler etc.. Já NOVAES (In: BIRMAN *et al.*, 1997) lembra que a imagem de um exército em prontidão contra uma conspiração sobrenatural, que pode comprometer a vitória final do Bem sobre o mal, faz parte do imaginário católico, ou seja, “*aprender a buscar indícios que revelem pistas desta conspiração está entre as lições da socialização religiosa formal e informal, que tem lugar entre os trabalhadores do campo*” (p. 86).

baseando-nos sobretudo na sua filosofia da vontade. Nesta ele aborda a questão do mal ajustando-a o mais possível a uma hermenêutica dos símbolos, que aqui nos interessa bastante. Na *Symbolique du Mal*, de 1960, RICOEUR (1977) fala que o “símbolo dá que pensar” (p. 41), isto é, ele é dom da linguagem, cria um dever de inaugurar o discurso filosófico a partir daquilo mesmo que sempre o precede e o funda. No relato bíblico do pecado de Adão está evidenciado o mito antropológico por excelência. Neste mito, o mal aparece relacionado com o homem. O mito adâmico tem por função narrar o surgimento, no seio de uma “criação boa”, daquela “constituição má” num acontecimento irracional. A origem do mal é inseparável desse instante simbólico que separa o tempo de inocência do tempo da maldição.

Este mito antropológico mostra que o único homem, num único instante e num único ato, instaura o acontecimento da queda. Todavia, esse acontecimento na Bíblia expressa-se em várias personagens e tantos outros episódios. A má escolha e a desobediência do primeiro homem é também mito da tentação, da vertigem e da atração pelo mal. Este mito introduz, por exemplo, a figura da serpente, que para Ricoeur *apud* MONGIN (1994), “é a outra face do mal que os restantes mitos tentavam narrar, é o mal já-aí, o mal anterior, o mal que atrai e seduz o homem” (p. 197).

Com a figura da serpente, compreende-se que o mal não tenha começado pelo homem, mas que este o encontre: a serpente é o outro do mal humano. O mal está exteriorizado, tem uma fisionomia inumana. E Ricoeur *apud* MONGIN (1994) pede que sigamos pensando neste símbolo: “Se seguirmos até o fim a intenção do tema da serpente, teremos de dizer que o homem não é o mau absoluto, ele não é mais que o mau secundário, o mau por sedução. Pecar é ceder” (p. 197). O que o mito faz é introduzir “personagens exemplares” - como Adão ou a serpente - que possibilitam

generalizar a experiência humana ao nível de um paradigma sobre o qual podemos ler nossa própria condição e destino. Veremos mais adiante, por exemplo, toda a construção cultural elaborada por um benzedor, discípulo do padre Luis, que se baseia nestes personagens exemplares: Adão, o demônio, Barrabás e Cristo. É assim que, em Cascalho, a encantadora luta entre o valente padre Stefanello e os demônios que rondam a Igreja, vem a ser expressão desse milenar drama do homem.



Figura 04

“Se não fosse a esperança de que me aguardas com a mesa posta
o que seria de mim eu não sei.

Sem o Teu Nome
a claridade do mundo não me hospeda,
é a crua luz crestante sobre ais.

Eu necessito por detrás do sol
do calor que não se põe e tem gerado meus sonhos,
na mais fechada noite, fulgurantes lâmpadas.

Porque acima e abaixo e ao redor do que existe permaneces,
eu repouso meu rosto na areia
contemplando as formigas, envelhecendo em paz
como envelhece o que é de amoroso dono.

O mar é tão pequenino diante do que eu choraria
se não fosses meu Pai.

Ó Deus, ainda assim não é sem temor que Te amo,
nem sem medo”.

(Adélia Prado)

Capítulo IV

O DIABO SE PROCLAMA...

Será possível ouvir as falas do espírito, seja ele o diabo ou algum outro espírito que vem atormentar? O que será que o padre Stefanello falava sobre o diabo? E como ele falava com o diabo?

Parece interessante investigar como foram aparecendo nas falas dos entrevistados as distintas vozes desse diálogo dramático entre o exorcista e o espírito que possuía as pessoas. Aqui, evidencia-se o elo entre o mundo cotidiano (cheio de sofrimentos, doenças, dificuldades) e um outro mundo (de almas, demônios, de anjos maus). Na interseção desses dois mundos é que se coloca o exorcismo, como uma forma de expulsar o mal que toma a vida das pessoas e, por outro lado, a prece como uma modalidade de ajudar a restituir a harmonia perdida.

O Sr. Paulo Bertanha sabe contar com minúcias como o padre começa a exorcizar:

“Então, o padre tinha uma oração que ele já sabia de cor, e levava uns dez minutos pra ele falá ligeiro. Você via o suor dele que caía, e ele falando essa oração. Quando tava no fim da oração, ele falava: ‘- Preste bem atenção tudo (era umas palavras meio difícil e eu não sei repetir isso). Se benze!!! Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo’, e depois ele falava pra todos: ‘-Outra vez. Outra vez’. Três vezes”.

O drama principia agora. Depois de terminada as orações de exorcismo, ao sinal da cruz feito pelos fiéis, o espírito demoníaco se manifesta. O Sr. Paulo nos conta como se estivesse se repetindo agora o momento em que o padre Luis está sendo provocado pelos demônios:

“Naquele momento, quem tava com o encosto dizia: ‘- Maldito padre, deixa eu aqui’. Tudo se proclamava. O demônio se proclamava quando chegava este momento. E dizia: ‘-Me deixa eu aqui, que lá é muito ruim, padre; deixa eu aqui. Se o senhor fosse que nem o padre fulano de tal, que não se incomodava com nós, é que o senhor tem a camisa limpa, mas se o senhor não tivesse a camisa limpa, eu te matava de noite’. O diabo chegou a falar isso pra ele. O senhor já pensou uma coisa dessa: o pobre diabo pedia pra que ele o deixasse ali?”.

Aqui o diabo fala. Ele tem uma certa hora para se proclamar. O que diz? Amaldiçoa o padre e faz um pedido. O relacionamento do diabo com o padre parece indicar uma luta: deve-se recriminar o incômodo que o padre causa ao tentar expulsá-lo. Ao mesmo tempo, aparece nas choromingas do tentador uma certa intimidade com o padre, como se ele pudesse deixá-lo ali. Contudo, seguem-se ao pedido, novos insultos (“maldito padre”), desafiando o padre (“se o senhor fosse como o padre fulano de tal que não se incomoda com nós”) e, finalmente, ameaçando matá-lo.

O diabo afirma algo muito interessante: diz que Stefanello sempre se incomodava com a presença dele. O padre mantém atenção e vigilância com o demônio. Mas é a “camisa limpa” do sacerdote que o deixa mais furioso. Diz que, se não fosse sua “camisa limpa”, Stefanello já estaria vencido. O plano de destruição e

de morte tramada pelo demônio é barrada por esta “camisa”. Então, o que significa possuir “camisa limpa”? O Sr. Paulo e sua esposa respondem que é a “fé”, “a virtude da pessoa”, “o coração puro”. Para explicar-se, Dona Emília utiliza a referência do Evangelho: *“Não tem aquela parte do Evangelho que eles (os discípulos) queriam tirar o espírito de um homem lá e não conseguiram. Falaram pra Jesus que não, e Jesus falou que eles não tinham fé. Faltou fé pra eles, porque senão eles tinham tirado”*.

E Stefanello, sabendo disso, mantinha a “camisa limpa”. Sem a qual não conseguiria livrar as pessoas. A sua sorte, segundo o que proclamou o demônio, é que ele não era como outros padres, que não têm a fé nem a virtude. Se ele fosse assim, o demônio mandava. A fé que Stefanello tem é o que lhe permite libertar o enfermo. E isso faz com que os demônios se revoltam. O espírito maligno não consegue resistir à força de quem tem um coração puro. As qualidades reconhecidas em Stefanello fazem com que tudo nele irradie essa força de fé e de pureza de coração. A “camisa limpa” funciona aqui como um dos aspectos do sagrado, que por si, faz manter afastado o mal²⁴.

A queixa do diabo parece ser contra o construtor do universo que lhe reserva más instalações cósmicas. A reclamação aparece como um pedido a Stefanello: *“-deixa eu aqui, padre, porque lá onde eu tô é ruim'. Ele reivindica ficar no corpo dos sofrentes. O Sr. Paulo se admira que o “pobre diabo” possa fazer esse tipo de pedido a Stefanello. Coisa impensável: o diabo se humilhando assim para ficar por ali mesmo, pois do lado de lá, o outro mundo é insuportável²⁵*.

²⁴ Segundo DURKHEIM (1978), *“o fiel que se comunicou com seu deus não é apenas um homem que vê novas verdades que o descrente ignora; ele é um homem que pode mais. Ele sente em si mais força, seja para suportar as dificuldades da existência, seja para vencê-las. Ele está como que elevado acima das misérias humanas porque está elevado acima de sua condição de homem; acredita-se alvo do mal, sob qualquer forma, aliás, que ele conceba o mal. O primeiro artigo de toda a fé é a crença na salvação pela fé”* (p. 222).

²⁵ O próprio diabo acaba achando o seu lugar insuportável. O inferno é infernal. Por isso os demônios vagam pelo mundo, tentando buscar abrigo no homem, causando doença, divisão, no nosso mundo. Numa tradicional oração, proposta pelo Papa Leão XIII, encontramos o pedido de proteção, a fim de

Além do diabo, outros espíritos se proclamam. Não são só os espíritos malignos é que tomam a vida das pessoas. Segundo os entrevistados, os espíritos dos mortos vêm fazer sofrer algumas famílias. No relato seguinte, temos a narração do caso de um desses “espíritos” dos mortos que veio atormentar alguém da família. Este homem, inclusive, já tinha brigado com o padre Stefanello em vida, e agora parece querer desafiá-lo depois de morto. Continuam brigando, mesmo depois da morte de uma das partes:

“Mas ele falava: ‘-retira-se daqui’. Um dia, ele tava dando a bênção, dando a bênção para uma senhora de Cordeiro. E a nora veio lá e disse que tinha o espírito do velho que morreu, do sogro, e ele deu a bênção tudo e falou assim: ‘-Você se retira daqui’. Porque ele não gostava do padre Luis ainda antes de morrer. Quando eles moravam aqui em Cascalho e não se davam uma vez, porque brigaram com o padre por causa de..., ah, eles queriam mandar não sei o quê e não podia, né? E depois foi passando o tempo, eles foram morar pra Cordeiro, depois essa moça, essa nora com o marido dela. Ela tava muito ruim tudo e o esposo trouxe. Depois ele (o padre) contou pro pessoal que era esse velho que tava no corpo da neta” (Dona Rosa).

Essas histórias eram contadas pelo próprio padre e ficavam registradas pelas pessoas. Esses espíritos que vem habitar as pessoas têm objetivos bem concretos:

“Mas depois ele diz que: ‘-Ah, eu vim três vezes no corpo dela pra judiar da família e agora você me manda embora?’, falou pro padre Luis. E o padre Luis

que os espíritos voltem aos infernos e não fiquem mais vagando pelo mundo: “São Miguel Arcanjo, protegei-nos no combate, sede nosso auxílio contra a malícia e ciladas do demônio. Exerça Deus sobre ele império, como instantemente vos pedimos, e Vós, Príncipe da milícia celeste, pelo divino poder, precipitai no Inferno a Satanás e os outros espíritos malignos que vagueiam pelo mundo para perder as almas” (AMORTH, 1996, p. 43).

respondeu: ‘-Você vai embora sim’. Diz que ele saiu da mulher, subiu pra parede, num canto da Igreja e saiu por cima do telhado. O padre Luis tava lá, ele sabia, ele via. Uma coisa que eu não entendo muito de espiritismo, que eu era nova também, eu sempre ouvia o pessoal falar” (Dona Rosa).

O espírito desse velho fala que sua meta é fazer mal para sua própria família. O espírito até reclama seu direito de posse pois, já estava acostumado com o corpo da jovem mulher: era a terceira vez que ficava ali hospedado. Esse velho, que em vida teve queixas com o padre, e quando vivo teve até de deixar o bairro e ir viver em Cordeirópolis, encontra-se de novo com Stefanello. Parece que dessa vez a história se repete. Encontra-se com Stefanello, que usa de sua autoridade e despede o espírito. O jeito que o padre fala com o espírito é sempre o de uma ordem: “-*retire-se daqui*”, “-*você vai embora*”.

O conhecimento desses espíritos e a visão deles quem tem é Stefanello. Eles sobem pelas paredes da Igreja e saem pelo telhado. De fato, muitos moradores dizem que eles também viam os espíritos que estavam ali presente na Igreja, outros afirmam que só o padre é que conseguia identificá-los.

Os moradores de Cascalho nos dizem que muitos desses espíritos eram perigosos. Tramavam até a morte das pessoas. É o caso ocorrido com o marido de Dona Yolanda, que sofreu um grave acidente, ficando entre a vida e a morte, onde se vê revelar o causador de todo o mal:

“Bom, posso contar uma que eu assisti? O Antônio teve um acidente no dia 1 de julho, fazem 52 anos. O Antônio ficou 24 dias desacordado no hospital, em Rio

Claro, e o padre foi duas vezes visitar ele. Deu extrema unção tudo, porque achava que ele nem vivia mais. Mas depois ele sofreu um tipo de uma convulsão, que ele ficava ruim. Aí, veio um médico de São Paulo, por intermédio do médico de Rio Claro e trocou o medicamento e o Antônio deu melhoras, sabe? Quando o médico deu alta, nós ficamos na casa de um conhecido nosso de Rio Claro, até ele ficar um pouquinho mais forte. Quando falou que vinha embora, aí o Antônio falou assim: ‘-Sim, eu quero ir embora, mas eu quero tomar uma bênção antes de ir pra casa’. Aí, foi. Justo aquele tempo, o padre Luis dava a bênção parece que a 1 hora ou 2 horas, não tô lembrado o horário certo, mas eu sei que era depois do almoço. A hora que ele deu a bênção, um homem ficou ruim, ficou assim diferente. Aí, o Antônio... tinha o meu sogro, tinha o tio Fortunato, tudo assim assistindo a bênção, no primeiro banco. Aí, essa pessoa que ficou ruim falou assim: ‘-Eu queria matar essa pessoa aí’, apontou o Antônio, né? Então, o padre falou: ‘-Então, por que você não matou?’ Ele respondeu: ‘-Porque teve bastante oração pra essa pessoa’. Olha isso. Isso aí eu não esqueço jamais, viu” (Dona Yolanda).

Nós perguntamos a Dona Yolanda sobre as bênçãos do padre Luis e ela respondeu só aquilo que ela mesmo viu, e que “não esquece jamais”. Para ela, aquele homem que estava na Igreja tinha o “espírito”, estava tomada pelo “demônio” e era este que queria matar o Sr. Antônio e declarou isso na frente do padre e de todos os outros presentes. Naquele dia, após sair do hospital, procurando a bênção, é que recebem o conforto e passam a entender o que acontecia. Nesta procura estão presentes duas demandas: a primeira, é a necessidade de interpretar o que aconteceu, de descobrir a causa do mal; e, posteriormente, busca-se entender por que o mal feito não teve resultado. As respostas dos médicos não contentam o Sr. Antônio, ele precisa da intervenção do padre. Esta passa a ser mais decisiva do que os dias todos de tratamento no hospital. Ali, diante do padre, encontram o agente etiológico da enfermidade: era o espírito maligno, que, naquele dia, estava habitando aquele homem. O

próprio espírito dava as razões do seu fracasso: “-*porque teve bastante oração pra essa pessoa*”. O poder para vencer a doença e a morte é atribuído ao alcance da oração. A oração é remédio para a vida do homem, é arma para afastar os espíritos.

O padre não só ordena que eles se retirem, bem como, faz perguntas aos demônios. No início de seu trabalho exorcístico, antes mesmo de iniciar as orações, Stefanello começava a identificar os doentes, os que estavam sofrendo de algum mal. Daí, ele perguntava - e este era o início de um diálogo entre o padre e o fiel possuído: “-*Vocês estão aqui hoje. Quantos estão aqui hoje?*”.

O Sr. Fausto fala que muitas dessas pessoas sofriam desse mal, a muito tempo. Não se incomodavam e ficavam acompanhadas pelos maus espíritos por longo período de tempo.

Parece que estes espíritos ficavam rondando a Igreja de Cascalho. Stefanello, por sua vez, tinha consciência de que eles pertenciam a outro lugar. Sabia que o diabo não era para ficar vagando, atormentando e atrapalhando a vida das pessoas. O caso da mulher do dentista, relatado pelo Sr. João, é neste sentido paradigmático:

“Foi a mulher do dentista. Ele era morador daqui de Cordeiro. Então levou a mulher dele e mais outra mulher junto, levou lá e o padre fez a bênção. Chegou a bater com o crucifixo. E falou: ‘-Vá embora, você não é deste mundo, vá pro inferno, é seu lugar lá’. Ele falava mesmo, o padre. E depois, a mulher voltou no ponto normal dela e o espírito se escutou falar: ‘- Eu saio, mas eu volto’, o espírito. Ninguém escutou, ninguém viu, mas ele falou: ‘- Eu saio mas eu volto’” (Sr. João).

O inferno é o lugar desses espíritos. O padre fala claramente com o diabo sobre este lugar: “-*Vá embora, você não é deste mundo, vá pro inferno, é seu lugar lá*”. Mas eles são teimosos: saem, mas insistem em voltar. A mulher se vê livre, mas tem

de se cuidar, porque eles estarão esperando uma ocasião para voltar.

Coisa curiosa: primeiro o Sr. João diz que todos escutavam o espírito falar e depois parece voltar atrás e diz: “-ninguém escutou, ninguém viu”. Isso se explica pelo que já dissemos antes: que quem podia ver e ouvir estas coisas era o padre. Em um ponto os relatos concordam: em dizer que o padre era o único que, em todas as ocasiões, percebia os espíritos presentes, os ouvia falar, os via subir pelas paredes e sair da Igreja.

O padre chegava a falar que via o espírito ficar espreitando-o enquanto ele pregava, porém, ele preferia não dizer o nome daquele que o vigiava. O nome dele era vergonhoso para se dizer em público: “*Ele falava pro diabo: ‘-Não digo o nome porque é vergonha, mas tá aí, me olhando. Eu não falo o nome, porque é vergonha’.* Ele chegou a falar até isso. *E quantas coisas que tem, e a gente não sabe contar tudo direitinho, né?*” (Sr. Paulo).

O padre Luis é assim, sempre “acompanhado” por esse diabrete de estimação, que fica observando em suas ações e parece prestar atenção aos casos que ele contava no sermão. Esse que espreita Stefanello é o mesmo que ele tentava expulsar, mas que insistia em ficar na Igreja de Cascalho. Eram muitos os casos, mas o próprio Sr. Paulo reconhece que não dá conta de contar tudo como deveria. Esses espíritos, como dissemos, lutavam com o padre.

Cascalho é um lugar muito freqüentado pelos espíritos. O padre Stefanello, no sermão dominical aproveitava para falar de como tinham sido as visitas desses seres invisíveis que provocavam males de toda espécie. O tempo do sermão quase todo era utilizado para falar desses casos, pois diariamente ele era procurado. O sermão tornava pública para toda a comunidade a ação do padre. Era uma forma de exteriorizar sua ação naquele mundo. Era o lugar de divulgação dos acontecimentos:

“Falava dos casos que aconteciam durante a semana. Do jeito que vinham pra tirar o espírito. Então, um falava de um jeito e outro contava de outro. O espírito, você sabe, é mentiroso também. Tinha tudo aqueles casos pra contar, então ele só lia o Evangelho, mas não explicava. Ele contava só os fatos que aconteciam durante a semana, mas demorava pra acabar, né?” (Dona Emília).

O que o padre fala, então, do diabo? Ele revela que o diabo é o enganador, o mentiroso. Além disso, é vergonhoso dizer o seu nome. Por outro lado, ele é que dá um imenso trabalho para Stefanello, pois tem de fazer sacrifícios, orações e jejuns para manter a “camisa limpa”:

“E ele, quando tirava o espírito assim, ele mandava todo mundo se ajoelhar e rezar, pra pedir a Deus pra ajudar a tirar. Mas ele, um dia, falou: ‘-eu faço tudo isso, e depois alta hora da noite, então eu tô aqui no altar, até na madrugada. Eu tô rezando, tô pedindo perdão a Deus porque eu tô forçando Deus a fazer essa coisa pra mim’” (Dona Augusta).

A bênção de Stefanello é o espaço, é o ponto de encontro de duas realidades: o nosso mundo cotidiano e o mundo dos anjos maus. O trabalho exorcístico é um momento de re-significação para os que buscavam a cura de seus males. Sua ação é restabelecer o elo que a pessoa perdeu consigo mesma, já que estava “tomada” por um espírito estranho. Neste trabalho, o padre parece querer forçar o poder de Deus para que atue na libertação da pessoa. Por isso, Stefanello reza pedindo perdão.

Quais são os passos seguidos por Stefanello nesta ação de bênção na qual aparece o diálogo dos espíritos que se proclamam e do padre que fala com o diabo?

O Sr. Fausto sabe explicar bem esse caminho. Quando chegavam pessoas de fora para receber a bênção, o padre convidava todo o povo para se dirigir para dentro da Igreja. É dentro do Templo que ele realiza o ritual. O padre entrava e vestia sua roupa. Tomava a “caldeirinha” com água benta e levava o crucifixo. Pedia a todo o povo que se ajoelhasse para rezar. Daí, ele passava a fazer suas orações e durante este tempo, como diz o Sr. Fausto, “*ele ficava com o olho atento*”, pois era durante as orações que os espíritos começavam a reclamar e a se levantar. A oração fazia os espíritos despertar, se sentiam incomodados pelas preces e logo reclamavam. Neste momento, vários espíritos se levantavam e, alguns deles, até insultavam o padre.

Depois que Stefanello deixou Cascalho os espíritos também foram embora: “*Ah, que depois que o padre foi embora, acabou. Não tinha mais nada, não tinha mais aquele alvoroço*” (Sr. José). “*Não tinha mais nada*” daquela procura pela bênção que era dada em Cascalho. Toda essa história está muito ligada à pessoa do padre Stefanello. Não tem mais a agitação como antes e, quando o padre se retira, leva com ele os espíritos. Em certo sentido, esses espíritos são dele, é uma paixão, a relação entre o bem e o mal expressa na pessoa de Stefanello. A pergunta que a comunidade faz é: como é que, no tempo do padre Luis, tinha tanta gente que vinha tomar a bênção e agora não tem mais? Os padres todos não têm o mesmo poder de expulsar os espíritos? E por que eles não usam? Para Dona Santa, não é que não tenha gente que precise de ajuda, é que não tem mais a disponibilidade em atender e, por isso, eles procuram em outras religiões: “*-Acho que agora eles vão nessas sessão espírita, né? Agora tem outras religião*”.

Segundo o Sr. José, era espírito demais que tinha quando o padre Luis estava em Cascalho. Vinha gente de todos os lados. “*Depois que o padre foi embora,*

acabou. Bom, acabou porque não tinha mais ele". Depois de salvar tanta gente, o padre vai embora e parece levar consigo os seus interlocutores, os que, junto com ele, são protagonistas de uma história de paixão. O padre, em Águas de Santa Bárbara, lugarejo onde escolhe viver seus últimos dias, continua os trabalhos exorcísticos. Agora, já não é mais em Cascalho que os espíritos se proclamam, mas bem perto do padre que com eles tem certa intimidade.

A descrição dos moradores retrata o papel de Stefanello como um importante mediador do processo de comunicação entre os "espíritos" que habitavam Cascalho e a gente que acorria para receber sua bênção. Para os que moravam e moram ainda hoje em Cascalho, Stefanello é referencial. Dissemos que ele tem o papel de intermediário entre os dois mundos. Quem serve de intermediário é o sujeito a quem a comunidade reconhece determinados poderes e, por essa razão, exerce certa autoridade diante de todos.

As perguntas que nos fazemos agora são de ordem especulativa: o que seria preciso levar em conta a fim de refletir sobre um sujeito reconhecido como uma autoridade? O sujeito de tal poder teria de ter quais predicados para que se justificasse seu trabalho?

Talvez, recorrendo à noção de autoridade em RICOEUR (1998a) possamos ampliar nossa discussão: a autoridade é a representação de um "outro significativo", que aparece no horizonte das pessoas e com a qual elas podem se confrontar. A autoridade é aquele, portanto, com quem travo uma certa relação, e do qual posso receber algum juízo que favoreça o meu crescimento. A autoridade é aquele que, entrando no contexto de minha história, tem a responsabilidade de me fazer crescer.

Essa idéia se afasta radicalmente dos reducionismos a que a noção de autoridade esteve ligada ao longo da nossa história cultural. A autoridade era vista de maneira ideológica e visava o controle e a punição. Aqui, ao contrário, a autoridade carrega duas características importantes: devo considerar que é alguém rico em experiência que está diante de mim; e por outro lado, é alguém com quem posso me comparar.

RICOEUR (1998a) diz que na noção de autoridade estão presentes três predicados. Cada um deles representa uma certa progressão na compreensão do que venha a ser a autoridade, estando eles dialeticamente em comunicação²⁶.

O primeiro dos predicados é a idéia de exterioridade. A manifestação da exterioridade se dá, quando no meu horizonte pessoal, surge o outro. O outro aparece no meu caminho e no seu rosto há um pedido. O rosto do outro me chama a uma determinada responsabilidade.

Essa reflexão de Ricoeur sobre o rosto do outro é inspirada por LEVINAS (1988) o qual afirma que o “*rosto é significação*”, ele “*é o que não se pode transformar num conteúdo, que o nosso pensamento abarca, é o incontível, leva-nos além*” (p. 78). Por isso se diz que o rosto é “ética” e, dessa maneira, é acolhimento para aceitar a Transcendência. Para LEVINAS, no tema do rosto está presente a ética. A ética é responsabilidade pelo outro. Para este autor, antes de qualquer diálogo há o processo de dia-conia, isto é, na proximidade da relação inter-humana há o rosto, todo o seu corpo, que é aquilo que me manda servi-lo.

O sentido da exterioridade em RICOEUR (1998a) nasce desses pressupostos: é dado quando consigo reconhecer que, para manter uma promessa, não basta colocar-me de acordo comigo mesmo, mas que tenho necessidade de responder à espera de

²⁶ Parece ser um pouco do estilo do próprio Ricoeur fazer crescer e aprofundar, pouco a pouco, as noções através de seus predicados.

um outro. O primeiro predicado da autoridade é a exterioridade que significa dar-se conta de que alguém espera por você e conta com sua colaboração.

Mas, o que isso tudo tem a ver com o caminho feito até aqui? Quando, nos relatos, podemos identificar esse tipo de predicado que acabamos de explicar? Nossa suposição é que todas as vezes que a comunidade, ou pessoas vindas de fora, solicitavam a ajuda, ou a bênção de Stefanello, estamos diante da exterioridade. No rosto do doente havia um pedido e as pessoas, por sua vez, acreditavam na promessa de oferecer a bênção divina, a cura, a paz que provinha do padre. Muita gente contava com ele para vencer o que as atormentava. Todo um povo esperava por ele e apostava na promessa feita por ele. No âmbito religioso, o chamado “ministro” sempre carrega uma promessa, e isto faz com que as pessoas esperem dele.

Nas entrevistas, pudemos perceber o quanto em torno da figura do sacerdote configura-se esta exterioridade. O Sr. Paulo Bertanha lembra ainda do respeito e do fascínio que o padre exercia sobre seus pais: *“A mãe e o pai eram muito fiel leigo. O pai tirava o chapéu de longe, quando via o padre. Eles (os padres) são ministros de Deus e a gente tem de respeitar. E o meu pai e a minha mãe sempre respeitou”*.

Do mesmo modo, se pode falar das vezes em que ele era solicitado para expulsar os espíritos. As pessoas que se encontravam doentes e que, por intermédio de familiares e amigos, conseguiam chegar até o padre se sentiam “livres”. Até os espíritos reconheciam que Stefanello carregava um poder, e chegavam a pedir para que pudessem ficar por ali e não ser expulsos. Quando Stefanello entrava no horizonte dessas pessoas, era para expulsar o mal e provocar uma mudança.

A outra idéia que Ricoeur (1998a) associa à autoridade é a superioridade. Esta capta *“a dimensão vertical própria da relação mandar-obedecer”* (p. 9). A

autoridade exige representação. E esta representação serve de suporte para sustentar a experiência de formação da consciência moral. Assim, para Ricoeur, a autoridade tem de se representar para que, pelos exemplos, se possa fundar a vida moral. A vida moral é dada à comunidade por alguém que age retamente e dá exemplos disso.

Introduz-se a partir daí a categoria da exemplariedade *que “comporta um elemento temporal de perenidade, que não significa ausência de história mas, se pode dizer, resistência na história”* (RICOEUR, 1988, p. 9). Na história, deve haver enfrentamentos, no sentido de que viver é uma tarefa e uma luta. O que caracteriza a superioridade é a exemplariedade, pois a partir dela é possível entender que a autoridade é digna de atenção da população, não porque tenha poder de mando, mas porque é constante e pelas suas obras manifesta quem ela é. O padre de Cascelho, como era e ainda é chamado, exerce sua autoridade pelo exemplo. Quando ouvimos dos entrevistados muitos elogios que se referem à sua vida laboriosa e o retratam como alguém que podia enfrentar o demônio porque *“tinha a camisa limpa”*, estamos diante dum testemunho de vida que resiste na história.

O trabalho exemplar manifesta-se no cuidado na construção da Igreja. Cada detalhe é importante (desde o tijolo que se encontrava fora de ângulo):

“E aí, (o padre) foi fazendo a Igreja. O tio Antônio Denadai, ele era um bom pedreiro. E depois se tinha um pouquinho de torto, o padre Luis dizia: ‘-Aqui tá torto. Tá torto este cantinho aqui’, ele falava. E o pedreiro respondia: ‘-então eu vou desmanchar, porque mando eu aqui no meu trabalho’. Uma vez ele precisou desmanchar um pedaço, mais de dois metros de pilar, para poder fazer de novo, porque tava um tijolinho fora” (Dona Rosa).

No relatório do Provincial de 23 de novembro de 1927 há a menção de todo o esforço e da atividade como taumaturgo de Padre Luis: *“Padre Stefanello consegue arranjar-se porque não tem nenhuma pretensão e exigência. Trabalha materialmente e economiza mais do que pode... Ajudam-no muito suas bênçãos, passando quase por um taumaturgo”* (ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO ESCALABRINIANA, doc. 403).

O poder de Stefanello, sua autoridade para expulsar os espíritos, para poder espreitá-los, está relacionado à sua vida de penitência. Para o povo de Cascalho, a existência exemplar e de penitência do padre é o que favorecia que seus pedidos fossem aceitos por parte da divindade.

A relação vertical - mandar-obedecer - tem uma conotação positiva. A autoridade tem consciência de que precisa realizar o bem. Nos exorcismos, Stefanello pedia e ordenava que todo o povo o ajudasse a rezar pelo enfermo. O povo de Cascalho sabe reconhecer que ele era o primeiro a fazer insistentes preces, como que negociando com Deus, pelo bem de alguém. Chega a pedir perdão porque parece estar, pela insistência, forçando para que Deus realize a cura solicitada.

Já o último dos predicados com que se caracteriza a verdadeira autoridade é a anterioridade. Segundo RICOEUR (1998a), *“antes das leis existe a Lei, isto é, todo um conjunto do campo simbólico constitutivo de nossa humanidade e que converte a lei em uma instância sempre anterior a si mesma”* (p. 10). Aqui, RICOEUR trabalha os temas da herança e da dívida. Para ele, a herança sempre traz uma tarefa que chega a ser criativa. A herança obriga e exige uma iniciativa responsável, é ela que me dá as possibilidades, é ela que dá consistência ao meu existir, uma vez que é através dela que eu sinto poder realizar algo. É essa dívida que é o possibilitante do “poder ser” do futuro.

Para falar dessa anterioridade como predicado da autoridade, Ricoeur busca

apoio num filósofo judeu Franz Rosenzweig. Quando este autor fala da lei, explica que nela está contida algo anterior e que ele denomina “mandamento”. Diz ROSENZWEIG (1982): “*este mandamento é único: tu amarás a teu próximo como a ti mesmo. Dito de outro modo: previamente às leis, existe o mandamento de amar*” (apud RICOEUR 1988, pp. 16-17). O resumo disto pode ser formulado assim: o amor é fonte de obrigações. O amor obriga.

Agora, podemos, com o auxílio desta categoria introduzida por RICOEUR, ler com maior cuidado o que está por trás do elo que Stefanello estabelece com os espíritos: ele quer ver salvas as pessoas, quer o bem, é movido pelo mandamento. Conforme Dona Santa: “*o padre de Cascelho, coitado. Deus que ponha ele no céu, que dê o céu, porque ele salvou muita gente*”. Aqui, “*salvar muita gente*” é realizar o bem a que a autoridade está destinada. Segundo o povo de Cascelho, é esta anterioridade, o agir segundo o mandamento, o que permite sua comunicação enérgica com o mundo dos espíritos malignos.



Figura 05

“Um dia
 um padre que fazia milagres
 deu sua bênção pro povo:
 mulheres de cabacinha de ouro na orelha,
 homens de camisa cor de rosa,
 menino de todo jeito e de terninho.
 Galho de funcho, arruda, manjeriço,
 cheirava junto com o povo apertado no pátio.
 Tudo ótico, olfático, escatológico.
 A paciência de Deus sentou de pernas cruzadas
 na platibanda da Igreja. Com uma mão pitava,
 com a outra segurava o joelho,
 piscando um código pra Murilo Mendes
 que rolava de rir”
 (Adélia Prado)

Capítulo V

AS BÊNÇÃOS

As bênçãos, em Cascalho, nos tempos do padre Luis, eram regulares, quase que diariamente. O padre não cobrava nada pelo serviço²⁷. Recebia a todos e a qualquer hora. Quando acontecia dele não estar ali presentem, por razões de viagem, o povo atribuiu a ele o mesmo poder de Santo Antônio²⁸: bilocar, para atender duas situações simultâneas. Essa “força terrível” faz o movimento da colônia de Cascalho. O padre oferecia bênção, nada cobrava pelo serviço, mas qualquer oferta era bem vinda. É o que afirma dona Emília, esposa do Sr. Paulo:

“Eles vinham tomar a bênção todo dia e colocavam dinheiro ali. Gente de fora que ponhava dinheiro. Todo dia tinha dinheiro. Ele não cobrava nada, mas dinheiro

²⁷ O estudo de QUINTANA (1999) sobre as benzedeadas, nos mostrou como elas enxergam seu serviço como um oferecimento de si para outros. O que elas têm podem doar. É um dom divino aquilo que elas receberam. Por isso, entre elas nunca se deve cobrar nada de ninguém. É deixado à pessoa que foi curada ou que recebeu a bênção a responsabilidade pela dívida. A cura é uma intervenção divina, por isso, ela é encarada como dom de Deus. E dom é algo recebido e não pode ter uma relação de troca comercial. Não se estabelece nenhum preço, porém, há da parte do beneficiado com a cura uma dívida, uma colaboração livre, um gesto.

²⁸ O milagre da bilocação é um dos tantos que se atribui a Santo Antônio. Segundo a tradição, numa certa ocasião, a família de Antônio, em Lisboa, foi injustamente acusada da morte de um jovem. Este, em Pádua, teve a revelação desses infortúnios, solicitando ao Superior licença para viajar à sua terra natal. Recolheu-se em oração e, no mesmo dia, apareceu em Lisboa, onde pediu a libertação de seus familiares. Ante a recusa dos juizes, pediu ao morto que se levantasse e indicasse quem o agredira. Com a ressurreição do jovem, este inocentou os familiares de Antônio. No outro dia, o santo já estava em Pádua para retomar suas pregações.

sempre vinha ali. Ele não cobrava a bênção, o pessoal colocava ali, de monte de dinheiro que vinha ali”.

O dinheiro era uma necessidade para a manutenção da vida da comunidade, que estava envolvida em obras muito importantes, tais como: a construção da nova Igreja e da casa paroquial; as contribuições para a assistência do Orfanato Cristóvão Colombo, de São Paulo, a quem Stefanello estava ligado por pertencer a Congregação dos Escalabrinianos; e a sustentação da banda e do clube de esportes. Além disso, devemos contar os gastos com os serviços litúrgicos, com o padre, com as taxas para a paróquia de Cordeiro e para a Cúria etc.. Mas, a preocupação de Stefanello não é com o dinheiro, pois como dizem os moradores de Cascalho, ali “caía dinheiro”. E nos perguntamos: de onde caía esse dinheiro para tantas obras? Do céu? Certamente que não. Mas uma boa parte provinha das bênçãos e curas realizadas. Quem antes estava doente e depois se sente curado, se vê agradecido pelo benefício e deixa ali sua contribuição. Com este dinheiro é que o padre Stefanello ia podendo dar continuidade aos trabalhos da nova Matriz e da casa paroquial, bem como, das outras atividades da vida paroquial e da colônia.

Os recursos financeiros não caíam do céu. É mais correto dizer que vinham do inimigo. Até o diabo colaborava. Quem mandava o dinheiro para a construção da Igreja era o diabo. Era uma espécie de pacto que Stefanello tinha feito com a divindade, pois se a Igreja era para o culto de Deus, então, que ele arranjasse um meio a fim de que a obra fosse levada a cabo. É assim que o povo recorda que Stefanello falava:

“O padre uma vez falou assim que ele fez a Igreja com o dinheiro do diabo. Porque ele tirava o espírito né? E tudo dava bastante gorjeta. Ele não cobrava nada. Ele falou: ‘- eu não vou cobrar nada, mas se vocês quiser

dar uma esmolinha ai pra Igreja'. E tinha essa gente rica que dava bastante. Porque se fosse só pelos pobres de Cascalho não dava pra fazer a Igreja. Ele fez" (Dona Santa).

Segundo o Sr. Paulo, quando aconteceu do madeiramento de sustentação da torre pender sobre o teto recém coberto, o padre Luis entrou na Igreja e, de joelhos diante do sacrário, foi suplicando para que Deus o ajudasse a acabar a construção, que ele mandasse o dinheiro porque, do contrário, ele pessoalmente pouco se importaria. Conclui o Sr. Paulo: “- *Porque, se o Senhor (Deus) não me manda o dinheiro e bota lá, então, fica com a tua Igreja, que eu pouco me importo. Mas ele falou isso de coração, porque ele queria fazê, 'eu quero fazê a tua Igreja', e como pegou e fez”* .

O Sr. Paulo fica admirado pela “*inteligência de Deus*”: pede para o inimigo, que ainda é sua criatura, para ajudar o padre a construir a Igreja. Pois isto era possível com o dinheiro dos romeiros, que ficavam agradecidos de terem sido libertos do demônio e depositavam suas generosas ofertas no cofre da Igreja. O padre sempre falava: “-*até o diabo me ajudou*”.

Como já vimos, as bênçãos que eram dadas às pessoas e que as levavam à cura faziam com que o povo reconhecesse a força do padre Stefanello. Mas este poder está ligado também ao fato dele poder cuidar do povo contra os infortúnios da natureza. O povo do bairro recorre ao padre para se verem protegidos do mal e percebem que as forças da natureza obedecem ao seu pedido.

Stefanello percebe-se membro de uma realidade maior, sendo parte integrante da natureza, mas também, podendo intervir nela com autoridade. Sua bênção era, entre outros, o instrumento capaz de pulverizar as plantações:

“Um tempo aqui, o povo plantava muito amendoim. Então, atacava o bicho no amendoim. Sabe, aquele tempo quase ninguém tinha máquina de pulverização para pulverizar. Falava pro padre: ‘-padre, o amendoim lá, tá tudo rapado, justo agora que tá fazendo o amendoim baixo’. E ele dava a bênção de lá mesmo: ‘-ocê não vai ver mais o amendoim por uns dias, não vai ver mais o amendoim’. E quando chegava ir lá, o bicho tava tudo morto. Ocê acredita isso? O bicho tava tudo morto. Ele tinha uma força terrível. A bênção dele era...” (Sr. Paulo).

A “força terrível” de Stefanello afastava também os temporais que podiam prejudicar as plantações. Quando começava a formar-se qualquer temporal, o padre ficava para fora de casa benzendo o tempo e “*não vinha temporal nenhum em Cascalho*”. As pessoas do bairro, quando se viam ameaçadas pelo mau tempo, logo se lembravam de Stefanello e perguntavam: “*-Será que o padre Luis não vai benzer?*” Isso é tão presente para os mais velhos que, até hoje, quando o tempo muda e há ameaça de temporal, eles invocam a presença da bênção de Stefanello.

O povo de Cascalho compara os acontecimentos do passado com os fatos de hoje. Por exemplo: eles dizem que no último temporal o bispo estava ali e não fez nada. Foi uma tremenda chuva de pedras que prejudicou a lavoura, danificou casas e assustou muita gente. Não sabem dizer por que o bispo não deu a bênção. Há uma cobrança dessa proteção²⁹:

²⁹ Interessante observar uma importante recomendação feita pelo bispo da diocese de Perpignan, em abril de 1663, que lembra aos sacerdotes o seu dever de permanecer em suas paróquias na época de temporais: “*Sabei que o prudente procurador fiscal da presente corte eclesiástica nos expôs que há muito tempo vêem-se notáveis demonstrações segundo as quais Deus, Nosso Senhor, estaria indignado e ofendido com os inúmeros pecados e ofensas que se cometem contra Sua Divina Majestade. Pelas quais temos a cada dia sinais indicando que desejaria castigar-nos por meio da perda dos frutos da terra, pelas iminentes quedas de granizo, tempestades e borrascas causando uma notável penúria e esterelidade na presente diocese, e outros gravíssimos prejuízos, bastante notórios e manifestos; e que a santa Igreja, mãe muito piedosa, desejando acalmar a ira e a indignação divinas, introduziu diferentes remédios, como o toque dos sinos, os santos exorcismos e bênçãos, e*

“Aquela última pedra que deu aqui, o bispo tava ali e eu falei: ‘Será que o bispo não vai benzer?’. Puxa, pedra quebrou tudo. Nunca vi uma pedra igual. E o bispo tava ai, se ele não benzeu ou tava dormindo, não sei o que aconteceu. O padre Luis nunca deu um temporal aqui em Cascalho” (Dona Emília).

Segundo Dona Emília, muitos confiavam que o bispo iria benzer, e por isso, deixaram de invocar o padre Luis. O bispo não benzeu e daí veio o temporal. O costume de Dona Emília é ir para fora de casa e chamar o padre Luis. Até o vigário, que hoje trabalha na comunidade, quando quer afastar o mau tempo, implora ao poderoso padre Stefanello. Esse é um costume em Cascalho. Todos intercedem para que a natureza seja benigna.

O diabo não se contenta apenas em causar o mal às pessoas, mas quer também arruinar o ambiente em que o homem vive. O temor dos temporais está sempre presente. O mau tempo e as chuvas de pedra poderiam fazer perder as plantações, e isso traria sérios problemas econômicos para uma comunidade eminentemente rural, dependente da produção agrícola. Para os de Cascalho, o mau tempo é sinal das forças do mal. E a natureza parece obedecer e respeitar as bênçãos e exorcismos do padre:

“O padre não tinha uma estolinha aqui no braço? Ele ponhava uma pequena aqui no braço. Então, ele falava

outras orações e preces. Para isso é de nosso encargo prover um remédio adequado, a fim de evitar semelhantes e maiores prejuízos e inconvenientes; e assim, pelo teor da presente, a vós e a cada um de vós, a exemplo do procurador fiscal, como primeira, segunda, terceira canônica e peremptória advertência, dizemos que, durante todo o tempo que os frutos da terra estiverem em perigo de ser destruídos e arruinados pelas quedas de granizo e outras tempestades e borrascas, façais contínua e pessoal residência em vossas igrejas e paróquias, e que não vos afasteis delas de maneira nenhuma, a não ser quando se apresentar alguma necessidade; e sempre quando virdes sinais de semelhantes tempestades e borrascas, tendo o cuidado de exorcizá-las e benzer pelo sinal da santíssima cruz, tocando os sinos e utilizando outros remédios que com tal objetivo nossa santa madre Igreja introduziu” (DELUMEAU, 1989, pp. 75-76).

assim: ‘- Vem vê, quem tem coragem põe a mão aqui na minha estola’, né? Ninguém tinha coragem de pôr a mão lá, nele. E ele falava: ‘- aí, vocês vê o que tem aí em cima’. Tudo mundo tinha medo, né? Ele via o que tinha lá em cima. O tempo se abria, foi metade pra um lado, metade pro outro, e não caiu um pingo de água lá. Quando chovia pedra lá, uma chuva brava, era porque ele não tava lá, mas se ele tivesse lá, que ele percebesse... não vinha temporal, não” (Dona Santa).

Aqueles que colocassem a mão na estola poderiam ver o que estava acontecendo lá em cima. “Lá em cima” é uma outra realidade diferente da nossa. Só podia ver quem aceitasse o desafio de colocar a mão na estola do sacerdote. Ele faz ali o papel de mediador, ponto de contato de nossa esfera com a esfera “lá de cima”. Por que será que ninguém tinha coragem de fazer o gesto? O que estaria vendo o padre Stefanello? O que estaria acontecendo “lá em cima”? Será que ele via uma porção de demônios preparando a tempestade, a fim de prejudicar os habitantes de Cascalho? Que visão era essa que ninguém ousava querer ter? Mas o desafio estava lançado à comunidade. Diz o povo que “ele via o que tinha lá em cima”, assim como em outras ocasiões ele vai conseguir ver e ouvir os “espíritos”. Para os de Cascalho, “lá em cima” devia ter o espírito, “o diabo”, que estaria provocando o mal. É pela benção que o temporal será dissipado. O único que disse ter colocado a mão na estola do padre para ver o que ele via foi o Carvoeiro, um discípulo de Stefanello, que como veremos mais adiante, vai aprender as suas bênçãos.

O tempo obedece a Stefanello e, assim, afastam-se os prejuízos aos sitiados. Mas isso não é apenas fato do passado. Isso acontece ainda hoje: o padre “vem benzer” e trazer os benefícios:

“O tempo, ele benzia. Mandava que não viesse pedra pros sitiantes, sabe? Chuva de pedra, ele benzia e mandava longe. Hoje mesmo, nós, quando vê que tem um tempo que estraga as nossas coisas, nós se benze e reza um pai-nosso pro padre Luis. Parece que ele vem benzer; e não atinge quase” (Sr. Guilherme).

Os moradores de Cascalho chamam o padre a fim de que as pragas que atingiam as plantações sejam afastadas:

“Uma vez, a gente tinha plantado algodão e deu aqueles bichos. Encheu o algodão de bichos. Aí, a mãe foi lá e chamou ele, né? Falou pra ele. Ele veio e falou: ‘- pode deixar que eu vou lá’. Ele foi lá e começou a benzer a roça, que era roça de algodão. Ocê não acredita: os bichos descia um atrás do outro, assim, e foi morrer no mato, com a bênção do padre” (Dona Santa).

Quando Dona Santa fala que os *“bichos desciam um atrás do outro”*, ela se refere ao poder quase mágico que o padre tinha. Os *“bichos”* desciam ordenadamente dos pés de algodão e iam morrer no mato. O mesmo se dá com os passarinhos, que obedeciam a ordem do padre de não *“sentar”* nos brotos da plantação de arroz:

“E ele pegou, um dia, e foi lá. E ele benzeu os passarinhos, né? Olha, o passarinho não sentava mais no arroz. Ele falava assim (eu era menina mas eu lembro): ‘- Não fica olhando os passarinhos não. Deixa os passarinhos’. Mas eu era curiosa, né? Eu ficava olhando pra ver se eles sentavam no arroz. Não sentava, não. Não sentava nenhum. Até que eles iam embora e não voltavam mais. Olha que poder que ele tinha. O padre de Cascalho tinha poder. Isso aconteceu” (Dona Santa).

A presença do padre Luis era muito importante para os sitiantes. A curiosidade da menina Santa quer provas de que a bênção era mesmo poderosa. Está diante do milagre: a força do padre afasta os passarinhos.

Depois do Carnaval, no tempo da Quaresma, que é o tempo em que Cristo sofreu sua tentação, sua paixão, foi condenado e morto, há muitas procissões em Cascalho. A Quaresma é o tempo em que Deus sofre. Tudo é mais misterioso neste tempo (Mahfoud *in* MASSIMI e MAHFOUD, 1999). Não há bailes na comunidade. Há respeito pelo jejum e abstinência de carne. Nos dias de guarda não se trabalha, não se mexe com absolutamente nada. É tempo de procissões. E nesta ocasião o padre fazia questão de benzer as encruzilhadas: *“Ele ia nas encruzilhadas e benzia, viu? Benzia as encruzilhadas, que diz que ele tocava, embora não sei o quê, que beneficiava”* (Sr. Guilherme).

Acreditava-se que, nas encruzilhadas, se podia fazer o mal para os transeuntes. Ali, estavam presentes os fantasmas e os demônios. E a ação de benzer as encruzilhadas era para espantar os maus feitos e as pragas lançadas sobre as pessoas e propriedades. Por isso, o Sr. Guilherme diz que a bênção do padre *“tocava embora não sei o quê”*, trazendo os benefícios.

Em Cascalho, além das encruzilhadas, havia uma curva muito perigosa. Era a chamada *“curva do Chiaradia”*. Nela, muitos desastres aconteceram. O acidente que mais é comentado foi com a banda de Cascalho que, nesta ocasião, perdeu um dos seus músicos valorosos. O povo diz que o padre nunca deixava de benzer aquele lugar: *“E depois, acontecia muito desastre e ele tinha poder. Tinha muito desastre naquela curva do Chiaradia: quanta gente que morreu naquela curva”* (Dona Augusta).

Todas as realidades que eram tocadas pela bênção poderosa de Stefanello se transformavam. Assim, um terço feito por ele tem outro significado. O mesmo se dá com uma aliança de matrimônio que foi abençoada pelo padre. Ela tem mais valor e não pode ser mudada:

“É, essa aliança aqui, essa aqui é das bodas de ouro. E essa foi o padre Luis que benzeu, portanto, teve gente que falou assim pra mim: ‘-Dona Cida, manda desmanchar essa aliança e a senhora faz um anel de chapinha’. E eu falei: ‘-não, eu não quero que desmancha, foi o padre Luis que benzeu essa aliança. Não vou desmanchar, não’. É uma recordação dele. Ele que benzeu; agora, eu vou desmanchar pra quê? Eu não! Tem tanto anel aí! Deixa o anel de chapinha pra lá, e deixa a aliança que o padre benzeu. Nossa, tantos anos, não? Cinquenta anos, né?”

Como as bênçãos do padre eram importantes para essa população! E como Stefanello era afeiçoado a este seu trabalho! Imaginemos pois que a autoridade eclesiástica, na pessoa do bispo e dos vigários forâneos, venha a proibir as bênçãos. O que será que aconteceria? Esta é uma outra parte da história. Todavia, o desejo de bem que carregava Stefanello o fazia enfrentar até mesmo o bispo que queria proibi-lo de continuar com as bênçãos:

“Então, o bispo mandou ele parar de dar a bênção, né? Veio aí e falou. Mas acho que teve gente que reclamou também. Então, ele falou pra ele parar com isso, né? Ele continuava a mesma coisa, não obedecia, não. Vê lá!!! O que ele achava que ele tava certo na religião, que ele tava fazendo o bem, nem bispo, nem ninguém mandava ele parar. Ele continuava. Ele achava que aquilo era o bem do povo, e fazia o bem pros outros, então podia mandar parar que ele não

parava” (Dona Emília).

Mesmo que o bispo o tenha mandado parar, ele não pára de exercer o poder. Mas qual a razão? Certamente o coração bom que tinha o impedia de parar. Não podia ver o povo sofrendo sem poder dar uma resposta: *“O bispo também tava contra ele. Os padres também. E ele falou: ‘-Você é um pixote, você não quer ter trabalho, você é um pixote, você não tem dó de quem tá sofrendo’, ele falava pro bispo. Falava mesmo”* (Sr. Paulo).

Este é o temperamento do “benzedor” de Cascalho: não tinha medo de enfrentar o bispo³⁰. E segundo o relato dos moradores, tanto ao bispo como a outros sacerdotes que não escondiam seu ceticismo e negativismo frente a seu trabalho, Stefanello os chamava de “pixote”, de gente pequena, que não estava interessada no bem do povo. Por outro lado, não é bom mexer com o padre Luis, pois ele é poderoso. O caso do cônego³¹ de Araras é ilustrativo: *“Ah, o cônego de Araras chamou o padre Luis que não devia fazer isso e coisa e tal. O padre Luis falou: ‘-ocê fica aí sentado, pixote, que ocê não tem dó de ninguém’. Precisou mandar falar pro padre absolver, pro cônego poder sair da cadeira”* (Sr. Paulo). O cônego ficou preso na cadeira e não podia mais se levantar. A esposa do Sr. Paulo continua a história: *“Então, daí, veio o secretário dele falar pro padre ir lá que o cônego não levantava da cadeira”* (Dona Emília). E conclui o Sr. Paulo:

³⁰ Interessante notar que, no livro do Tombo da Igreja de Cascalho, Stefanello não faz nenhuma menção a respeito de suas bênçãos e ao movimento de romeiros a Cascalho. Poderia ser uma estratégia pessoal para evitar as censuras do bispo, já que este visitava regularmente a paróquia e revisava o livro do Tombo? Parece que esta hipótese é sustentável, optando pela omissão, para não se ver em confusão.

³¹ Cascalho, no tempo do padre Stefanello, pertencia à diocese de Campinas. E esta era dividida em Vigárias forâneas, as quais estavam destinadas algumas paróquias sob a liderança de um dos cônegos. Cascalho pertencia à forania de São José, composta das paróquias de Araras, Cascalho, Cordeiro, Descalvado, Leme, Limeira, Monte Mór, Pirassununga, Porto Ferreira, Rio Claro e Santa Cruz da Conceição. Observamos também que estes vigários forâneos tinham determinadas obrigações como inspetores do bispo (Cf. ECCLESIAE SYNODUS PRIMA, 1928, pp. 160-168).

“E o padre Luis não foi. Mandou falar daqui: ‘- Fala pra ele levantar, aquele pixote, que não abuse mais’. O cônego não acreditava no que o padre fazia. O padre fazia pelo bem e ele interpretava pelo mal. E o padre tinha uma certa razão, porque ele queria fazer o bem, como ele fez pra aquele Alexandre”.

A população sabe reconhecer Stefanello como portador de um dom especial, com poderes sobrenaturais, que permite intervir no âmbito da própria vida. Nas comunidades tradicionais, a bênção representa uma das formas que a população tem para lutar contra a natureza que lhe é hostil. Hoje, o homem, com a técnica, parece ele mesmo ameaçar a natureza; já no tempo de Stefanello os problemas do campo eram resolvidos com muito esforço, através do trabalho, de técnicas rudimentares e contando com a dádiva do alto, com a intervenção divina para a proteção. Por isso, as preces se multiplicam e o padre é solicitado para: o novenário, pedindo boas chuvas; para espantar, com a bênção, os espíritos das encruzilhadas; para benzer o sal e água utilizados como alimento dos animais; e também para cuidar das diversas culturas plantadas.

O apelo para que as plantações, os campos e os bens recebam uma proteção é que faz com que a comunidade tenha um apego ainda maior pela figura de Stefanello. Ainda mais que sua intervenção se revelava mesmo poderosa, e isso era confirmado pelo fato que, enquanto esteve ali, *“nunca se soube de um temporal”*. Esse cuidado só pode ser de alguém que tem responsabilidade pelo lugar em que vive e autoridade para fazer o bem.

Para que possamos compreender melhor o significado dos dados apresentados, nos valeremos das reflexões que faz DELUMEAU (1989) sobre a prática da bênção de proteção; em seguida, utilizamos o pensamento de Ricoeur sobre a responsabilidade da autoridade diante da natureza e, por fim, completaremos com mais alguns dados apontados por VAN DER LEEUW (1960) quanto ao poder.

DELUMEAU (1989) nos mostra, no seu livro HISTÓRIA do medo no Ocidente, que a prática da bênção de proteção contra os malefícios que poderiam vir da natureza foram incorporados pelo cristianismo, dando origem a um certo magismo, que prevaleceu em muitas comunidades mais tradicionais:

“Em uma obra reeditada em Veneza em 1779 figura uma boa centena de absolvições, bênçãos, conjurações e exorcismos relacionados unicamente à vida material: bênçãos dos rebanhos, do vinho, do pão, do óleo, do leite, dos ovos, de toda a carne, dos bichos-de-seda, dos celeiros, das granjas, do leito conjugal, do poço novo, do sal que se dará aos animais, do ar para que permaneça sereno e traga a chuva; conjurações da tempestade iminente e do trovão; exorcismos contra os vermes, os ratos, as serpentes e todos os animais nocivos etc.” (p. 72).

O autor mostra também como muitos costumes se difundiram pelo Ocidente cristão, a partir do século XVI em diante, tais como: os toques de sinos durante a tormenta, a colocação de cruzes de encruzilhadas para que protejam do granizo os campos vizinhos, o uso de talismãs e de pequenos fragmentos do prólogo do Evangelho de São João. Nestas comunidades mais tradicionais, as populações viam

no sacerdote o sujeito dotado de poderes excepcionais, que podia afastar da terra o granizo e as tempestades, tidos como manifestações da cólera divina.

Tanto para os moradores de Cascalho, quanto para o próprio padre Luis, é uma necessidade percorrer as casas e os sítios, benzendo as plantações, os objetos e as pessoas. Por isso, não nos é estranho este tipo de prática.

Como podemos compreender melhor a especial atenção, o zelo e desejo de bem que estava presente na vida de Stefanello?

Quando Ricoeur *apud* CESAR (1998) toca no problema do relacionamento do homem com o seu meio, ele utiliza a categoria da responsabilidade. É aprofundando a noção de responsabilidade que se pode falar da natureza. Ele diz que responsabilidade é encarregar-se de algo que nos é confiado, cuidar do que é frágil. A responsabilidade é tomar consciência de que há uma missão e uma tarefa que, não realizada, colocará em risco o futuro e o bem estar das pessoas.

O imperativo que nasce daí é o seguinte: “*age de tal maneira que haja uma humanidade depois de ti o maior tempo possível*” (RICOEUR, 1996b, p. 176). Este imperativo responde à questão que toda a pessoa se coloca: o que podemos fazer? Ela envolve o plano pessoal e social. É a preocupação pelo futuro que faz com que as pessoas tenham o senso da preservação e do cuidado com a natureza.

Como é possível deixar que um temporal coloque em risco a sobrevivência de todo o povo? A luta contra as forças do mal, que estão presentes no temporal, e que o padre Stefanello enxergava, lhe põe o problema: o que eu posso fazer? Para ele, a resposta estava na bênção e no exorcismo dessas forças.

“*Em relação aos diferentes mundos - o da natureza e do humano - a idéia de responsabilidade está vinculada à de proteção do que é frágil*” (CESAR, 1998, p.

70). O frágil é aquilo que precisa de socorro, é o que deve ser cuidado para que possa se realizar. Para que possa haver frutos, é preciso de proteção. A bênção sobre os elementos da natureza tem esse caráter de defesa, de socorro, de atenção a algo do futuro que precisa perdurar.

A categoria que Ricoeur propõe, segundo o imperativo exposto acima, é a responsabilidade pelo dano e pela reparação. Isto é decorrência de um cuidado originário.

Quando Dona Emília diz que o bispo não se importou em abençoar, quando veio o temporal, é sinal de que ele não consegue reconhecer esse cuidado originário, tão presente para os moradores de Cascalho. O próprio Sr. Guilherme introduz esta interpretação, quando diz que, até hoje, o padre vem cuidar e, por esta razão, o mal nas plantações, quase não atinge.

Por fim, perguntamos: esse cuidado, expresso como um desejo de bem, não está ligado a um determinado poder do padre? Quanto a esta questão, a perspectiva de VAN DER LEEUW (1960) pode nos ser bastante explicativa. Ele diz que, na experiência religiosa, o homem é confrontado com uma potência misteriosa. E, sobretudo em determinados ritos, como é o caso dos exorcismos e das bênçãos, o homem percebe-se tocado pela potência de modo a exercer com autoridade o poder que lhe foi conferido pela divindade como um dom. A sua vida se volta para a potência. De tal forma que a vida religiosa é cheia de potência: a água potente ou o fogo potente, ajudam o homem a superar o momento crítico, neutralizando a potência perturbadora, assegurando um andamento favorável (Cf. VAN DER LEEUW, 1960, pp. 153-154).



Figura 06

“É bom que uma vez se tenha usado bainha nas calças.
 No juízo final nos servirá de defesa.
 Em algumas coisas fomos tão inocentes...
 Houve, é certo, sob nossos telhados,
 ruidoso desamor,
 fel em gotas de silêncio segregado.
 Mas fazemos laços tão honestos com os cordões dos sapatos
 e é tão coitado o nó de uma gravata
 que ao pescoço logo se perdoa.
 Mas Deus nos perdoará,
 ele sabe o que fez: ‘homem humano’.
 A boca que comeu e mentiu come seu Corpo Santo.
 Eu não sei o que digo,
 mesmo se o que falo é:
 não sou digno, Senhor”
 (Adélia Prado)

Capítulo VI

O APRENDIZ

Ao longo da pesquisa, fomos encontrando pessoas de muitas partes que dizem terem tido um contato com o padre de Cascalho. Mas o caso mais curioso, além daquele do padre Frederico, que buscava os “saberes” de Stefanello, é o do jovem da vizinha cidade de Limeira, que procura o padre Stefanello a fim de aprender com ele as técnicas de bênção e exorcismo.

O Carvoeiro é movido pela curiosidade suscitado nele pelo encontro com o tipo brincalhão e esportista do Pe. Stefanello:

“O padre Luis é o seguinte: eu era moço novo e eu jogava lá. E ele gostava muito de esporte. Era muito brincalhão, o padre Luis. Mas eu vi ele fazer coisas dentro da Igreja lá, e eu fiquei olhando e fiquei curioso e, um dia, eu fui lá e disse: ‘-Padre Luis, me diga uma coisa: que vem a ser temporal?’ E ele falou assim: ‘Eu queria que ocê tivesse aqui na hora do temporal e pisasse no meu pé direito, pegasse na minha mão e descrevesse o que vem na frente’. Temporal é o demônio que vem na frente. Deus não destrói ninguém. Você tem de rezar, porque o povo se vira e diz: ‘Eh, Deus não olhou pra mim’. Mentira. O demônio vem na frente. E aonde eu tiver, temporal não cai, não. Isso eu tenho fé em Deus. Só se eu não ver. Mas se eu ver, ele abre, né?’”.

Pela interpretação do Carvoeiro, podemos entender melhor o que significavam para o padre Luis os temporais, e a sua preocupação em dar a bênção. O temporal é “*o demônio que vem na frente*”³². E vem para destruir e assombrar. Ainda hoje é muito comum a população invocar o padre Luis nos temporais. Chamam pelo padre, para que ele veja, e não deixe acontecer nada de mal.

Mas se o temporal é “*o demônio que está na frente*”, como é que podemos vê-lo? Para isto, é preciso ter coragem. É preciso segurar a mão direita do padre e colocar o seu pé no pé dele, para que assim você possa enxergar. Muitos não tinham coragem de fazer isso. Já o Carvoeiro teve. Como uma pessoa pode, por sua curiosidade, ter essa coragem? O Carvoeiro explica que isso é possível porque há oração. Deve-se acreditar que o demônio não destrói ninguém, se você tiver a força de Deus.

Ao lado da curiosidade que o faz começar a aprender o caminho, há um outro elemento que o atrai: é o poder e a autoridade com que o padre Luis age quando encontra pessoas em situações graves:

*“Daí, eu vi, um dia chegou um, dois, três moços assim,
com uma moça amarrada, em cima de um caminhão.
Meio dia ele dava a bênção, com um terço grande. Só*

³² A este respeito é curioso verificar o que encontramos no *MALLEUS Maleficarum* (1487), comentário prático da bula *SUMMIS desiderantes*, de Inocêncio VIII, utilizado pelos inquisidores, que no Capítulo XV ensina: “*Nos demônios existem três propriedades a serem consideradas - a sua natureza, a sua tarefa e o seu pecado. Pela sua natureza pertencem ao empíreo, nos céus, pelo seu pecado pertencem ao mais profundo dos infernos, mas pela tarefa que lhes é outorgada - como ministros do castigo para os perversos e da tentação para os bons - o seu devido lugar está nas nuvens do céu. Não habitam conosco a terra para que não nos aflijam em demasia. Contudo, no céu e ao redor da esfera de fogo são capazes de congregarem os agentes passivos e ativos, quando Deus o permite, para lançarem o fogo e os raios dos céus*”. Neste mesmo capítulo, o autor invoca a autoridade de S. Tomás que diz: “*É preciso confessar que, com a permissão de Deus, os demônios são capazes de perturbar o elemento ar, causar ventos e fazer o fogo cair dos céus. Pois, embora no que tange à sua forma, a natureza corpórea se acha fora do comando de qualquer Anjo, seja bom ou mau, a natureza corpórea do movimento localizado se encontra subordinada às forças espirituais. E essa verdade é claramente exemplificada no próprio homem. Pois ao mero comando de sua vontade, que existe subjetivamente em sua alma, os seus membros se movem. Portanto, tudo o que pode ser conseguido pelo movimento local pode também ser feito pelos bons e pelos maus espíritos, graças aos seus poderes naturais, salvo se Deus o proibir. Mas os ventos, as chuvas e outras perturbações atmosféricas semelhantes podem ser causados pelos simples movimento dos vapores oriundos da terra ou da água. Portanto, o poder natural desses elementos dos demônios é suficiente para provocar tais fenômenos*” (1991, pp. 295-296).

que ele batia na pessoa, eu não bato, não. Então, o rapaz veio falar com ele, e ele falou: ‘Cadê a moça?’. Ele respondeu: ‘Ah, não pode soltar’. O padre falou: ‘Por que não pode soltar? Solta ela. Ela corre nada. Solta ela’. Soltou a moça, ela veio, ele começou com o terço e ela ficou louca com ele. Por que que era? Era simples. Ela era filha adotiva da família. E essa filha adotiva ela perdeu uma irmã, que era da própria família adotiva. Então, os pais recusaram de dar a parte daquela moça pra ela, porque ela era adotiva. Ela veio ali e falou tudo. Era só isso a doença dela. Essa moça não tinha nada. A moça saiu boa de lá”

Enquanto descreve a ação de Stefanello, o benzedor vai apontando no que ele, pessoalmente, difere e se assemelha ao padre. No trecho acima ele diz que o padre batia nas pessoas, enquanto ele não faz isso. O padre utilizava um terço grande para as bênçãos. O Carvoeiro, da mesma forma que Stefanello, faz uso do terço, junto com galhos de arruda e água benta para benzer.

Utiliza inclusive a mesma oração do padre e recorre à conversa para libertar a pessoa:

“Dentro da Igreja, ele pegava um terço na mão, rezava a mesma oração que eu rezo em cima do sujeito, dez minutos o sujeito falava tudo. A pessoa não, quem tava nele. E ia embora e acabou. Ele conversava assim que nem eu tô falando com você³³. Eu pego o terço e o crucifixo na mão, o ‘nego’ vem endiabrado em roda da minha mão, ele fala tudo o que eu quero saber. Eu tô assim que nem eu tô com você. O sujeito vai embora, acabou e pronto”.

³³ Na procura por um desinfetizador, estão presentes duas demandas: no início, é interpretar o que está acontecendo; depois, a demanda é terapêutica, isto é, busca-se a cura. O mesmo se dá com as benzedoras e os médicos, como salienta QUINTANA (1999), em que as primeiras buscam responder à necessidade mais profunda das pessoas de explicações e cura, enquanto para os médicos a procura está relacionada ao alívio de sintomas. O trabalho da benzedora vai ser, primeiramente, de compreender a série de acontecimentos e detectar as forças das quais se originam as coincidências. E ao detectá-las, poder agir sobre elas.

É fácil notar que muitos casos que se apresentavam à Stefanello não eram tão complexos. As pessoas iam em busca da explicação para o seu mal. E o padre dava a resposta e a pessoa saía bem. A moça descrita pelo Carvoeiro “*não tinha nada*”, só era preciso entender que ela era filha adotiva e não ficaria com a parte da herança da filha legítima da família. Quando vem a Cascalho, ela fica curada porque pôde expressar ao padre tudo o que vinha sofrendo.

Interessante conversar com o Sr. Carvoeiro, porque ele diz claramente que foi com o padre Luis que ele aprendeu as orações, e as guarda como um tesouro: “*Ele fazia a oração como eu faço. E ele me ensinou muitas orações e eu carrego comigo*”.

E quais são essas orações que ele carrega?

“A primeira oração pro demônio é o credo. O credo é a maior reza na frente do demônio. Agora, a Bíblia, no caso pra pessoa que tá tomada, e ele vai ler a Bíblia, não adianta nada, é pior. A Bíblia é um livro sagrado. A Bíblia é pra mostrar quem somos nós e quem é Cristo, o que nós devemos de fazer aqui pra servir a Cristo. Não é pra espantar o demônio. Senão, o demônio não chegava de cara a cara com Cristo no monte sagrado, pra atentá ele três veiz. Se ele tivesse medo da Bíblia ele não ia lá. É uma coisa tão simple”.

No seu trabalho de benzedor, o Sr. Carvoeiro não esquece as orações que ele aprendeu com o padre Luis³⁴. Dá principal destaque para o Credo, oração que tem mais poder. Por outro lado, admite que, na luta contra o espírito ruim, é preciso muita oração. A mais pesada é o Credo, mas tem uma que o Sr. Carvoeiro recitou, que não tem demônio que não se afaste:

³⁴ No trabalho de QUINTANA (1999) sobre as benzedoras, ele observou que nos casos estudados, a formação da benzedora dependia de uma aprendizagem assistemática, que podia ser dividida em dois tipos: aquela que é resultado de uma experiência sobrenatural e a que é consequência de um processo imitativo em relação a um mestre. Este último tipo parece referir-se ao caso do Carvoeiro.

“Jesus, Juiz de Nazareth, filho da Virgem Maria, que em Belém foste nascido entre a idolatria, vos peço, Senhor, pelo vosso sexto dia, que meu corpo não seja preso... Diz aos seus discípulos: se tiver mal intenção, não terão coragem de fazer mal. Se tiver pé, não te alcançarão; se tiver boca, não falarão; se tiver ouvidos, não me ouvirão. Arma de fogo, pra mim, negarão; ponta de faca dobrada. Serei armado com Espada de Abrãao, serei coberto com o manto da Virgem Maria, serei burifado com a chave de São Pedro, serei fechado donde ninguém possa abrir, nem ferir, nem matar, nem sangue do meu corpo derramar. Também vos peço, Senhor, pelas três hóstias consagradas, consagrando-se todo dia, com prazer e alegria, seja guardado Nosso Senhor Jesus Cristo no ventre sagrado da Virgem Maria, nove meses naqueles dias”.

Para tudo isso é preciso manter um espírito de oração. Quem benze tem de rezar dia e noite. Estar vigilante. Por que, num cochilo, o inimigo avança. É preciso o dom, porém o ambiente em que se é educado é fundamental para perceber isso:

“Sabe, pra dizer bem verdade, sabe de uma coisa? Eu fui criado no meio de pessoas que rezavam dia e noite. Sabe o que é o 25 de março? O que vem a ser? Jurar 50 vez? Eu rezo. Todo o ano no 25 de março. Por que é que eu jurei as 50 vez? Dia 25 de março é o dia da anunciação de Nossa Senhora. O dia que ela anunciou que ela ia ter um filho, começou a perseguição do Barrabás por Cristo. Eles tiraram o 25 de março, porque dá nove meses certinho. E dali começou a perseguição de Cristo pelo Barrabás. O que que ela fez? Ela atravessou o deserto de Jesus, um deserto que tem divisa da Jordânia com o Egito, tá lá. Ela ajueitou 50 vez, rezando e venceu. Reza 50 ave-maria e 50 Santa Maria. Eu rezo todo o ano, no dia 25 de março. É o dia mais pesado da quaresma. Eu não como carne na Quarta e Sexta da quaresma e dia 25 de março. E já vou pra oitenta e um ano e não morri. Não como carne esse dia. Sabia? Que nem eu falo pras pessoa: ‘-minha gente, eu não sou santo, ninguém vai virar santo, eu

não sou melhor do que ninguém. Só que, na hora que eu tiver rezando terço, porque eu rezo muito, a hora que eu tiver rezando terço eu sou mais gente”.

O dia mais pesado da quaresma é o 25 de Março. Ali, foi anunciado que Maria seria a Mãe do Salvador. Esse dia só pode ser enfrentado com a oração do terço. É a oração que dá a identidade de pessoa e faz enfrentar o perseguidor. O Barrabás, aquele que foi liberto no lugar de Cristo diante de Pilatos, é este que busca fazer com que os homens percam a direção para Cristo.

As pessoas acorriam ao padre Luis, porque queriam se ver livres da tentação. E como todo mundo sente as tentações, para lá ia gente do mundo inteiro, buscar essas bênçãos. O padre tinha o dom de libertar, e queria passar para outros, porque percebia como era necessário:

“Um dia lá, brincando, ele falou assim: ‘- Carvoeiro’. E eu respondi: ‘- O que é padre Luis?’. Ele respondeu: ‘- Você tem preparo pra levar o que eu levo’. ‘-Mas, padre Luis, eu sou muito novo’. E ele continuou: ‘-Não tem problema. Só que o cê vai ser perseguido até o rastro’. E de fato eu sou mesmo. Só que eu confio só em Deus”.

Foi o próprio Stefanello que reconheceu o dom que o Carvoeiro tinha de carregar a responsabilidade, de levar a frente o trabalho da luta contra o mal. Ele reconheceu que o Carvoeiro tinha espírito de fé e oração, que são os elementos essenciais. Em geral, aos domingos, o Carvoeiro ia a Cascalho, conversava muito com o padre, e foi aprendendo nesta convivência. Foi assim que ele foi aprendendo as “rezas”:

“Tudo é ele que me ensinou pra mim. Quer ver uma coisa? O sujeito pode estar endiabrado como tiver, se ocê pegar um terço, um crucifixo, um galhinho de arruda, rezar o credo na cara do sujeito, ele já faz espetáculo. Porque o demônio não aceita: nem arruda, nem crucifixo na cara dele, sabia? É a coisa melhor que tem. Ocê faz, qualquer um faz, é só ocê rezar firme o credo na cara dele. Ocê fala assim: ‘-ocê vai embora daqui, em nome de Deus, e acabou’. Ele vai embora”.

Acabei até aprendendo o método. O Carvoeiro, enquanto falava comigo, sabendo que eu era padre e de alguma maneira pertencente a comunidade de Cascalho, foi me indicando como eu poderia continuar o caminho de Stefanello. Foi dizendo que o padre Luis continua lá em Cascalho, e de lá mesmo, ele me orienta.

“Tudo o que carrega a batina, como ele carregava, e seguia mais ou menos o destino de um padre da Igreja, ele protege a pessoa, sim. Não tenha dúvida disso, não. Porque ele era rígido, ele era ali... mas era bom, ele era humano, ele era cristão. Se ocê quiser benzer, é só rezar o Credo. Porque ocê sabe: o Credo é a melhor reza. Se apega com o Credo, se apega com Deus. Ele protege você. Você é padre, ocê também tem força. É só dedicar naquilo e se ligar nele (Stefanello) e fé em Deus. Tem Deus e o padre Luis do meu lado, e vâmo em frente, vâmo ver que bicho vai dar”.

O que significa, então, dizer que o padre Luis acompanha, vê, protege e está presente?

Um dos presentes à entrevista diz ao Carvoeiro que uma benzedeira já lhe tinha contado que o padre Luis se incorporava nele para as decisões mais importantes e que o protegia. Então, veio a pergunta: será que o padre Luis se incorpora no benzedor ou naquele que invoca sua proteção para fazer o que ele fazia?

Segundo o Carvoeiro, isso é uma mentira. Apesar de toda a ligação que ele, pessoalmente, tem com o padre Luis, ele diz que este não “encarna” nele. Para ele, é impossível resolver os problemas das pessoas que vêm amarradas, quando você está tomado por um outro espírito. O benzedor tem de estar consciente do que está fazendo, senão, ele não ajuda ninguém. Como que o padre Luis está presente? Ele pode estar presente, dando uma idéia para que você mande o consulente rezar o terço, ou orientando exatamente o que é que pode estar acompanhando a pessoa naquele momento. A esposa do Carvoeiro garante que os assistidos pelo seu marido já disseram que viram o padre Luis na sala de benção. E o Carvoeiro emenda:

“Ah, ele acompanha eu. Isso eu sei. Ele não vive em mim, mas eu sei que ele me ajuda em muita orientação³⁵. Eu sei disso: ele é pequenininho, e de cabelo branco. O padre Luis é um espírito de luz. E se ocê se apegar nele, dentro da oração, ele ajuda você. Ocê não tenha dúvida, não”.

Por isso, aqueles que carregam a batina, como o padre Luis, podem aprender com maior facilidade. É preciso querer. Além disso, é preciso vencer o medo e se apegar na oração. A consciência de que isso é dom e do qual você é um instrumento, nos parece fundamental:

“Porque o padre, o padre se ele quiser dedicar, e... porque ocê precisa ter uma coisa que... como é que eu vou dizer pr’ocê... uma coisa que tem que não pode tremer de nada. Ele pode afastar o demônio, depende da oração que ele tem. Que o demônio tem a força igual a Deus, por isso que Deus deu o poder pra ele, só que ele trabalha do lado mal. Isso é que é o negócio. Porque o

³⁵ Segundo QUINTANA (1999), o dom, ao qual o benzedor ou benzedeira atribui o aprendizado da benção, “parece consistir em uma comunicação privilegiada com o sobrenatural, na qual se baseia sua força e seu conhecimento” (p. 81).

demônio rodeia nós, vinte e quatro horas por dia. Uma falha nossa e ele entra. Isso tá na cara, isso aí. Só que a pessoa que tem fé em Deus é muito mais fácil”.

E ter o padre Luis do lado é um privilégio. O Carvoeiro, ao assumir a tarefa de cuidar dos outros através da benzedura, confia na ajuda daquele que lhe outorgou o dom, e este parece ficar obrigado a ajudá-lo no desempenho de suas tarefas. Pois não é fácil este ofício de benzedor e exorcista. É ser instrumento nas mãos de um outro. É um caminho difícil. Deve-se até suportar perseguições³⁶. E são poucos os que se arriscam:

“Eu não sou nada. Eu sou um instrumento. E Deus, acho que gosta muito de mim, sabia? Acho que gosta muito de mim, porque eu não sou santo, sou um pecador. Agora, fazer o que eu faço aqui, em nome de Deus, só vi o padre Luis que me ensinou, até hoje”.

³⁶ Um colunista espírita e guia “religioso” de milhares de leigos, chamado Moacyr Jorge, escrevia sobre o padre Luis, em 29 de abril de 1977, no Jornal “Notícias Populares”, comparando a perseguição de um benzedor de Lençóis Paulista com o caso do padre Stefanello. Diz o artigo: “*Dom Wilson Batista Dias, da Igreja Apostólica Cristã de Lençóis Paulista vem sendo vítima de calúnias e injúrias. Atende aos doentes sem cobrar nada, segundo várias pessoas que vieram a redução. Essa campanha contra ele não causa estranheza. Todos os que praticaram o cristianismo com decência e seriedade foram perseguidos. Milhares de paulistas lembram-se do famoso exorcista padre Luiz Stefanello, de Cascalho, município de Cordeirópolis. Morreu cego, na miséria. Seu enterro foi feito com lista pública. Foi caluniado pelos próprios padres, seus colegas, da Igreja Romana, acusado de bater nos doentes com possessão e de permitir palavrões dentro da Igreja. Os ignorantes que o denunciaram não sabiam que os espíritos maus e vingativos, quando se incorporam nos doentes, falam uma linguagem chã, dizem os piores palavrões e lutam com o exorcista. Beatas o denunciaram ao bispo de Campinas por palavrões na Igreja e o padre Luiz Stefanelli, italiano, nascido em Pádua, morreu na indigência, em Santa Bárbara do Rio Pardo, perto de Avaré, esquecido por todos, desiludido com os homens, mas confiante na sabedoria Divina. Caiu vencido pelas forças do mal, pelos maus católicos, pelos falsos cristãos. O filósofo Carlyle tinha razão: ‘Se Jesus voltar a Terra não será crucificado, será vítima do riso e da calúnia’” (p. 3).*

Em Cascalho, o Carvoeiro aprendeu o seu ofício. Mas o que será que ele via lá? Na conversa, ele declarou: “*só que eu vi o padre fazer coisa feia, lá*”. E então, perguntamos: “*que coisa feia era essa?*”.

“O espírito ruim. Porque muitas pessoas diz assim: ‘Ah, não tem demônio. Ah, se cê bobo sô’. Se não tem o demônio, não tem Cristo³⁷. Pra isso, Cristo deu o poder pro demônio quando jogou de lá do paraíso, pra terra: ‘-Irá pra terra, fará milagres igual a eu, só do lado mal e você pegando a pessoa despercebido’. Isso tá escrito também. Cê acha que uma pessoa que tá com Deus, ele corta o pescoço com uma faca, ele, olhando o problema? Por problema que tem, ele não faz isso. Isso é o demônio que toma conta da pessoa. O que que é o demônio? Já pensou um espírito que nem o do Lampião invocar numa pessoa? Ele matou mais de quatro mil pessoa. Onde tá esse homem? Nós, no caso que nem nós temos aqui hoje, se nós morre hoje ou amanhã, nós fica vagando até o juízo final. Agora, essas pessoas vêm procurando luz, porque ele não tem luz, onde ele entrar ele perturba, a pessoa fica louco. Ih, eu já lidei com tantos casos, rapaz. Então, são coisas que a pessoa que se apega em Deus é muito difícil o demônio tomar conta dele. Que eu rezo dia e noite. Com uma diferença, que nem eu falo pra diversas pessoas: ‘-olha, rezar é muito simples’. Precisa ver a fé do sujeito. Porque eu não lembro de Deus quando tropeço. Eu temo a Deus a todo minuto e rezo, e fé em Deus, sabia? Porque eu sei que ele é o maior, não adianta³⁸. Agora,

³⁷ Aqui se mostra uma ambivalência interessante entre o bem e o mal. A articulação desses dois pólos é muito comum na religiosidade popular. Aparece uma concepção da luta contínua entre as forças diabólicas que querem fazer o mal e pegar as pessoas distraídas, e que combatem com a força de Deus. Segundo BIRMAN (1997), “a teologia cristã oferece mais de uma possibilidade interpretativa em relação ao mal. Nela se encontra presente, por exemplo, na visão do judaísmo antigo, no Apocalipse, uma percepção do mal em que este domina inteiramente o mundo e só será vencido quando Deus resolver destruí-lo, destruindo a Terra. Trata-se, portanto, do mal visto como absoluto e o mundo visto como essencialmente definido por este mal. É também, na tradição judaica, que podemos encontrar, em Satã, a figura que encarnaria tudo o que fosse oposto a Deus. Satã, na visão do judaísmo tardio, é aquele que rompe as relações entre os homens e Deus. Estas interpretações sobre o mal, desenvolvidas na história do cristianismo nos permitem entrever a enorme variedade de elaborações sobre esta temática. Uma das interpretações da oposição de Satã e Jesus pode ser compreendida tanto como um dualismo do mal radical contra Deus quanto um dualismo secundário, que encontraremos em correntes pentecostais contemporâneas. Nestas, enfatiza-se que tudo o que for oposto ao Salvador será derrotado pelo poder onipotente de Deus” (p. 70).

³⁸ Esse trecho da fala do Carvoeiro faz lembrar de um lindo trecho de Guimarães Rosa, onde ele diz: “Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o

tem gente que reza por um acauso. Eu não, sou diferente o negócio. Eu fui criado com padre exigente”.

Observemos como que o Carvoeiro trata o demônio.

Em primeiro lugar, ele existe desde o início da Criação. Foi expulso do Paraíso e mandado por Deus para a terra a fim de fazer milagres como os de Deus. Há aqui uma fina linha de separação entre Deus e o diabo. Esta é representada pela distração da pessoa.

Em segundo lugar, o demônio é o “*espírito que tá perdido, que tá na escuridão*”, e ele vem para procurar luz. No lugar que achar luz, ele fica. E o espírito de uma pessoa que fez o mal, como é o caso de Lampião, fica rondando para assombrar e procurando luz para ali ficar. Por isso, o próprio Carvoeiro recomenda que não se deve acender velas para as almas, porque justamente há uma infinidade de almas sem luz. E se não tiver força, elas não vão embora. Já as almas boas, estas já têm sua luz própria, vagueiam esperando pelo juízo final e não assombram ninguém. Mas se o espírito vai vagando e incomodando as pessoas, e vai mergulhando nas trevas, ficamos curiosos em perguntar o que significava o inferno para o Carvoeiro.

Sua resposta foi direta:

mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar - é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dor. E a vida do homem está presa encantada - erra rumo, dá em aleijões como esses, dos meninos sem pernas e braços. Dor não dói até em criancinhas e bichos, e nos doidos - não dói sem precisar de se ter razão nem conhecimento? E as pessoas não nascem sempre? Ah, medo tenho não é de ver morte, mas de ver nascimento. Medo mistério. O senhor não vê? O que não é Deus, é estado do demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver - a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo. O inferno é um sem-fim que nem não se pode ver. Mas a gente quer Céu é porque quer um fim: mas um fim com depois dele a gente tudo vendo” (ROSA, 1986, p. 48).

“O inferno é uma coisa simples. Inferno é o sistema do católico. O inferno, sabe o que quer dizer o inferno? Que nem um homem que roba, mata, Lampião e coisa e tal. O que acontece? No juízo final, Deus destrói o espírito dele, desaparece da face da terra, acabou, isso é o inferno. Do contrário, ele vaga na escuridão. Ele não tem luz. Perturba um, perturba outro, esse é o inferno, porque o inferno nosso é aqui mesmo. Aqui é um paraíso, quem faz o inferno é nós aqui, depende do que nós pratica aqui. Já a pessoa boa, quando ela morre, ela fica aí vagando no espaço ao lado de Deus”.

Em terceiro lugar, ele afirma que rezando não há demônio que resista: *“tendo fé em Deus, rezando, não acontece nada”.*

Mas será que adianta só rezar? Haverá um elemento que diferencie as almas boas daquelas como a alma de Lampião? Além do rezar, parece haver a necessidade de um agir reto, de uma certa moralidade que faça com que a prece seja atendida. É isso o que diz o Carvoeiro:

“Agora, a pessoa, é claro, que a pessoa precisa fazer. Quem nem Deus fala: faz por ti que eu te ajudarei. Não vai esperar do céu que nem vinha pra Adão e Eva, não, antes de cair no pecado. Nós somos pecador, sabia? Nós nascemos no pecado. Então, nós pede a Deus que nós não cometa mais e que perdoe o que nós fizemos. E vamos rezar firme e acabou. Que eu não sou melhor do que ninguém, mas da minha religião, eu conheço, respeito e sei. Ocê vê: eu casei duas vezes. Minha patroa faleceu, eu casei outra vez. Eu casei normal, na Igreja. Eu podia andar atrás de mulherada de rua. Por que eu não fui? Porque Deus não permite isso, sabia? E o adultério é contra Deus. Não vai falar pra mim, porque é pecado. Até contra Adão e Eva ele (Deus) foi, que adiantaram o ambiente. Por que ele fechou o paraíso, sete anos depois que Adão e Eva caiu em pecado e proibiu a entrada? Porque ele ia aumentar a

geração quando Ele achasse que tava certo. Adão e Eva adiantou. Agora, nós casa normal, tudo bem, não tem problema. Mas o sujeito que sai desviado da família dele atrás de outra mulher, está com pecado contra Deus. Tá nos mandamentos, ou não sabe disso? Então, ele erra se ele quer. Eu tenho padre criado comigo. Então, um dia, ele falou pra mim, ele tá com 67 anos, ele foi criado comigo: '-Mas, ocê sabe que, na sua idade, se pode comer carne na quaresma?'. Eu falei pra ele: '-Oh, vem cá: então, quer dizer que na minha idade eu posso sair correndo atrás da mulherada, não tem pecado? Que Deus é esse? Nós nasce no pecado e morre no pecado, rapaz, tem de evitar de fazer, saco!'. Ele deu risada. É claro, saco! Se faz, é porque ocê quer”.

Parece dispensável o comentário, porém é tão interessante a relação desta fala com a concepção do pecado de Adão e Eva na tradição judaica, que não podemos deixar de colocá-la aqui. Esta concepção se refere à condescendência de Deus, sobretudo em permitir que o paraíso ficasse aberto por mais sete anos, depois do pecado. É um alívio perceber que Deus tenha dado tempo para que Adão e Eva se arranjassem e pudessem começar algo com as próprias mãos³⁹. A leitura do Carveiro é brilhante, relacionando a necessidade de rezar e fazer, orar e trabalhar, e

³⁹ Na tradição judaica há uma maneira toda especial de ler a chamada Torá, livro sagrado composto dos cinco livros de Moisés, em que se relata os acontecimentos desde o princípio do mundo até a morte de Moisés, entremeado de leis e mandamentos decretados por Deus no Monte Sinai, que é o Midraxe (buscar, investigar). Ele é um recurso pedagógico, um método interpretativo, cujo objetivo era preencher as lacunas bíblicas, reconciliar aparentes contradições no texto da Torá e reinterpretar as leis à luz das atuais condições históricas. Isso é o Midraxe. O tipo de interpretação dado pelo Carveiro a respeito do tempo que Deus deu a Adão e Eva para permanecerem no Paraíso, antes de fechá-lo, tem semelhanças com o estilo midráxico. Vejamos um exemplo sobre o mesmo drama da expulsão do Paraíso: “Após ter pronunciado a sentença sobre Adão, Eva e a serpente, o Senhor ordenou aos anjos que expulsassem o homem e a mulher para fora do paraíso. Eles começaram a chorar e a suplicar amargamente... Vendo que Deus estava tão decidido, Adão começou novamente a chorar. Implorou aos anjos para que estes lhe concedessem levar consigo pelo menos especiarias perfumadas, a fim de poder oferecer sacrifícios a Deus e ver assim acolhidas as suas preces. Então, os anjos se apresentaram diante de Deus e disseram: 'Deus imortal, ordena para que possamos dar a Adão as especiarias docemente perfumadas do Paraíso'. E o Senhor escutou a sua prece. Assim, Adão recolheu açafraão, nardo, canela e cinamomo e, além disso, todo tipo de semente útil para o seu sustento. Carregados de tudo isso, Adão e Eva abandonaram o Paraíso e chegaram a Terra. Haviam usufruído dos esplendores do Paraíso apenas por poucas horas” (LIFSCHITZ, 1998, pp. 55-56).

não simplesmente esperar de braços cruzados que tudo caia do céu. Além disso, percebe as conexões entre a história de Adão e Eva e o do homem pecador de hoje.

O Carvoeiro tem a seu favor o fato de ter sido criado por padres exigentes. E o padre Stefanello era um desses. Eles ensinavam: é assim e acabou. Recorda das vezes em que esteve em Cascalho:

“Então, eu fui muitas vezes a pé lá no padre de Cascalho. Eu gosto dessas coisas, né? Então, eu sou muito curioso. E eu, quando ocê fala alguma coisa, eu marco e guardo. Então, são coisas que o padre Luis era um padre que ele ensinava a pessoa e mostrava o que era a realidade pra pessoa do ser humano. Hoje, infelizmente, os padres não têm isso. Eu conheço padres por aqui. A primeira coisa que eu acho que a Igreja e o padre não é permitido, é entrar em política. Que a política é só mentira, injustiça. A Igreja é de justiça e de verdade”.

Mas daí, interrogamos o Sr. Carvoeiro se ele não tinha consciência de que uma das razões da saída do padre de Cascalho foi por questões políticas. Tratava-se da disputa acerca de uma sede social⁴⁰ que ele formou, e da qual colocou como proprietário, o povo. Este fato no fim das contas levou à revolta de um grupo de

⁴⁰ A história da sede social, que foi a que desencadeiou alguns atritos entre o padre e uma parte da população de Cascalho, pode ser resumida da seguinte maneira: o padre adquiriu um terreno e uma casa para funcionar como lugar de lazer para a população, ali tinha o palco para as representações, lugar para reuniões, lugar para jogos de baralho e boxe, e além disso, foi colocado um bar para atender aos muitos peregrinos que acorriam ali. O padre colocou a propriedade no nome do povo. E todos sabiam disso, mas entregou o bar e a sede aos cuidados de duas famílias do lugar. Contudo, o tempo foi passando e algumas pessoas que faziam parte da comissão da Igreja começaram a se preocupar com a questão daquele bar, imaginando que, um dia, pudesse haver problemas com aquelas duas famílias que cuidavam do lugar. E entraram na justiça para poder reaver o bar e a sede, tirando as famílias Caneo e Nardini dali. E, de fato, o pedido junto à justiça foi ganho, e tiveram que deixar a propriedade. Mas no dia em que este grupo de famílias do bairro ganhou a questão na justiça, fizeram uma tremenda festa, soltando fogos, agitando o bairro e com a presença de notáveis autoridades políticas de Cordeiro e Limeira. O padre Luis era contra esse movimento e queria conservar as famílias Caneo e Nardini tomando conta do lugar, porém, frente aos direitos à permanência deles, poderia mesmo tornar-se um impedimento para qualquer dia retomar a propriedade. A partir daí, o padre ficou descontente e tomou a decisão de deixar o bairro de Cascalho.

moradores, juntamente com importantes políticos de Limeira e Cordeiro. Ao que o Carvoeiro respondeu:

“Porque ele não aceitava baboseira. Ele não aceitava. Até hoje, político não gosta que ocê fala a verdade. E aí, começou a encrenca dele, lá: então, começou aqueles fazendeiros, e vai daqui e vai dali. E ele não voltava atrás, e ele tava certo, então tiraram ele de lá”.

Estes desentendimentos políticos fizeram com que o padre fosse, segundo o Carvoeiro, tirado de Cascalho. Mas essa briga não podia ficar assim, afinal, mexeram com um padre cheio de poder. E o que aconteceu no bairro? O açude de abastecimento de água da cidade secou.

“Foram até tirar ele. Tiraram o padre Luis de lá, secou o tanque. Eu tenho um amigo meu aqui que tem um sítio, que foi buscar pedregulho no tanque de Cascalho. Mas depois encheu outra vez. E, naquela época, a energia elétrica de Limeira vinha de lá, então complicou tudo. Mas depois, voltou outra vez a água normal. Isso o cê pode perguntar a todo velho que sabe que o tanque secou, um dia, lá”.

O caso da represa de água de Cascalho é algo muito interessante. O tanque de fato secou, mas muito tempo depois da partida de Stefanello. Esse acontecimento é visto por muitos como uma praga deixada pelo padre; outros ainda não relacionam absolutamente com ele; e outros vêm coincidir o ano de sua morte em Águas de Santa Bárbara, com a seca que foi em 1964. Segundo os registros do Sr. Antônio Nardini, foram 60 anos de existência do açude, abastecendo Limeira e Cordeirópolis,

dando 180 mil litros por hora.

Esse, assim como muitos outros acontecimentos, são reconhecidos como uma intervenção de Stefanello. Alguns são uma maldição: como o caso acima e a morte trágica dos que se opuseram a ele, a qual fizemos já menção no capítulo sobre o “padre cheio de poder”. Outros acontecimentos, pelo contrário, são vistos como uma previsão do futuro. É o caso das palavras que o padre dirigiu a um jovem seminarista: segundo a mãe, Stefanello teria dito que quarenta anos depois alguma coisa diferente iria acontecer na vida. A mãe, Dona Rosa Bertanha e seu filho, esperaram a profecia. O que aconteceu depois dos 40 anos? O filho de Dona Rosa foi eleito bispo. Em 1998, ano de sua escolha para o episcopado, eram passados exatamente quarenta anos de sua saída de casa para o Seminário, quando tinha ouvido as palavras de Stefanello. Esse acontecimento, a eleição episcopal de um filho de Cascalho, é visto como algo que até o padre Stefanello tinha previsto.

Por isso, é preciso estar atento àquilo que se faz. E entender como que o demônio quer destruir e jogar o povo contra Deus. E Deus é aquele que corrige, a fim de que seu povo possa andar nos seus caminhos. O Carvoeiro se orgulha de entender isso, e de ter sido criado com padres exigentes, como era o Padre Luis, que hoje é um espírito de luz. Foi com ele que aprendeu o que vale, na luta do dia-a-dia:

“Deus não castiga!!! Mentira. Deus castiga, sim. Só que ele castiga na hora certa, e ocê vai perceber devagá. Tudo as coisas vêm certo. Porque se Deus não castigasse nós, no caso: por que vai andar direito? Pode fazer tudo errado porque não tem castigo. Que o nosso castigo é a hora que nós deixa isso aqui. Não é agora, não. Nós vai ver é depois, mais pra frente. Por que que a gente luta? Pra alcançar a vida eterna. Se não alcançar a vida eterna não interessa nada, porque a matéria fica. A matéria é terra, poeira. O espírito vaga, até quando não sei, até quando Deus permitir”.

O que aflora como sentido de todos estes dados? A hipótese que norteava todo o trabalho inicial era o de que a comunidade estava diante de um Mestre. Contudo, parecia forçoso, naquela fase, diante da consideração dos dados da pesquisa, classificar o padre como um mestre. Pois, afinal de contas, nesta relação, quem seria o aprendiz, quem faria o papel de discípulo? A comunidade? Mas os dados revelavam que, para a comunidade, como já mostramos no capítulo II, a palavra mais forte e conveniente para classificar Stefanello era “padre” e não mestre.

Agora, ao analisarmos o caso do Carvoeiro, não nos parece pretensioso voltar a refletir sobre a categoria do Mestre: afinal de contas, aqui se mostra uma experiência muito interessante de alguém que de fato vai aprendendo um “saber”, adquirido pelo contato e pelo relacionamento com um homem que lhe ensinava suas técnicas e orações. E desejoso de passar a outro o dom que ele mesmo levava.

Para nos ajudar a compreender melhor o que vem a ser um mestre, nos valemos da reflexão de RICOEUR (1991) a respeito da intenção ética. Na sua obra *O SI mesmo como um outro*, ele nos mostra que, para se construir uma auto-identidade, a ação do sujeito tem de estar pautada pelo desejo de uma “vida boa”. Nesta noção, RICOEUR apresenta um horizonte interpretativo muito mais do que uma teoria acabada, chamada de perspectiva ética, a perspectiva da “vida boa” com e para outros, nas instituições justas. São os elementos que compõem a “vida boa” que nos interessam, a fim de que sejam aplicados ao Mestre.

Um mestre aparece como alguém que tem o cuidado consigo mesmo o mestre é aquele que tem solicitude para com os outros e, por fim, o mestre é quem oferece uma certa segurança fundada em instituições justas.

O primeiro componente importante, para um agir ético numa comunidade, é perceber o próprio empenho pessoal. O desejo de uma vida psíquica saudável deve fazer com que a pessoa se preocupe consigo mesma. O valor da auto-estima na constituição de uma personalidade: é aqui o ponto de partida. Um verdadeiro mestre é, em primeiro lugar, aquele que valoriza o que faz. Antes, porém, de ter a capacidade de introduzir mudanças no cotidiano, ele precisa saber fazer uma escolha. É verdade que em cada escolha existe o deixar para trás tantos outros projetos, contudo, para Ricoeur, a escolha aparece não como o fechamento do caminho, mas como a possibilidade da construção de uma personalidade exigente e, dessa forma, a escolha torna-se um horizonte de possibilidades.

A estima de si é fator que movimenta todo o ser da pessoa. O homem é um ser de aspirações, é um buscador incansável, e a própria felicidade está ligada às suas preferências e escolhas. As decisões mais marcantes de nossa existência (carreira, amores, lazeres etc.) estão diretamente relacionadas à “vida boa”. É claro que cada escolha tem um fim prático, mas está inserida num horizonte maior, que faz o elo das finalidades da vida. O que Ricoeur diz é que entre as escolhas particulares e a perspectiva de vida boa há um círculo hermenêutico:

“Em primeiro lugar, desenha-se entre a nossa idéia de vida boa e as escolhas particulares uma espécie de círculo hermenêutico em virtude do jogo de vai-e-vem entre a idéia de vida boa e as decisões mais marcantes da nossa existência. É como se fosse um texto. Depois, a idéia de interpretação acrescenta, à simples idéia de significação, a de significação para alguém”

(RICOEUR, 1991, p. 211).

O padre Stefanello realiza esta aspiração ao escolher o seu próprio caminho, custe o que custar, sofra o que tenha que sofrer. Nós vemos nitidamente que seu caminho tem objetivos desde o início e sua capacidade de escolha é determinada. Quando consegue, aos 23 anos, entrar no seminário, já aspira ser enviado à América. Neste trecho de uma carta de apresentação ao Instituto dos Missionários Scalabrinianos, um sacerdote descreve o desejo de Stefanello:

“Mi manca di coraggio di dirrigirmi direttamente a Sua Eccellenza Reverendissima Monsignor Vescovo; e quindi mi rivolgo a Lei, sicuro di essere favorito di riscontro. Vi sarebbe un giovane sui 23 anni, che aspivverebbe di essere collocato in Venerabile Seminario, per andare, finita la sua educazione, in America. Ha incominciato tardi a studiare, perché potrebbe appena entrare in quarta ginnasiale. È di condizione povera da non poter pagare nessuna dozzina Credo inutile per ora diffondermi di più, sola La pregherei per atto di grazia speciale, di dirmi se, dato che abbia tutte le qualifiche richieste, potrebbe essere ammesso.⁴¹”
(ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO ESCALABRINIANA, doc. 403).

O cuidado de si não só compreende estas escolhas ou preferências, mas possui outro aspecto: está ligado à capacidade de iniciativa. Neste sentido, o que apresentamos sobre Stefanello é digno de se notar: a capacidade de promover o lugar que lhe foi dado viver. Stefanello é um homem de iniciativa, e sua principal tarefa é a construção dos lugares de significado, como o Templo, a casa canônica, o clube de

⁴¹ “Falta-me a coragem de dirigir-me diretamente a Sua Excelência Revma. Monsenhor Bispo, e por isso dirijo-me a você Sr. Reitor, seguro de ser favorecido por sua resposta. Conheço um jovem de 23 anos que deseja ser colocado neste Venerável Seminário, para poder ir, terminada a sua educação, para a América. Começou tarde a estudar, por isso poderia apenas entrar na quarta ginásial. É de condição pobre e de não poder pagar nenhuma pensão. Creio ser inútil defender-me demais, só rezarei pelo ato de graça especial, de dizer que, dado que tenha todas as qualidades requisitadas, poderá ser admitido”.

esportes, o coreto etc.. Esses edifícios de significado são exemplos de um homem em ação. Foi a estas obras que Stefanello dedicou a maior parte de sua atenção e vida. Segundo Ricoeur apud PIVA (1999), apreciar as próprias ações é já adquirir estima própria: *“é apreciando nossas ações que nós nos apreciamos a nós-mesmos como sendo delas o autor, e portanto, como sendo outra coisa que não a simples força da natureza ou simples instrumento”* (p. 227). A estima de si não é, portanto, uma perspectiva egocêntrica, pois visa introduzir mudanças no curso da história. Desse modo, o zelo e a aspiração por uma vida autêntica se vêm intimamente entrelaçadas à hierarquia de nossas ações (Cf. RICOEUR, 1996, p. 162). É estimável a capacidade do homem de se reconhecer como autor de suas ações, a capacidade de se perceber como sujeito responsável por seus atos. O mestre é um sujeito agente e que tem a capacidade de fazer.

Contudo, o estilo de vida do indivíduo está ligado a contextos e compromissos intersubjetivos. A busca de vida boa requer, portanto, mais do que simplesmente o senso de auto-estima e iniciativa de que uma pessoa necessita. Envolve também uma dimensão dialogal, isto é, o desejo de viver bem com os outros. Aqui, aparece o segundo componente da intenção ética que é esse desejo. O caráter reflexivo da estima de si leva necessariamente a uma referência ao outro. A aspiração a uma vida realizada implica a noção do outro. Diz RICOEUR (1996):

“Dizer si não é dizer eu. Si implica o outro de si, a fim de que se possa dizer de alguém que ele se estima a si mesmo como um outro. A dizer a verdade, é só por abstração que se pôde falar da estima de si sem pô-la em dupla com uma demanda de reciprocidade, segundo um esquema de estima cruzado, que resume a exclamação “tu também”: tu também és um ser de iniciativa e escolha, capaz de agir segundo razões, de hierarquizar teus fins; e, estimando bons os objetos da

tua busca, és capaz de estimar a ti mesmo” (p. 163).

O que a nosso ver caracterizaria um mestre? Certamente a sua solicitude para com os outros. A sua capacidade de mutualidade e amizade. Não é possível estimar a si mesmo sem estimar outrem como eu mesmo. Segundo RICOEUR (1996), o milagre da reciprocidade “*é que as pessoas são reconhecidas como insubstituíveis umas às outras na própria troca*” (p. 163). Entretanto, a boa vontade em relação aos outros, a solicitude - como diz RICOEUR - é um aspecto central de nosso envolvimento ético com os outros. A solicitude significa exatamente isso: a reciprocidade dos insubstituíveis.

Por isso, cercar de cuidados uma comunidade, conhecer cada uma das famílias, visitá-las e se preocupar com cada pessoa, somente é possível em comunidades em que os elos são de pessoas que se fizeram amigas. A amizade é essa forma na qual um ama o outro tanto quanto a si mesmo. A amizade não é uma virtude solitária, mas torna-se segundo o conceito aristotélico, a virtude de uma pluralidade humana de caráter político. Ela tem relação não com uma psicologia dos sentimentos de afeição, mas efetivamente com uma ética, com a atuação a partir das escolhas e com a capacidade de se elevar ao nível de *habitus*⁴² (Cf. RICOEUR, 1991, p. 213). Todavia, a reciprocidade não significa que não possa haver o uso da autoridade, não significa que estamos diante de iguais, mas simplesmente de pessoas únicas. A reciprocidade implica certas desigualdades, “*como na submissão do discípulo ao mestre; no qual a*

⁴² Para RICOEUR (1991), é o caráter que designa o conjunto de disposições duráveis com que reconhecemos uma pessoa. É uma disposição que está diretamente relacionada com o hábito. Diz RICOEUR: “*É essa sedimentação que confere ao caráter a espécie de permanência no tempo que eu interpreto aqui como o recobrimento do ipse pelo idem. Mas esse recobrimento não elimina a diferença das problemáticas: mesmo como Segunda natureza, meu caráter sou eu, eu mesmo, ipse; mas esse ipse anuncia-se como idem. Cada hábito assim contraído, adquirido e tornado disposição durável, contitui um traço - um traço de caráter, precisamente - isto é, um signo distintivo com o que reconhecemos uma pessoa, identificamo-la novamente como a mesma, não sendo o caráter outra coisa que o conjunto desses signos distintivos*” (p. 146).

desigualdade é corrigida pelo reconhecimento da superioridade do mestre, reconhecimento que restabelece a reciprocidade” (RICOEUR, 1996, p. 163).

Quando o Carvoeiro diz que o padre Luis “*ensinava e mostrava o que era a realidade pra pessoa, do ser humano*”, “*era brincalhão, mas era bom*” e “*era uma pessoa que não tinha distinção de pessoa*”, ele está se referindo à solicitude do padre. A solicitude para com os doentes, para os que vinham de longe à sua procura, bem como, para com as famílias do bairro, que ele conhecia uma a uma. O que a solicitude acrescenta é a dimensão de valor, que o mestre percebe e que faz com que cada pessoa seja insubstituível na sua própria afeição e estima. Não pode haver estima de si mesmo sem estimar outrem como eu mesmo.

O último aspecto que marca a estrutura ternária da intenção ética, em RICOEUR (1996), é a preocupação pelas instituições justas. O sujeito é compreendido por este desejo de viver em instituições justas, pelo viver em comum, pela pertença a uma comunidade histórica. E o que entende Ricoeur por instituições justas? Ele diz que são todas as estruturas do viver-em-comum de uma comunidade histórica: povo, nação, religião. E tais estruturas devem fazer crescer o sentido da justiça, que é algo exigido pela própria noção de outro. O viver bem não abrange apenas as relações interpessoais, mas compreende a dimensão das instituições, que sejam promotoras da justiça distributiva. Esta consiste “*precisamente em atribuir a cada um a sua parte*” (RICOEUR, 1996, p. 164). O que RICOEUR define como a realização da “vida boa”, ou feliz, ou realizada, implica a presença de tal justiça nas instituições. São os costumes comuns que caracterizam a instituição, e não as suas regras constrangedoras. São estes costumes comuns que nos levam ao *ethos*.

A vida da comunidade de Cascalho foi sendo construída em torno da instituição religiosa: a base de sustentação de toda a vida social do lugar. E o sacerdote ocupou ali o lugar de um mestre, que pela sua autoridade, ajudou na fixação das famílias vindas da Itália, favorecendo, através da assistência religiosa e social, a consolidação do processo de imigração. Neste sentido, o mestre age numa dimensão política, na tentativa de que as instituições possam não passar, mas permanecer. É fácil identificar Stefanello, depois do caminho percorrido, como um verdadeiro padre Scalabriniano, pois sua ação está pautada por um projeto e objetivos bastante concretos, que ele foi realizando ao longo de seus 40 anos à frente da comunidade de Cascalho. Pois é a ação, na sua dimensão política, que constitui a tentativa mais elevada para conceder a imortalidade às coisas perecíveis. A ação é geradora de obras que podem atravessar as gerações e servir para a constituição de uma história.

Assim, deixar uma obra atrás de si, em termos de instituições justas na esfera pública, seja ela uma Igreja ou salão de festas, indica que o mestre não está preocupado só com os que pertencem ao seu convívio no presente, mas tem a mente voltada para o futuro, para aqueles que ainda virão a este mundo.

Portanto, o mestre é um homem capaz de ser protagonista na formação de identidades em comunidades pequenas, no interior da sociedade. O mestre é alguém que age eticamente. Segundo RICOEUR (1991), é aquele que “visa à verdadeira vida com e para o outro nas instituições justas” (p. 211). O caminho deixado por Stefanello em Cascalho foi justamente esse: a de uma personalidade que se preocupou com os outros e que constantemente preparou “surpresas” em termos institucionais, a fim de que a vida pudesse desabrochar. Este percurso nos

proporcionou a compreensão da figura do mestre como aquele que está envolvido em cuidados consigo mesmo e com a realidade e pudemos assim focalizar a pessoa do padre Stefanello nesta perspectiva.



Figura 07

“...Tan-ta-ra-ran ta-ra-ran tan-tan,
 como em festa de igreja, em procissão de enterro,
 a banda atrás de tudo,
 a grande dor musicada, o grito agarrado em Deus,
 na orla do manto da Virgem.
 Uma fé humilde e engraçada, uma fé verdadeira.
 Somos órfãos?
 Pois sim, pois não. A medida da vida é o sofrimento.
 Alegra-te, meu irmão. Que belo destino o nosso,
 semear em lágrimas o chão.
 Numa bandeja de prata, foi-se a cabeça de João.
 Que a nossa role também,
 que os anjos digam amém
 e restemos nus.
 No vento, na chuva, na casa destelhada,
 na cova aberta na terra onde estão nossos pais
 esperando a corneta,
 esperando a banda, a trombeta, esperando os filhos
 pra pôr na fila com eles
e entrar com eles no céu.”
 (Adélia Prado)

Capítulo VII

A HISTÓRIA E A MEMÓRIA

Os relatos coletados nesta pesquisa junto ao povo de Cascalho, na tentativa de apresentar o padre Stefanello e sua comunidade de pertença, nos fez perceber também a íntima conexão entre a memória coletiva e a história.

Quem vai a Cascalho e escuta os mais velhos se defronta com as histórias do padre Luis Stefanello. Podemos encontrar dois grandes protetores do lugar: a mãe e padroeira, Nossa Senhora da Assunção, e o padre poderoso. Quando acontece qualquer inconveniente nas festas, tais como uma multidão no salão e parece ter pouca comida, um incidente na cozinha com o gás, alguma tentativa de roubo etc., tudo é resolvido: há uma proteção em Cascalho que vem da Padroeira do lugar. É muito comum você ouvir também: “-*aqui teve um padre cheio de poder, e ele anda por ai, ele cuida*”.

O povo diz que Stefanello é “casado” com Cascalho. É um laço definitivo. Pela lembrança das próprias palavras do padre, os moradores nos fazem entender que este amava o lugar. E não pode viver sem estar ali. Quando o padre Stefanello, em 1953, deixa Cascalho, esse laço parece se quebrar, no entanto, ainda morando um pouco distante de Cordeirópolis, o vínculo continua. Ainda hoje, todos os anos, a

comunidade se desloca, em romaria, para Águas de Santa Bárbara, onde se encontram os seus restos mortais. O vínculo perdura no tempo. Stefanello, mesmo já quase no final da vida, depois de 3 anos fora de Cascalho, escreve uma carta a alguns amigos para que possam trazê-lo de volta. A carta é datada de 6 de junho de 1956:

*“Senhores,
Nesta data tive conhecimento de que VV. SS., a frente do bom povo de Cascalho incentivaram um movimento no sentido de conseguir a minha volta para esse bairro. Sem dúvida alguma, meus senhores, esse movimento tocou o meu coração e a minha alma, eis que tenho a prova inequívoca de que o meu trabalho à frente do meu querido povo, em Cascalho, não foi em vão. Neste instante, pois, em que deixo registrado o meu contentamento, a alegria que me vai n'alma, quero também deixar patente que se VV.SS., conseguirem junto ao snr. Bispo a permissão para minha volta, eu, de coração, voltarei para Cascalho, onde espero terminar os meus dias. A vocês as minhas bênçãos, e as minhas orações para que vocês consigam o que impetram”.*

O padre veio a falecer no dia 15 de junho de 1964 em Santa Bárbara do Rio Pardo⁴³ (hoje Águas de Santa Bárbara), sem poder voltar para Cascalho. Nem assim

⁴³ Sobre a morte do Padre Luis, encontramos uma carta assinada pelo ecônomo Geral da Congregação Scalabriniana - Pe. Angelo Susin - comunicando ao Superior Geral o falecimento de Stefanello em Santa Bárbara do Rio Pardo: *“Reverendissimo Padre: Dalla Provincia di S. Paulo giunge la dolorosa notizia della morte del Reverendissimo P. Luigi Stefanello. Il compianto Padre era nato a Pionca di Vigonza (Padova) il 6 ottobre 1878. Vocazione adulta compì gli studi ginnasiali privatamente presso il Curato di Villanova (Padova) e a 23 anni entrò nella nostra Casa Madre di Piacenza, ove compiuto regolarmente il Noviziato, emise la Professione religiosa; ripresi gli studi ricevette l'Ordinazione sacerdotale il 28 Luglio 1907. Nel novembre successivo partì per il Brasile. Resse per 40 anni la Parrocchia di Cascalho, in Diocesi di Campinas, riuscendo, nonostante la scarsezza dei mezzi, dovuta all'esiguo numero di italiani emigrati, costruire una magnifica chiesa, una bella torre, salone parrocchiale, casa canonica e portare sopra tutto ad alto livello la vita religiosa. Godeva fama di possedere una virtù speciale per allontanare 'spiritus immundos, qui pervagantur in mundo' e da ogni parte ammalati di corpo e di spirito accorrevano a lui per riceverne la benedizione. Nel 1953, ammalato d'occhio e affetto da dolori artritici, lasciò la parrocchia per ritirarsi in luogo di cure*

o povo de Cascalho fica tranquilo. No dia primeiro de dezembro de 1977, os familiares de Stefanello, o Sr. Fausto e José, entram com uma ação judicial, apelando à prefeitura daquele município para que fosse liberada a transladação dos seus restos mortais para o cemitério do Bairro do Cascalho, em Cordeirópolis. A carta acima é muito importante por este motivo. Estava endereçada a Antônio Nardini, José Fantucci e outros. Ela se tornou um documento, com firma reconhecida, para ajudar no processo de transladação.

No cemitério de Cascalho, muitos apontam exatamente o lugar que o padre Luis, ele mesmo, escolhera para ser enterrado. Então, não é estranho ouvir dizer que, se o padre estivesse enterrado ali, Cascalho seria diferente. Imaginem se o corpo do padre “santo” estivesse aqui?!!! Cascalho seria mais visitado! Estaria realizado um desejo do próprio Stefanello de terminar seus dias neste bairro e o desejo do povo que sofre ainda por esta separação.

Todavia, a ação judicial dos familiares e do povo foi contestada e indeferida pela prefeitura, em 20 de dezembro de 1977. A carta do Prefeito de Santa Bárbara, Sr. Paulo Aparecido Silvério, em que o pedido é indeferido, mostra, por um lado, o claro reconhecimento dos dotes espirituais do sacerdote e de como a sua figura também marcou a cidade e, por outro, explica que as razões deste indeferimento estão ligadas à valorização da figura do padre ocorrido em Santa Bárbara:

“Compreensível e louvável a pretensão do requerente, visto tratar de pessoa de sua família, além de ter sido o extinto, pessoa cuja admiração se fez sentir por onde

termali a Santa Barbara do Rio Pardo, Stato di S. Paulo, ove continuava il suo ministero di benedizioni e spesse volte, quando i fedeli non potevano andare da lui, venne prelevato in aereo per recarsi a confortare chi aveva fiducia nella sua benedizione. Sopportò eroicamente la lunga e dolorosa malattia, che lo spense il 15 Giugno u.s. all'età di 86 anni. Roma 19 giugno 1964” (ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO ESCALABRINIANA, doc. 403).

passou.

É justamente pelo fato de o extinto ter se revelado possuidor de dotes extra-comuns que o tornaram querido por tantos quantos o conheceram.

Respeitando o lúdimo anseio do requerente e acreditamos da própria população de Cascalho, não poderíamos nos furtar da consideração que a gente de Santa Bárbara tem para com o falecido Padre Luis Stefanello.

Aqui ele foi acolhido como um novo ‘Padre Cícero’ do nordeste brasileiro, e, ao longo de sua profícua vida espiritual, fez de Santa Bárbara uma nova ‘Meca’, para onde convergiam pessoas de toda parte, a procura de minimização para seus males, através da força espiritual do Padre Luis.

Destarte, a nossa posição, é deveras ingrata. Embora sabedor das razões do requerente, comprovada com farta documentação; ante o peso de nossa responsabilidade perante o nosso povo, não poderia atender ao requerido, não restando outra providência, senão o indeferimento do pretendido” (ARQUIVO DO ADVOGADO JOSÉ CICOLIN).

Para Dona Augusta, que já foi quinze vezes em romaria de Cascalho para Águas de Santa Bárbara, o padre Stefanello é aquele para o qual se deve pedir graças. Ela mesma recebeu a graça da cura do seu neto. Ela diz ser uma “ressurreição”.

Assim nos conta:

“Quando chegemo lá, o médico falou que o menino tava morto. Mas o Pedro, meu marido, ajuelhou onde que o menino tava, na caminha assim, lá no Hospital, e ele pediu a graça: ‘-Padre Luis, faça que esse menino salva, senão não sei o que é nossa vida’, ele falou. E o menino abriu os olhos e ressuscitou. O médico falou: ‘- Ele tá morto, não adianta nem pedir mais nada, ele tá morto, tá morto’. Mas o menino abriu os olhos, olhou tudo assim e começou... riu, deu uma risada. Nós alcançemos a graça. Por isso que depois nós sempre ia lá, em Santa Bárbara” (Dona Augusta).

A tradição da romaria para Águas de Santa Bárbara começou bem antes da morte do padre Stefanello. O povo de Cascalho constantemente ia visitar Stefanello. Após a sua morte se intensificou a visita ao cemitério e, depois, para a Igreja Matriz de Santa Bárbara, onde seu corpo encontra-se atualmente. Esta transferência do corpo, do cemitério para a Igreja, foi uma das formas encontradas para que o processo movido pela família fosse dificultado. A ação foi movida apelando inicialmente à Prefeitura do Município, pelo fato do corpo estar no cemitério municipal. A transferência para a Igreja, estando já o processo em andamento, foi uma ação rápida e bem pensada, feita pelo pároco Dom Nicolau, que tinha evidentes influências políticas na cidade, e pela prefeitura. Para o traslado do corpo da Igreja, os requerentes teriam também que mover uma ação contra a Diocese de Botucatu. E nesta situação, a família não quis entrar em questão contra a própria Igreja.

O gesto da romaria permite à comunidade articular o presente com o passado. A vivência deste momento é muito intensa. E cada vez que se parte em Romaria há a lembrança da tentativa de trazer os restos mortais para o cemitério de Cascalho. Em Águas de Santa Bárbara, se vai para pedir as graças necessárias para o tempo presente. Contudo, mesmo sabendo que o padre não está enterrado em Cascalho, a percepção de que ele ainda cuida e vigia o lugar, é uma experiência compartilhada por todos.

Quando mostrei os documentos do processo a um dos moradores de Cascalho, ele me disse: “-mas, eu já sabia que o povo de lá (de Águas de Santa Bárbara) não ia deixar o padre sair e ser enterrado aqui, ele foi poderoso lá também, expulsava o espírito”. Na carta do prefeito está dito que o padre Stefanello era o “Novo padre Cícero”⁴⁴ e, portanto, muito querido do povo de Águas de Santa Bárbara. Mas como

⁴⁴ Olhando para as últimas fotos tiradas em Águas de Santa Bárbara, temos essa mesma impressão. O padre de batina, com o chapéu eclesiástico, a bengala e a baixa estatura, nos lembram o padre Cícero.

chegamos aos documentos do processo? Pelo fato que, em primeiro lugar, ouvimos dizer que a população de Cascvalho, desde a morte do padre Luis, tenta o traslado do corpo. É neste sentido que aparecia uma primeira forma de articulação entre história e memória: foi possível chegar ao documento a partir de uma sugestão dada pela memória coletiva.

Outro exemplo a ser dado é o caso de uma famosa briga de Stefanello com uma “velha” do bairro. Neste caso, também as lembranças da memória da comunidade se articulam com os documentos em que se relata o caso, que movimentou o bairro e chegou até o Provincial dos Scalabrinianos e o Bispo de Campinas.

Segundo o relato dos moradores, tudo começou porque a “velha” ia reclamar com o padre pelo modo como as moças se vestiam:

“Tinha uma véia lá. Ela ia encher o padre: porque os jovens, as moças, que nós não podia andar com vestido curto. Andava com vestido curto, já falava aquelas bobagens. Ela ia lá e enchia o padre. E o padre, não sei como ele falou, que foi uma tentação do demônio, ele falou que falou aquela palavra feia. Falou aquela palavra feia que eu não falo, mas você sabe. Então, nós ficamos tudo com vergonha. Quem é que não fica, meu Deus do céu, com palavras daquelas. Saímos tudo da Igreja, não ficou ninguém. Não ficou ninguém na Igreja, ficou só os velhos. E não fomos mais, não ia mais na missa, lá. E aí, custou pra nós voltar. Depois de ele tanto pedir perdão, dele chamar, de ir nas casas, chamar e perdão, daí nós voltamos na missa outra vez. E aí, ele ficou com raiva dessa véia” (Dona Santa).

Mas esta raiva da velha não pára por aí. O padre tinha o costume de também criar bichos de seda, e o lugar escolhido para criá-los era a sacristia. E aí, começou o desentendimento e o enfrentamento:

“Ele criava bicho de seda na sacristia porque ele tinha um pedaço de terra ali, atrás da Igreja e ele plantou amoreira. O padre trabalhava, viu?... ia carpir e tudo. E naquele tempo, criava muito bicho de seda, e ele pegou bicho de seda pra criar, mas não sabia onde pôr, pôs na sacristia. Na sacristia da Igreja, né? Então, ele passava com as ramas de amoreira, com amoreira tudo, pela frente do Santíssimo, porque precisava atravessar ali pra ir na sacristia. A véia começou a meter o pau nele, né? Começou a meter o pau nele, porque ele tá pondo bicho na Igreja, que tá passando na frente do Santíssimo com folha, com ramo de amoreira e meteu o pau. E ele soube. Ele esperou ela quando ela foi na missa, e foi brigar lá pra fora da Igreja, né? Começou a discutir com ela, mas ele nem pode com ela porque ela tinha uma língua, que Deus me perdoe. Aí, deu um empurrão nela, e ela caiu e tinha um vidro e o vidro cortou a mão dela, né? E ela precisou ir na farmácia” (Dona Santa).

O fato pode ser até datado. Num trecho de uma carta de 26 de setembro de 1926, encontramos as seguintes informações, que foram dadas pelo Pe. Canestrini ao Superior Geral da Congregação Scalabriniana sobre o padre Stefanello:

“(...) aggiungendo che P. Stefanello há il difetto di parlare di pettegolezzi dal pulpito; e de usare parole banali anche in Chiesa. Due anni fa venne a questione con una vecchia e la batté com un'ombrello, per cui un figlio di essa ha cercato più volte de intentare causa. Ma poi la cosa é finita lì, perché si tratta de una vecchia attaccabrighe, e il popolo ha difeso il parroco” (ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO SCALABRINIANA, doc. 554/25)⁴⁵.

⁴⁵ “(...) acrescentando que Pe. Stefanello tem o defeito de tratar de mexericos no pulpito; e de usar palavras banais também na Igreja. Dois anos atrás teve uma questão com uma velha e lhe bateu com um guarda-chuva, por isso um filho dessa mulher tentou várias vezes entrar com processo. Mas depois a coisa terminou por ali, porque se trata de uma velha briguenta, e o povo defendeu o pároco”.

O depoimento do Sr. João Betanho concorda com o que diz o documento:

“Ele (o padre) não mandava falar, não. Ele era danado memo. Até uma vez, uma mulher lá começou com mexerico, e ele deu uma guarda-chuvada nela. Foi lá querer brigar com ele e ele não tava bom de coisa, e ele deu uma guarda-chuvada. O padre não mandava falar as coisas não, ele brigava memo”.

Os detalhes dessa briga, que ficou para a história de Cascalho, aparecem mais vívidos na narração do Sr. João Tomazella:

“A velha botou a boca na bexiga: ‘-olha, que pouca vergonha, coisa de Igreja, vim criar bicho de seda’, inventou e falou. O padre escutou aquele sermão e começou a briga dos dois. Um xingava o outro e assim ia. E essa velha tinha um filho em São Paulo, não sei se era advogado ou se não era, eu não sei o que ele era, lá em São Paulo. E soube que o padre tinha pegado ela e dado uns murros, lá fora, na porta da Igreja. Deu uns pontapés, bateu e a velha pegou e foi embora pra casa. Quando foi no outro Domingo, ele começou a missa, e a velha foi na missa, e quando ele começou a falar, ela saiu pra fora e foi embora pra casa. Foi parar nos ouvidos deste lá em São Paulo. E o tal disse: ‘-Pode deixar pra mim’. Se bateram lá com advogado e tudo. Mas a velha perdeu a questão, porque o padre sabia falar, tinha estudado, tinha tudo e ela não era de nada. Bom, daí eles pegaram essa briga: o padre com o homem lá de São Paulo. Cada lá, de vez em quando dava uma chamada ou daqui, ou o advogado de lá. E o padre ainda ia lá: ‘-Não tem nada não, eu vou ganhar um tomóvel de graça, pode pôr gente pra discutir com o padre’, falava o padre Luis”.

Só podia virar briga: uma velha que, como dizem, tinha “uma boca” para falar de tudo, e que até pregou um sermão no padre e, do outro lado, o padre que “não

ficava quieto”, sangue quente de Vêneto, bom de briga, que o que tinha que falar falava. A discussão foi adiante: é movido um processo contra o padre por parte da família. E o padre acaba se interessando pelo caso, uma vez que quer ganhar a causa e proclama que teria a chance de ganhar até um automóvel, no processo. E o padre, de fato, ganha a questão. Mas também não pára de utilizar o pulpito para proclamar sua vitória:

“Nossa Senhora, ele enfrentava o que vinha: ‘- Pode, pode, eu quero ganhar um tomóvel’, diz ele. Aquele tomóvel, todo domingo era pronunciado no altar, na hora da prática. Até que foi, foi. E o advogado lá de São Paulo perdeu. Aí, o padre daqui uns dia com um tomóvel bonito, de um lado e do outro. Botava gasolina com o dinheiro da Igreja, porque o pessoal agradecia ele. E com o tomóvel dele ele ia onde ele queria. Ganhou a questão e o outro teve de passar capitais pra ele. E ele foi: ‘-Eu falei que eu ia ganhar o tomóvel, tá aí’. Ele não tinha medo de enfrentar quem fosse, tanto nas amizades, como nas brigas, como no que viesse” (Sr. João Tomazella).

O padre ganhou a causa, o que lhe rendeu um automóvel novo, porém essa briga durou anos. Isso foi parar até no bispo, e deste chegou até os superiores maiores de Stefanello que estavam em Roma. O provincial de Stefanello envia uma carta ao geral em Roma, notificando a situação em que se encontra o padre e fala como a família está determinada a que Stefanello seja transferido dali. A carta é de 22 de abril de 1927:

*“Em.za Revma,
Per la relazione del Revmo. Mgr. Visitatore, l'Emza V,*

conoscerà già la posizione di lotta in cui si trova il P. Luigi Stefanello in Cascalho contro una famiglia in speci, per un atto imprudente del Padre stesso.

Questa famiglia ha giurato di non lasciare piu in pace il sudetto padre, sino a che non si sarà allontanato dalla Parrochia ed a raggiungere questo scopo, ogni tanto, capitano in parrochia e vengono distribuiti dei foglietti anonimi e estampati alla macchina con insulti bassi e villani, como l'Emza V. può farsene una idea dal foglio qui unito. Al P. Luigi poi aggiunsero nella lettera delle illustrazioni pornografiche, veramente schifose.

Troppo è troppo e P. Luigi, rivoltosi a due avvocati, ebbe l'assicurazione di vincere la causa e col permesso di Mgr. Vescovo e mio la iniziò.

Ora dal 3 marzo non seppi più nulla in riguardo: il Padre forse se ne ebbe a male perché non volli fare la procura agli avvocati. Facevo conto di visitarlo, ma da 25 giorni sono malandato in salute e dovrò attendere ancora.

Il 'Momento' di S. Carlos stampò tre articoli (dovrà essere una seria de 10), ma dopo i primi tre non vidi più nulla. Speriamo bene. BaciandoLe il S. Anello dell'Emza. Vostra Revma. dev.mo in X.

Pe. Canestrini”⁴⁶ (ARQUIVO GERAL DA CONGREGAÇÃO SCALABRINIANA, doc. 554/4).

A carta é o reconhecimento documental daquilo que já era transmitido por quase todos os velhos do bairro, que presenciaram ou ficaram sabendo da briga. Nesta carta, os superiores reconhecem que Stefanello agiu de maneira imprudente, porém, percebem que a família envolvida começa a utilizar de estratégias para insultar o

⁴⁶ “Eminência Rev.ma, pelo relato do Rev.mo Monsenhor Visitador, Vossa Eminência, conhecerá já a posição de luta em que se encontra o Padre Luis Stefanello, em Cascalho, contra uma família em particular, por um ato imprudente do mesmo padre. Esta família jurou não deixar mais em paz o referido padre, até que seja afastado da Paróquia e, para alcançar este objetivo, de vez em quando, vão à Paróquia distribuindo folhetos anônimos impressos, contendo insultos baixos e vilões, como Vossa Eminência pode fazer uma idéia pelo folheto anexo. Além disso, para o Padre Luis, juntaram à carta fotografias pornográficas, verdadeiramente horríveis. Chegou-se ao limite e Padre Luis chamou dois advogados, que lhe garantiram vencer a causa e, com permissão do Monsenhor Bispo e minha, a encaminhou. Desde o dia 03 de março não havia recebido resposta a respeito: o padre talvez tenha ficado chateado porque não eu quis fazer a procuração para os advogados. Esperava visitá-lo, mas há 25 dias estou doente e devo aguardar mais. O 'Momento', de São Carlos, estampou três artigos (deverá ser uma série de 10), mas depois dos primeiros três não vi mais nenhum. Oxalá, dê certo! Beijando o santo anel de Vossa Eminência Rev.ma, dispeço-me devotamente em Cristo. Pe. Canestrini”.

padre e difamá-lo levianamente. Certamente, com estes documentos, podemos entender melhor o clima de “luta” vivido por Stefanello e seus paroquianos no debate com esta família, assim como a festa quando chega o automóvel que “*era proclamado a cada domingo*”, na missa, como fruto da batalha vencida.

Por que será que recordar essa energia do padre Luis é tão importante para a comunidade? Por que razão eles se orgulham em dizer que o padre Luis era bom de briga? Seria pela necessidade de mostrar a força que tem aquele que os defende? Ou seria pelo fato deles ainda sentirem que Stefanello luta em favor do bairro?

O guerreiro e destemido padre Luis distribui suas graças por Cascalho. Notemos o caso dos altares e do órgão de tubos da Igreja. Estes objetos são verdadeiramente sagrados para a população. Há uma tradição, por exemplo, dos altares laterais terem uma “espécie” de donos ou responsáveis, que têm a obrigação de cuidar, limpar e ornamentar os respectivos altares. O órgão de tubos é de imenso valor, pois está diretamente associado ao padre Luis. Vejamos o que nos diz a dona Augusta quanto à vontade de um dos párocos de vender estes objetos:

“Porque o padre Luis construiu esse órgão com o suor, com a esmola, e ele colocou esse órgão. Porque não tem órgão, aqui em roda, que nem esse daí. Deve ter um não sei em que cidade que é. Esse órgão foi o padre Luis. Que até os outros padres, quando vieram aqui, queriam vender ele (não os Claretianos), foi o padre Antônio Klein, queria levar pra Araraquara, pra colocar na Igreja Nossa Senhora do Carmo. Mas o povo não deixou, porque era do padre Luis. Se levantaram. Não, o padre Antônio não vai tirar o órgão daqui. E ele queria tirar também os altar lateral, também. Nós não fala mal dele, porque ele tá num lugar de paz, mas ele queria tirar os altar. Mas não conseguiu. Então foi assim. Com a força do padre Luis,

não deixou tirar nada, com a graça do padre Luis, nunca deixou tirar nada, nunca, nunca...”.

De que modo o povo não deixou vender o órgão e o altares? Foi com a força do padre Luis, que tinha ciúmes dos objetos que ele colocou na Igreja, e sempre a protege. Esse padre faz o povo ser valente frente àqueles que querem destruir o que está feito. É como se os objetos da Igreja tivessem a marca de um dono: padre Luis Stefanello.

Já mencionamos aqui o caso do roubo da coroa, dos brincos e do terço da imagem da Padroeira. É interessante ouvir como Dona Augusta interpreta tudo isso:

“Não levaram a coroa. Mas aquela foi uma coisa extraordinária, porque o menino da Rita tava brincando lá embaixo no clube com as crianças. Ele tava brincando e diz que eles falaram: ‘-Vai embora daqui que o cê tá estrovando nós aqui jogar bola’. E ele correu na Igreja e viu esse homem mexendo lá em cima, na Nossa Senhora. E o padre Boteon tava na sacristia, fazendo uma reunião lá. E ele falou: ‘- Padre vai coroar Nossa Senhora de novo?’. E o padre respondeu: ‘-Não vai coroar, não. Vai embora daqui’. E ele falou: ‘-Não, porque tá lá mexendo na Nossa Senhora’. E naquilo o homem saiu correndo com a coroa. E aí, correram tudo pra fora atrás do homem. Daí, ele chegou no carro e mexeram até que tiraram a coroa. Mas ele tinha o terço e os brincos de Nossa Senhora. Aí, eles correram atrás, daí ele capotou o carro lá, esse homem. Se não era o menino da Rita, a coroa tinha ido embora, o terço, os brinco, ninguém sabia nada. Olha que graça que aquele menino teve! Foi tudo graça do padre Luis, acho; porque impossível o padre Luis deixar tirar a coroa de Nossa Senhora”.

Esse é um ponto interessante: “*impossível o padre Luis deixar tirar a coroa de Nossa Senhora*”. Aqui temos o reconhecimento da intervenção no hoje da força de Stefanello. O menino que viu tudo foi um instrumento, recebeu uma graça especial e cumpriu uma missão.

Há um valor que todos reconhecem: por isso, manter os objetos (órgão, coroa, terço, brincos) e os altares, significa lembrar uma história. De tal forma que, na paróquia de Cascalho, os gestos e as realizações são pensados de maneira educativa. O sentimento de pertença a uma comunidade centenária cresceu em todos. Deste modo, quando se propõe uma festa ao redor do coreto e se convida a banda, é para reviver algo que acontecia de fato ali, nos tempos da Banda Católica e das noites divertidas em torno do coreto. Quando recentemente se propôs a construção do Clube de esportes, foi lembrado aquilo que o próprio Pe. Luis pensava a respeito de manter e fazer com que o povo se divertisse sadicamente ali mesmo, e não precisasse buscar alternativas fora do lugar. Quando não permitem que se retire a imagem da Padroeira do altar-mor fora do dia da festa de Nossa Senhora da Assunção, eles obedecem a uma tradição que receberam do Padre Luis, o qual tinha um ciúmes tremendo da imagem, e dizia que não era para ser retirada dali, a não ser no dia da festa. Tudo isso foi motivado por ocasião das festas do centenário da chegada das famílias italianas ao bairro. A partir dali, começou um movimento bastante forte de resgate das raízes da comunidade. Foram promovidos, durante todo o ano de 1993, a missa e o almoço de cada uma das famílias que quisessem celebrar sua história. Assim, por exemplo, tivemos o almoço das famílias Coletta, Botteon, Peruchi, Tomazella etc., reunindo em cada uma mais de 1000 pessoas.

RICOEUR (1994) diz que as festas jubilares são a ocasião propícia de fricção

da história e da memória. Celebrar cada cinquenta anos, ou também um centenário, é o momento que permite olhar para a herança recebida e torná-la operativa. Na celebração do centenário, o bairro preparou-se de maneira muito festiva para a ocasião: noites italianas, bandas no coreto, curso de italiano, tardes da história em que os velhos eram chamados para juntos reviver o passado, o almoço das famílias etc..

MAHFOUD (2001), no seu artigo PERCORRENDO as distâncias: memória e história, ao tratar de uma comunidade rural em Morro Vermelho, nos fala da experiência de “nós”, construída na comunidade, que se tornou efetivamente referência, de tal modo, que o cuidado com o “nós” está diretamente associado com a origem. Semelhante é a compreensão que o povo em Cascalho tem de si mesmo. Lá, se vivem as tradições.

Notemos agora o tratamento que o Sr. Paulo Bertanha dá à questão da comparação entre os imigrantes que vieram e aqueles que vêm hoje morar no bairro sem perceber suas raízes:

“Então, ele pegou a mala dele debaixo do braço, de modo que veio no navio com uma malinha, a mãe e meu irmão, Domingos. Chegando aqui, eles foram heróis, estes italianos que vieram. Um tempo aqui, estes foram heróis. O que vêm hoje aqui é para passar a perna nos que estão aqui, que se fizeram seu prato aqui. Então, eles vêm passar a perna, mas a outra vez vinha com destino pra trabalhar. Estes foram os poetas e os heróis”.

Outro fator que salienta o Sr. Paulo, com o objetivo de abrir os olhos da juventude de hoje, são os laços de amizade:

“Outro fato interessante que eu vou contar aqui, e já falei pra muita gente, e estão sabendo: o meu padrinho de batizado, o Luis Maronezi, também veio pra cá, que era vizinho ali do meu pai. De modo que eles foram vizinhos na Europa e chegaram a ser vizinhos aqui, no Brasil, durante quase 40 anos - vizinhos. Era uma amizade que não existia igual. E hoje, eles são vizinhos no cemitério, há muitos anos, sem comprar terra adiantada. Estão lá, os dois enterrados. Esta é uma amizade sincera, uma amizade que não tem nada de negativo. Isto que foi importante. E foram heróis, porque vieram aqui e trabalhavam. Naquele tempo, meu pai ia trabalhar lá na horta, 10 quilômetros a pé e vinha, com 10 filhos pra sustentar. Era uma pobreza infinita. E era uma amizade 'terrível'. O filho que reclama hoje, é pecado mortal, mortal. Aquele tempo, se tinha alguma coisa, era trabalho e era na amizade. Não tinha rádio, não tinha nada, de modo que as visitas era mais freqüentes. A visita era mais freqüente, ficava mais amizade, e era sincera”.

Esta fala do Sr. Paulo Bertanha foi retirada do vídeo HISTÓRIAS de Cascalho (1993), de 14 de março e quatro de junho, gravado num evento chamado “Tardes da História”, em que eram convocadas três a quatro gerações de pais e filhos para juntos recordarem o passado. Foi promovido pela Igreja, nas comemorações centenárias.

Num lugar como Cascalho, os velhos guardam valores e significados que pouco a pouco, são transmitidos. Todavia, muitos elementos curiosos são silenciados porque não encontram mais quem os interroge sobre determinados assuntos. Durante a pesquisa, entrevistamos um sacerdote do Rio Grande do Sul, de uma colônia de italianos vênnetos, que ainda conservam as tradições dos antepassados. Este sacerdote, diante do tema do nosso trabalho, perguntou a respeito de um livro de São Cipriano, muito utilizado por determinadas pessoas tidas como bruxas ou feiticeiras, na colônia de Bento Gonçalves (RS). Informou-nos que era um livro muito temido, chamado de *Libro Rosso de São*

Cipriano, que continha as bruxarias e feitiços para fazer o mal para as pessoas. E com esta dica, fomos procurar em Cascalho se algum dos velhos, e entre os seus filhos, haviam ouvido falar a respeito deste livro. O curioso é que foi muito difícil encontrar alguém que pudesse nos dar alguma informação sobre este livro; usavam de meias palavras; respondiam pela primeira vez que não sabiam nada e depois, ao longo da conversa, iam revelando que conheciam o conteúdo desse livro e também sabiam as pessoas de Cascalho que o possuíam. É algo intrigante tentar entender por que razão esse tipo de assunto não saiu nas conversas, já que o tema todo da entrevista e do trabalho permitia fazer alusão a um livro deste gênero. Isso não aparece nem mesmo quando falam das feitiçeras do bairro. Percebemos que era um assunto incômodo. Mas o fato é que os italianos vênets de Cascalho também cultivavam as superstições e medos em torno do *Livro de São Cipriano*⁴⁷. A descoberta deste livro serviu como um elemento a mais para entender, no contexto maior das bênçãos e exorcismos, o que se produziu no imaginário da população local. E de que forma se dá, numa pesquisa, a descoberta.

Nestes exemplos, tentamos mostrar como o movimento da memória e o movimento da história estão se dando em Cascalho. Segundo MAHFOUD (*in* HOFFMANN *et al.*, 2001),

“qual é o trabalho da memória? É o de ligar imediatamente com a origem (...). Qual o trabalho próprio da história? É o de ir em busca de dados que me

⁴⁷ Interessante considerar que, neste livro, encontramos os feitiços, as rezas fortes e as mágicas de São Cipriano. Nela se apresentam as orações para afastar o demônio, para livrar os enfermos, para afastar fantasmas das encruzilhadas, para pedir bons espíritos etc.. Por outro lado, uma quantidade de orações mágicas para conquistar um homem, para vingar os inimigos, para fazer pacto com o demônio, para fazer e desmanchar casamentos, para se ganhar no jogo etc.. Há bruxaria com sapos, com pombas, com gato, com penas de galinha, com unhas e nos alimentos. Todos esses elementos contidos neste livro revelam um pouco do que apareceu nas entrevistas e de muitos que acorriam ao Pe. Stefanello, como um desinfeitiçador.

faltam para se ter claro os elos todos do percurso que liga o presente ao passado. (...) O trabalho da própria história é o de pesquisa, é um trabalho de se perguntar sobre o que não se tem como dado, de procura de indícios e de obtenção de documentação” (p. 63).

Terminamos este capítulo, que é o último de nosso trabalho, com um poema de um dos velhos moradores de Dona Maria de Lourdes Gomes:

*“Para Cascalho, minha terra
 Meu Cascalho molhado de lágrimas de saudade,
 Os sinos da tua esplendorosa Igreja ainda repicam em mim
 Teus sítios floridos, teu solo fértil e generoso passam
 pelos meus olhos como um filme sem fim.
 Imigrantes italianos e portugueses com certeza
 ali chegavam com suas famílias
 Vinham de Lisboa e de outras terras européias e como
 souberam te acarinhar.
 Fizeram tanto com tanta garra
 que tua terra vermelha se cobriu inteirinha.
 Florões, árvores frutíferas, algodão, arroz, café
 O bicho de seda até.
 Um povo que se uniu no trabalho e na fé,
 Lá ao redor do coreto,
 a contar entusiasmado tantos feitos, tanta fibra.
 Vejo todos: os Gomes da Silva, os Caneo, os Boteon, os
 Batistella, os Tomazella, os Quintal, os Peruchi, os
 Ferreira, os Feola, os Denadai, os Corte, os Zanetti, os
 Picolini, os Rosolem, os Della Coletta, os Breda,
 Botechia e outros mais.
 Lá no fundo da memória vem de mansinho o padre Santo
 pequenino Luis Stefanello.
 Por tudo isso Cascalho, por tua exemplar e heróica vida,
 Minha alma hoje chora de amor e de orgulho por ti
 vibra”.*



Figura 08

“Eu quero uma licença de dormir,
perdão pra descansar horas a fio,
sem ao menos sonhar
a leve palha de um pequeno sonho.
Quero o que antes da vida
foi o profundo sono das espécies,
a graça de um estado.
Semente.
Muito mais que raízes.”
(Adélia Prado)

CONCLUSÃO

O que aconteceu ao longo desse trabalho foi uma série de encontros. Em cada encontro, uma surpresa; em cada história de vida, uma novidade; e em cada novidade, uma possibilidade de diálogo. Foram experiências que marcaram a vida de uma comunidade inteira e que continuam a nortear o jeito de se organizar e viver. O caminho de diálogo com esta comunidade começou a partir de uma curiosidade pessoal, na inquietante pergunta sobre o que se passava ali nos tempos da consolidação da imigração italiana, quando a comunidade vivia em torno de uma pessoa significativa com a qual passava a confrontar o seu cotidiano e diante do qual as pessoas acorriam para ingressarem na vida da comunidade, para confessar seus pecados, para receberem a Eucaristia, para confirmarem seu amor, para abençoar seus enfermos, suas plantações e negócios, para a assistência na hora da morte, enfim, para o qual confluíam todas as energias e aspirações.

Quais são os aspectos mais significativos desse diálogo, que constituem para nós a “descoberta” realizada através da elaboração desse trabalho?

Em primeiro lugar, devemos dizer da importância do trabalho da memória. A memória, como nos lembrava RICOEUR (1998), é sempre do passado. Ela é a guardiã da distância temporal e é a que permite relacionar o anterior com o posterior. Ela é a que garante que as obras daqueles que nos precederam não fiquem perdidas e

é a que possibilita a descoberta da identidade pessoal e comunitária da população de um determinado lugar. Não poderíamos deixar de mencionar, nesta parte de nosso trabalho, também a riqueza da contribuição que vem das entrevistas utilizadas em todo o nosso percurso, acerca do tema da memória de que nos fala o Sr. Paulo:

“Tem sempre que lembrar. Tá sempre ensaiando, ensaiando uma coisa. Como eu ensaiei essa poesia do Natal, que é comprida, de cor. Eu não preciso ler, eu falo ela a qualquer hora, de cor. Eu ensaiei ela. Então, as pessoas deve ensaiar. Se preocupar com o que é bonito e ensaiar, sempre lembrar. E uma criança, quando tá fazendo uma coisa, nunca chamar a atenção fora de coisa, se ela tá fazendo uma coisa, observar bem, observar bem que a criança vai crescendo com aquelas coisas, com aquela imaginação. De modo que o cérebro foge quando a gente não se incomoda com nada: quando a gente não reza, não vai na missa, não participa de um terço, não participa de nada. Quando uma pessoa participa, ela sabe, sim. O senhor pode lembrar isso, o senhor é padre, o senhor pode lembrar, o senhor reza a missa sempre e sabe até de cor. Por que? Porque está sempre lembrando, que a imaginação é essa”.

GIUSSANI (2000) afirma que a novidade acontece sempre pelo encontro com o outro. Se não fosse o encontro com o Sr. Paulo, eu nunca iria descobrir essa riqueza que está guardada no coração e na vida dessa gente de Cascalho. Ali, tem muitas histórias. Estavam todas encobertas e digo que não tive a pretensão de trazer todas à tona. Foram suficientes algumas para desencadear um movimento de diálogo e de escuta muito profundo. O encontro com o outro é fundamental. Esse é o próprio dinamismo original do ser humano: é pelo encontro que nasceu a vida; nós existimos

porque outros nos deram a vida. As outras pessoas não limitam a nossa perspectiva de universalidade, mas nos fazem ser e crescer. Conforme diz MOUNIER (1964), a experiência primitiva da pessoa é a experiência da Segunda pessoa: “*o tu e, adentro dele, o nós, precede o eu, ou pelo menos acompanha-o*” (p. 63). A pessoa é exposição e, por esta natureza, é comunicável.

O sujeito não se nutre autonomamente, ele é feito por aquilo a que se dá e a quem se dedica. Por isso que, para o Sr. Paulo, lembrar é uma necessidade, e implica em se “*preocupar com aquilo que é bonito*”. O ser humano necessita disso, ele não pode viver sem a memória. O esquecimento é ontologicamente contrário à sua constituição. A memória falha ou, segundo Sr. Paulo, o “*cérebro foge*”, quando não há nada que nos inquiete, que nos movimente. O “*cérebro foge*” quando não se participa de nada. Quem pertence a alguma coisa consegue fazer memória, é um gesto simples como o de rezar: quem participa da reza, sabe como fazer; quem se recusa a participar, não pode aprender. A referência feita pelo Sr. Paulo ao ritual religioso da missa é explicado por BERGER (1985). Segundo ele, o ritual religioso é um instrumento decisivo para esse processo de “*rememoração*” de que fala o Sr. Paulo. No rito religioso, em repetidas vezes, se “*tornam presentes*” aos que nele tomam parte, as fundamentais definições da realidade, pois no rito há coisas que precisam ser feitas (como, por exemplo, a oferta de pão e vinho na missa) e coisas que precisam ser ditas (as palavras que consagram esse pão e vinho em corpo e sangue do Senhor). Dessa forma, no rito, as coisas feitas e ditas servem de suporte para “*relembrar*” os significados tradicionais da comunidade e aquilo que é a identidade daquele lugar (Cf. p. 53). O culto cristão é essencialmente comemoração (Cf. SOVERNIGO, 1998).

Nas CONFISSÕES (1984), Santo Agostinho trata a memória com essa mesma extraordinária profundidade e densidade psicológica, falando da “*imensa sala da memória*”:

“Chego agora aos campos e às vastas zonas da memória, onde repousam os tesouros das inumeráveis imagens de toda a espécie de coisas introduzidas pelas percepções; onde estão também depositados todos os produtos do nosso pensamento, obtidos através da amplidão, redução ou qualquer outra alteração das percepções dos sentidos, e tudo aquilo que nos foi poupado e posto à parte ou que o esquecimento ainda não absorveu e sepultou. Quando estou lá dentro, evoco todas as imagens que quero. Algumas apresentam-se no mesmo instante, outras fazem-se desejar por mais tempo, quase que são extraídas dos esconderijos mais secretos. Algumas precipitam-se em vagas, e enquanto procuro e desejo outras, dançam a minha frente com ar de quem diz: ‘Não somos nós por acaso?’, e afasto-as com a mão do espírito da face da recordação, até que aquela que procuro rompe da névoa e avança do segredo para o meu olhar; outras surgem dóceis, em grupos ordenados, à medida que as procuro, as primeiras retiram-se perante as segundas e, retirando-se, vão recolocar-se onde estarão, prontas a vir de novo, quando eu quiser. Tudo isso acontece quando conto qualquer coisa de memória” (Agostinho apud LE GOFF, 1996, p. 445).

É graças a esta câmara vasta e infinita da memória que se efetiva um processo de contato entre o presente e o passado. Por um lado, como diz MAHFOUD (1996), a memória é reconhecimento, porque traz o “*sentimento do já visto*” e é reconstrução, porque faz um resgate dos acontecimentos passados no quadro de preocupações e interesses atuais. O trabalho da memória, portanto, me coloca diante

de uma dependência antecedente: “*eu posso, porque dependo da herança*”. O que dá consistência ao meu próprio existir é a consciência de que dependo do meu grupo, dos elementos da tradição, de que tenho uma hipótese inicial para o trabalho. É a memória coletiva, nas suas funções, que de um lado, assegura a continuidade temporal permitindo ao sujeito deslocar-se sob o eixo do tempo e, por outro, possibilita o próprio reconhecimento de si.

O trabalho da memória converge com o da história, uma vez que esta busca reconstruir e reconstituir os elos entre o passado e o presente, através da distância e da lonjura histórica. Pelos testemunhos das pessoas que conviveram diretamente com o padre Stefanello e pelo movimento de transmissão dos acontecimentos, na narrativa dos relatos, notamos uma nítida tensão entre a experiência do passado transmitida e o presente. Esse seria o movimento próprio e vivo daquilo que chamamos de “tradição”, que busca constantemente encontrar e atualizar a experiência de significado do mundo. Por esta razão, exige-se de quem interpreta a compreensão da tensão entre proximidade e distância a que nos sujeitamos quando pertencemos a uma tradição. O que RICOEUR (1984) chamaria do “*jogo da sedimentação*” e da “*inovação*” (p. 57) que se pode reconhecer em toda tradição. Conforme nos diz GADAMER (*apud* FORNARI, 2000):

“la tradición no es simplemente algo que llega, algo que se reconoce y que se aprende a manejar por experiencia; ella es lenguaje, esto es, ella misma habla como un tú. El tú no es un objeto, sino que se dirige a nosotros. Bien entendido: no hay que comprender que, lo que accede a la experiencia mediante la tradición, haya de ser concebido como la intención de outro, que es un tú. Por el contrario, sostenemos firmemente que

la comprensión de una tradición no se dirige al texto transmitido como si fueran las expresiones vivientes de un tú; ella toma un contenido de sentido, libre de toda referencia a intenciones, sean mías o tuyas” (p. 14).

Desse modo, a história é este movimento que toca e afeta o homem. Para compreender isso, é preciso pensar o tempo tal como nos apresentou Santo Agostinho: como um presente. Ele concebe o tempo dialeticamente estruturado: o presente do passado, que é a memória; o presente do futuro, que é a expectativa; e o presente do presente, que é a atenção (Cf. RICOEUR, 1984, p. 63). Talvez seja necessário insistir que o passado não é, portanto, algo que está atrás da gente, totalmente constituído e terminado, fechado e determinado. O que se esquece é que ele é aberto a novas interpretações. O trabalho do historiador, no sentido que assinalou BLOCH (1993), é que a história é a ciência dos homens no tempo e, portanto, comporta passado, presente e futuro.

Torna-se claro o tema da responsabilidade histórica, tendo como perigo permanente o fato de que, se não fazemos a história, cada vez mais perdemos a ocasião de sermos feitos por ela. Assim, ser responsável pelo passado recebido é torná-lo gerador de sentidos novos. A idéia de tradição está dialeticamente ligada ao horizonte da expectativa: trazer vida ao passado é, ao mesmo tempo, trazer esperanças para o futuro.

As marcas do passado, como já assinalamos, podem ficar mudas e mortas se não somos capazes de tratá-las como tradição. TODOROV (1992) fala que a memória é um movimento de interação e contraste entre o esquecimento e a conservação e, por isso, a memória não é reconstituição integral do passado, mas ela

procede por um processo de seleção. Cada um dos vestígios, dos traços do padre Luis, em Cascalho, e de toda a comunidade paroquial, são um pedido de nova interpretação. Ouvir os mais velhos significa registrar as impressões de um tempo, por meio de testemunhas, e permite reconhecer que temos uma dívida com o que passou. Nosso trabalho constitui-se, então, como um momento de fricção entre a história e a memória cultural de Cascalho.

Mas a transmissão de pessoa para pessoa pode sofrer um empobrecimento no seu nexos temporal, por isso, a necessidade da narrativa. A narração pode reabrir a experiência do tempo e fazer refigurar a experiência. Ela aparece, segundo RICOEUR (1984), como algo que nos responsabiliza, porque nos recoloca na continuidade da história, em que o que aparece é aquilo que me compete nesta história particular. Por isso, o relato é o guardião do tempo e está a serviço de sua significação. Assim, sem a narração, não se pode viver no tempo. É a vida que aparece na narração.

Na recuperação da identidade narrativa, e portanto, cultural do Pe. Stefanello e da comunidade de Cascalho, estes elementos ficaram evidenciados. A nossa contribuição está em fazer “aparecer” estes sujeitos que foram protagonistas de uma história e, ao lado disso, mostrar o quanto o conjunto das obras humanas por eles realizadas são portadoras de um sentido que está oculto, que se presta a decifrar e que nos dá acesso a regiões sagradas. Pois o acontecimento do sujeito se dá através da ação, é através dela que é possível explicar e revelar a própria identidade, pois ninguém age sem que se manifeste o seu eu latente (Cf. ARENDT, 1999, p. 196). A ação mostra uma identidade que se busca a si mesma, ela mostra o gosto por existir.

O trabalho de transcrição dos depoimentos foi ocasião de entender o quanto o

texto serve como mediação para a compreensão da comunidade e do padre Stefanello. O texto, no lugar de criar uma relação fechada entre autor e leitor, abre um mundo e permite o alargamento de nosso horizonte de existência.

Assim, a apresentação das experiências pessoais de cada entrevistado sobre o padre Luis Stefanello, neste texto, permitiu vislumbrar o horizonte da história familiar e da história do bairro. Cada evento da comunidade tem um ponto de interseção muito evidente com a história pessoal, tal como Dona Rosa, que lembra que os sinos foram colocados no dia em que ela completava 15 anos; ou então o Sr. João Tomazella, para quem recordar o padre Stefanello é ocasião de falar da infância feliz como coroinha; ou ainda para o Sr. Guilherme, para quem o passado “*era vida linda*”. O que se vê é que os valores do passado se tornam uma instância de interpelação ao presente, ou seja, o passado tem algo verdadeiro e essencial que responde a algumas perguntas do presente.

Mas o que aconteceu com a capacidade de narrar dos homens de nossa época? Parece que vivemos uma época, como afirmava BENJAMIN (1999), em que os homens não têm mais experiências para compartilhar. A arte de contar não tem mais importância diante do mundo globalizado e excessivamente informativo. O perigo, como nota WEIL (1979), é esquecer as raízes:

“O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” (p. 315).

Por isso, o trabalho com os relatos da memória é bastante enriquecedor. O movimento de ir entrevistar e sentar-se ao pé de outros para ouvir, cumpre uma finalidade social essencial, que é a de devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. Segundo THOMPSON (1992):

“A possibilidade de utilizar a história para finalidades sociais e pessoais construtivas desse tipo vem da natureza intrínseca da abordagem oral. Ela trata de vidas individuais - e todas as vidas são interessantes. E baseia-se na fala, e não na habilidade da escrita, muito mais exigente e restritiva. Além disso, o gravador não só permite que a história seja registrada em palavras faladas, mas também que seja apresentada por meio delas. (...) O uso da voz humana, viva, pessoal, peculiar, faz o passado surgir no presente de maneira extraordinariamente imediata. (...) As gravações demonstram como é rica a capacidade de expressão de pessoas de todas as condições sociais” (p. 41).

Ao longo da pesquisa, víamos que a vida desses velhos de Cascalho era lançada para dentro da própria história. Ao reconhecer sua própria fala pelas transcrições, estas pessoas comuns iam adquirindo cada vez mais confiança no contar as experiências. Ademais, a história de vida contada e tornada relato, propicia o contato e a compreensão entre as outras gerações. No caso da história do bairro de Cascalho, o trabalho da memória representa a busca do sentido e da identidade, tanto para os antigos moradores como para aqueles que vêm de fora, que podem adquirir percepção das raízes pelo conhecimento da história.

Outro aspecto importante a ser discutido nesta conclusão, diz respeito ao

estudo feito por MERLOTTI (1979), intitulado O MITO do Padre entre descendentes italianos, que destaca a figura transcendente do padre e seu lugar de poder frente à comunidade. Nossa perspectiva foi justamente diferente da dela, uma vez que procurou salientar o modo da comunidade se relacionar com o padre Stefanello, focalizando o cotidiano de uma comunidade que se forma a partir de valores que lhes são transmitidos pela convivência diária com o sacerdote. E mais: a comunidade sabe reconhecer que o padre não é um herói mitológico, ele é alguém como nós, que inclusive sofre mais tentações do que qualquer um dos outros fiéis. Essa realidade nua e crua é que aparece nos relatos. As testemunhas nos aproximam de um Stefanello extremamente humano. Longe de se tornar um herói, o que emerge é uma personalidade única, um caráter combativo e decidido. Segundo o Sr. João, *“ele não guardava nada, não; a quem precisava dar um tapa; ele dava, e o que precisasse dele, ele era um coração mais que mãe”*.

Para o povo de Cascalho, Stefanello é um milagreiro, um homem de poder para curar e afastar o mal. Neste sentido, a forma como se divulgam as notícias de bênçãos e curas em Cascalho por parte de Stefanello, difere muito daquela de outros “taumaturgos” contemporâneos a ele. Tal é o caso do Padre Donizetti Tavares de Lima, em Tambaú, cidadezinha do interior de São Paulo. A notícia de milagreiro começa a se espalhar em 1954, quando um comerciante é curado de dores de reumatismo pelas mãos do padre Donizetti. Mas a notícia de seus poderes foi logo divulgada nos jornais, nas rádios e na TV. Sua fama ultrapassa as fronteiras do Estado de São Paulo por estes meios de comunicação de massa. Já, no caso de Stefanello, a fama se espalha por um método bem diferente: é pelo contato direto

com as pessoas, que pouco a pouco iam comunicando umas às outras. O método é o da testemunha que viu e que comunica a outros a notícia.

A assistência aos doentes dada pelo padre Donizetti em Tambaú⁴⁸ teve uma curta duração, devido ao posicionamento contrário por parte dos membros da hierarquia eclesiástica, que pressionaram para que se encerrasse tudo muito rapidamente. O padre iniciou suas bênçãos com a cura de um negociante, em 1954, e já em 31 de março de 1955 foi encerrada oficialmente sua atividade taumatúrgica, bem como, toda a sua atividade religiosa. Neste dia, 100.000 mil peregrinos foram a Tambaú receber, pela última vez, a bênção do padre Donizetti. Em Cascalho, a assistência de Stefanello perdurou enquanto ele esteve presente ali, e se estendeu para a cidade de Santa Barbara do Rio Pardo, onde ele foi morar depois que deixou Cascalho. Houve, por parte de diversas autoridades eclesiásticas, a tentativa de impedir suas bênçãos. Mas, tanto ao bispo como a outros sacerdotes que não escondiam seu ceticismo e negativismo frente a seu trabalho, segundo o relato dos moradores, Stefanello os chamava de “*pixote*”, de gente pequena e que “*não estavam interessados no bem do povo*”.

As reflexões sobre a autoridade, que fizemos ao longo do trabalho, destacam que a experiência da relação com a autoridade surge em qualquer indivíduo, não por idéias, mas pelo encontro com uma pessoa rica de consciência da realidade, de modo que esta se impõe a nós como alguém que gera imediatamente fascínio, respeito e inevitável sujeição (Cf. GIUSSANI, 2000, p. 57). Segundo HORKHEIMER (1975), a mentalidade técnico-política do Iluminismo reduziu a autoridade em termos de poder, como a presença de alguém a quem temos de nos submeter e abdicar. Todavia, a autoridade é, no seu sentido original, alguém que nos acrescenta,

⁴⁸ A pesquisadora Maria Isaura P. de Queiroz (1983) propõe dois modelos de taumaturgos: um modelo “padre Cícero” no qual a pessoa também se torna um líder político; e outro o modelo “padre Donizetti” cuja atividade se limita a curar os doentes do corpo e do espírito.

auxiliando nossa aventura de liberdade com uma presença positiva. A autoridade carrega um bem e, por isso, nos atrai. O que marcou a comunidade de Cascalho foi a experiência em torno de uma autoridade como amizade, onde, através da convivência humana, os indivíduos eram provocados a se educar.

Por isso, salientamos neste trabalho a figura do padre e da comunidade. No primeiro capítulo mostramos o “povo de Cascalho” com seu cotidiano e suas aspirações, desejos e trabalhos. Um capítulo todo dedicado às lembranças. A afirmação de valor no passado está ligada às circunstâncias vividas com o padre Stefanello, de tal forma que os objetos evocam sua presença e tornam-se, por isso, sagrados. O universo religioso que vivem possibilita perceber a ação, em suas vidas, de uma força superior, presente nos objetos e na figura do sacerdote. Por isso, guardar um terço que o padre fez, tem muito valor. O mesmo vale para as palavras de poder e profecia, pronunciadas no casamento e que, para o Sr. Paulo, representam a mente genial de Stefanello:

“Aconteceu que nós casamos. Sabe o que ele chegou a falar pra ela? Me lembro até hoje: ‘-Olha bem daquela sogra sua, que ocê entra lá, que ela é uma santa mulher’. Falou pra ela que tratasse minha mãe bem. Chegou a falar isso pra ela. Você vê onde que ele foi com a mente, né? Na hora do casamento, da alegria, chamar a atenção pelo futuro da minha mãe. Era uma mulher doente e tal. Ele gostava dela. Que ela (minha esposa) olhasse por ela”.

O padre, na hora da alegria, lembra as dificuldades e chama a atenção para a realidade. A palavra dirigida a Dona Emília, esposa do Sr. Paulo, é de que reconheça a presença de uma “santa” na casa onde vai morar e zele pela vida dela. É um padre

que conhecia sua comunidade e preocupava-se com perspectivas essenciais para a justa convivência em família.

No capítulo sobre o “padre cheio de poder” fica evidente que em todas as obras e palavras de Stefanello, estava presente uma potência. O seu poder tinha efeitos sobre todos da comunidade, a fim de que ele e a comunidade efetivamente permanecessem ali.

O problema do mal, abordado no terceiro capítulo, evidencia quanto isso incomodava Stefanello e a comunidade. Falamos da dinâmica do poder de Stefanello no enfrentamento com o demônio, lá em Cascalho. Não importou, como o leitor já deve ter notado, a discussão sobre a existência ou não do diabo. Não nos preocupamos aqui com os aspectos teológicos, mas sobretudo com os aspectos psicológicos envolvidos no fato de uma pessoa, considerada possuidora de potencialidades para afastar o espírito maligno, utilizar-se dessa força para fazer o bem às pessoas da comunidade. Percebemos que a comunidade se reconhece como “*vigiada pelo demônio*”, mas tendo um defensor na figura do padre. Aqui, o processo de cura é bem semelhante àquele que FREUD (1973) aponta, quando fala do ato de fazer consciente o inconsciente. É encontrar um espaço para poder colocar em palavras a própria experiência, ou de construir narrativas, em que os processos possam ser pensados. No ritual de exorcismo, encontramos essa possibilidade: há um diálogo entre o exorcista e o possuído, em que este último é interrogado, tendo que manifestar o mal que o aflige. Neste capítulo e no quarto descrevemos a representação do mal, no imaginário das pessoas.

A discussão do capítulo quarto refere-se ao diálogo desses espíritos que se proclamam ao se defrontarem com a ação exorcística de Stefanello. O diálogo é, aqui, com o diabo. E a população sabe reproduzir as distintas vozes que se manifestam, nos mostrando o quanto sentiam a necessidade de um mediador que

pudesse controlar as forças do mal, trazendo tranqüilidade para uns, a cura para outros e a proteção para todos.

No capítulo referente à dádiva, o que se evidenciou foi a compreensão de que na realidade está presente uma positividade última. Ao implorar ao padre as bênçãos sobre os animais, sobre a plantação, sobre as casas, os objetos, a pessoa afirma que tudo aquilo tem um nexos com o Autor original. E esse tipo de relacionamento com as coisas, esse certo maravilhamento diante do real, faz o homem experimentar a sua contingência. Ele não vive e não é feito por si mesmo. É o que GIUSSANI (2000) afirma quando diz: “*não me dou o ser, não me dou a realidade que sou, sou ‘dado’, é o instante adulto da descoberta de mim mesmo como dependente de uma outra coisa*” (p. 150).

O sexto capítulo quer ser a afirmação de que, para além de um milagreiro, exorcista e benzedor, o padre Stefanello foi, para algumas pessoas, um verdadeiro mestre que transmitiu seus “saberes”. O Carvoeiro carrega esse ofício com toda a autoridade, pois lhe foi transmitida por um homem que era visitado por “*gente de todo o mundo*”.

O trabalho termina com o capítulo sobre as relações entre História e Memória. Esta perspectiva abre horizontes para que a comunidade possa pensar a sua cultura e ter uma atenção e cuidado com os gestos, para que as novas gerações possam reconhecer suas raízes.

Resta-nos dizer, por fim, que o trabalho foi uma tentativa de responder a um anseio pessoal, uma curiosidade imperiosa, um desejo ardente de saber que chão é este que piso. Não sei como o padre Stefanello olhará para tudo isso que escrevi, mas tenho

certeza que é como escreveu BERNANOS (1999), no seu livro DIÁRIO de um pároco de aldeia com a emoção de querer ver o rosto de sua paróquia:

“Dia do aniversário de minha nomeação para Ambricourt. Três meses! Orei muito esta manhã por minha paróquia, minha pobre paróquia, minha primeira e talvez última paróquia, pois gostaria de morrer aqui. Minha paróquia! Uma expressão que não pode ser pronunciada sem emoção, mais que isso!, sem um ímpeto de amor. E, no entanto, ela desperta ainda em mim uma idéia confusa apenas. Sei que ela existe realmente, que somos um do outro para a eternidade, que ela é uma célula viva da Igreja imperecível, e não uma ficção administrativa. Mas gostaria que o bom Deus me abrisse os olhos e os ouvidos, e me permitisse ver o seu rosto, e ouvir a sua voz. Talvez seja pedir demais? O rosto de minha paróquia! Seu olhar! Deve ser um olhar doce, triste, paciente, e imagino que se pareça um pouco com o meu, quando paro de me debater e me deixo levar por esse grande rio invisível que nos carrega a todos nós, misturados, vivos e mortos, para a profunda eternidade” (p.51).

Fazem já 90 anos da nomeação de Stefanello para Cascalho!!! O trabalho é a tentativa de ver o rosto da paróquia, que tem tudo a ver com o rosto de Stefanello. Ao encontrar com este valoroso e poderoso padre, com este povo tão simples e cheio de sabedoria, creio estar verdadeiramente exorcizando o mal original que tenta e atormenta os homens: o mal do esquecimento. Por isto, este trabalho é símbolo de um povo que aprendeu a fazer memória. Um povo aprendiz de Stefanello que luta ainda com o mal. Neste sentido, é lindo o que diz LEWIS (1982), no seu divertido livro AS CARTAS do coisa-ruim, em que um diabo velho ensina um diabo jovem nas artes da tentação e, numa dessas cartas, o Coisa-ruim instrui seu sobrinho nos

seguintes termos:

“Os humanos vivem no tempo, mas destinados pelo Inimigo (Deus) à Eternidade. Creio, portanto, que Ele deseja que dêem atenção principalmente a dois assuntos: à própria eternidade e àquele ponto no tempo que eles chamam Presente. O presente é o ponto em que o tempo toca a eternidade. No momento presente, e só nele, os humanos vivem uma experiência análoga à que o Inimigo tem da realidade como um todo; só nele são-lhes oferecidas a realidade e a liberdade. Ele os quer, por isso, continuamente preocupados com a eternidade (que significa preocupar-se com Ele) ou com o Presente, a meditar na eterna reunião com Ele ou na separação d'Ele; ou obedecendo à presente voz da consciência, carregando a cruz atual, recebendo a graça do dia e agradecendo o prazer do presente. Nosso negócio é conseguir afastá-los do eterno e do Presente” (p.61-62).

Assim, exorcizado o mal, aprendamos das bênçãos do Presente.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO Geral da Congregação Escalabriniana, Roma, Itália.

ARQUIVO Histórico do Município de Cordeirópolis, São Paulo.

ARQUIVO Provincial da Congregação Escalabriniana, São Paulo.

LIVRO do Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Assunção, Cascalho, São Paulo.

LIVRO do Tombo da Paróquia de Santo Antônio, Coideirópolis.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 2ª edição. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

_____. *De Magistro*. 4ª edição, Coleção Os Pensadores, São Paulo: Nova Cultural, 1987.

ALVIM, Zuleika M.T. *Brava Gente!* São Paulo: Brasiliense, 1985.

AMORTH, Gabriele. *Um exorcista conta-nos*. 3ª edição, Lisboa: Paulinas, 1998.

ARANZUEQUE, Gabriel. Paul Ricoeur: memoria, olvido y melancolia (entrevista).

Revista de Occidente. Madrid, (198):105-121. Noviembre - 1997.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 9ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

AZZI, Riolando. *A Igreja e os Migrantes: a imigração italiana e os primórdios da obra escalabriniana no Brasil*, Vol. I, São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. *A Igreja e os Migrantes: a fixação da imigração italiana e a implantação da obra escalabriniana no Brasil*, Vol. II, São Paulo: Paulinas, 1988.

_____. *A Igreja e os Migrantes: a aculturação dos italianos e a consolidação da obra escalabriniana no Brasil*, Vol. III, São Paulo: Paulinas, 1988a.

BALDUCCI, Corrado. *Il diavolo: esiste e lo si può riconoscere*, Casale Monferrato: Piemme, 1989.

BARRETO, Francisco de Campos. *Campinensis Ecclesiae Synodus Prima: Synodi Campinensis Litterae Pastorales, Decreta, Acta et Documenta*. Campinas: Casa Genoud, 1928.

BEAUCHESNE, Hervé. *História da psicopatologia*, São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BELLO, Angela Ales. *Culturas e Religiões: uma leitura fenomenológica*, Bauru, SP: EDUSC, 1998.

_____. *Fenomenologia do ser humano*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

BENJAMIN, Andrew e OSBORNE, Peter (orgs.). *A filosofia de Walter Benjamin: destruição e experiência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

- BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*,. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*, São Paulo: Paulinas, 1985.
- BERNANOS, Georges. *Diário de um pároco de aldeia*, São Paulo: Paulus, 1999.
- BIRMAN, Patricia, NOVAES, Regina e CRESPO, Samira (orgs.). *O mal à brasileira*, Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.
- BIRMAN, Patrícia. *Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens*, Revista Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 17 (1-2): 90-109. Agosto - 1996.
- BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio França e Inglaterra*, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória do sagrado: estudo de religião e ritual*, São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- BROWN, Raymond Edward. *As Igrejas dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- BURKE, Peter (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*, São Paulo: UNESP, 1992.
- CANETTE, François Dunois. *Les prêtres exorcistes: enquête et témoignages*, Paris: Robert Laffont, 1993.

- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*, Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CASALONE, Carlo. Levinas: ética e filosofia no pensamento pós-moderno, *Síntese: Revista de Filosofia*. Belo Horizonte, v. 20 (62): 341-354, 1993.
- CAVIGNAC, Julie. Vozes da tradição: reflexões preliminares sobre o tratamento do texto narrativo em antropologia. *Horizontes Antropológicos: Revista Temática*. Porto Alegre, ano 5, n.12, 245-265, dezembro, 1999.
- CÉSAR, Constança Marcondes e VERGNIÈRES, Solange. A vida feliz em Aristóteles e Ricoeur. *Revista Reflexão*. Campinas, n.77, 23-33, maio/agosto, 2000.
- CÉSAR, Constança Marcondes. A ontologia hermenêutica de Paul Ricoeur. *Revista Reflexão*. Campinas, n. 76, 11-17, janeiro/abril, 2000.
- _____. *Paul Ricoeur: ensaios*. São Paulo: Paulus, 1998.
- CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*, Lisboa: Difel, 1990.
- CONTOS das mil e uma noites. Tradução e adaptação Tiago Luciano Angelo, Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 1997.
- CORDEIRÓPOLIS: CADERNO DE MEMÓRIAS. Cordeirópolis: Prefeitura de Cordeirópolis, 1995.
- CORONA, Nestor. El concepto de Hermeneutica en Paul Ricoeur. *Fé e Filosofia: problemas del lenguaje religioso*, Buenos Aires, 1990.
- COSTA, Márcio Luis. *Lévinas: uma introdução*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800 uma cidade sitiada*, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DONDELINGER, Patrick. Le rituel des exorcismes dans le Rituale Romanum de 1614. *Revue: La Maison-Dieu*. Paris, (183-184): 99-121, 1990.

DREWERMANN, Eugen. *Psicologia del profundo e esegesi: miracolo, visione, profezia, apocalipse, storia, parabola*. Brescia: Queriniana, 1997.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FORNARI, Aníbal. *Gadamer: tradición, autoridad y razón crítica*. Santa Fé: Universidade Católica, 2000.

_____. Identidad personal, acontecimiento y alteridad desde Paul Ricoeur. *Escritos de Filosofía*. Buenos Aires, (29-30): 251-272, 1996.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*, 6^a edição, São Paulo: Perspectiva, 1999.

FREUD, Sigmund. *Cinco lições de psicanálise*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. *A história do movimento psicanalítico*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. *O futuro de uma ilusão*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. *O mal-estar da civilização*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. *Moisés e o Monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975 (Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.23).

_____. *El 'Yo' y el 'Ello'*. Obras completas, volume 3, Barcelona: Biblioteca Nueva, 1973.

_____. *Luto e Melancolia*. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro: Imago, 1987, 24 v.

_____. *Psicopatologia de la vida cotidiana*. Obras completas, volume 1, Barcelona: Biblioteca Nueva, 1973a.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GÉREST, Claude. O demônio no panorama teológico dos caçadores de bruxas. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis, (3): 304-319, 1975.

GIUSSANI, Luigi. *Educar é um risco*, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2000.

_____. *O Senso Religioso*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

HAKER, Hille. Narrativa e identidade moral na obra de Paul Ricoeur. *Concilium: Revista Internacional de Teologia*. Petrópolis, v. 2 (285):67-78, 2000.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*, São Paulo: Vértice, Editora dos Tribunais, 1990.

- HEFLINGER, José Eduardo e LEVY, Paulo Masuti. *O senador Vergueiro e a imigração européia*. Limeira: Sociedade Pró-Memória, 1999.
- HISTÓRIA de Cascalho (filme-vídeo). Produção da Paróquia de Cascalho; coord. Padre Luis C. Botteon. Cordeirópolis, 1993. 1 cassete VHS, 60 min. color.
- HOFFMANN, Annette, BUENO, José Lino e MASSIMI, Marina (orgs.). *Percorrer distâncias: um desafio para a razão humana*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2001.
- HORKHEIMER, Max. *Conceito de Iluminismo*. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- HOUDARD, Sophie. *Les sciences du diable: quatre discours sur la sorcellerie (XV - XVII siècle)*. Paris: du Cerf, 1992.
- JORGE, Moacyr. Exorcismo em Lençóis Paulista. *Notícias Populares*, São Paulo, 28 abr. 1977, p. 3.
- KASPER, Walter e LEHMANN, Karl. *Diavolo - Demoni - Possessione*. Brescia: Queriniana, 1983.
- KOLAKOWSKI, L. *O diabo*. *Religião e Sociedade* 12/2, 1985.
- LAPLANTINE, François. *Antropologia da doença*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. *Aprender etnopsiquiatria*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LAURENTIN, René. *Le démon: mythe ou réalité?* Paris: Fayard, 1995.
- LE GOFF, Jacques e NORA, P. *História: novos problema*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

- LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. 4ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. *História e memória*. 4ª edição, Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.
- LEVINAS, Emmanuel. *Da existência ao existente*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.
- _____. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- _____. *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- _____. *Le temps et l'autre*. Paris: Quadrige - Puf, 1998a.
- LEWIS, C. S. *As cartas do coisa-ruim: como um diabo velho instrui um diabo jovem sobre a arte da tentação*. São Paulo: Loyola, 1982.
- LIFSCHITZ, Daniel. *O Paraíso Perdido: a Hagadá sobre Gênesis 3*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- LIMENTANI, Giacomina. *O Midrax: como os mestres judeus liam e viviam a Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- LOMBARDO, Magda Adelaide. *Economia de Mercado e Organização do Espaço Agrário: o exemplo de Cordeirópolis*. São Paulo, 1978, 138p., Tese (Mestrado), Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- MAHFOUD, Miguel. *Folia de Reis: festa Raiz ou Experiência religiosa em comunidades da Estação Ecológica Juréia-Itatins na perspectiva da Psicologia Social Fenomenológica*. São Paulo, 1996, 242 p., Tese (Doutorado), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

MASSIMI, Marina e BROZEK, Josef (orgs.). *Historiografia da Psicologia Moderna*. São Paulo: Unimarco, Loyola, 1998.

MASSIMI, Marina e MAHFOUD, Miguel (orgs.). *Diante do Mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Loyola, 1999.

MASSIMI, Marina. *Navegadores, colonos, missionários na Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Loyola, 1997.

MELO, Hygina Bruzzi de. O rosto do outro: a morada como acolhimento em Lévinas. *Síntese: Revista de Filosofia*. Belo Horizonte, v. 26 (84): 119-126, 1999.

MERLOTTI, Vânia Beatriz Pisani. *O mito do Padre entre os descendentes italianos: a comunidade de Otávio Rocha*. Porto Alegre: Grafosul, 1979.

MINOIS, Georges. *Le diable*. Paris: PUF, 1998.

MONGIN, Olivier. *Paul Ricoeur: as fronteiras da filosofia*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. Santos, SP: Martins Fontes, 1964.

OSTERREICH, T.K. *Les possédés*. Paris: Payot, 1927.

PAIVA, José Geraldo de. Psicologia e religião na discussão atual. *Estudos de Religião: Revista Semestral de Estudos e Pesquisas em Religião*. São Paulo: Umesp, ano XIII, n. 16, 15-26, junho, 1999.

PAIVA, Márcio. Subjetividade e infinito: o declínio do cogito e a descoberta da alteridade. *Síntese: Revista de Filosofia*. Belo Horizonte, v.27 (88): 213-231, 2000.

PANTEGHINI, Giacomo. *Angeli e demoni: il ritorno dell'invisibile*. Padova: Editrice Messaggero, 1997.

PASOTTO, Mario Zocchio. *Santo Antônio de Cordeirópolis*. Campinas, 2001.

PIVA, Edgar Antônio. A questão do sujeito em Paul Ricoeur. *Síntese: Revista de Filosofia*. Belo Horizonte, v.26 (85): 205-237,1999.

PORTER, Roy. *Uma História Social da Loucura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

PRADO, Adélia. *Oráculos de Maio*. São Paulo: Siciliano, 2000.

_____. *Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

QUEIROZ, Maria Isaura de. Messias, taumaturgos e dualidade católica no Brasil. *Revista Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, (10): 83-92. Nov -1983.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do 'indizível' ao 'dizível'. In: VON SIMSON, O.M. (org). *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice/Editora da Revista dos tribunais,1988.

_____. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T A. Queiroz, 1991.

QUINTANA, Alberto M. *A Ciência da Benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

RICOEUR, Paul. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. *O si mesmo como um outro*. Campinas, SP: Papirus, 1991.

_____. *Educación y Política*. Buenos Aires: Ed. Docencia, 1984.

_____. *Historia y verdad*. Madrid: Ed. Encuentro, 1990.

_____. *Ideología e Utopía*. México: Editorial Mexicana, 1991.

_____. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

_____. La marque du passé. *Revue de Métaphysique et de Morale*, Paris, (1): 7-31. Janvier - Mars - 1998.

_____. *Las paradojas de la autoridad*. Tópicos: Revista de Filosofía de Santa Fe. Argentina, (6):7-19, 1998.

_____. *Leituras 1: Em torno ao Político*. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *Leituras 2: A região dos Filósofos*. São Paulo: Loyola, 1996a

_____. *Leituras 3: Fronteiras da Filosofia*. São Paulo: Loyola, 1996b.

_____. *O Mal: um desafio à filosofia e à Teologia*. Campinas, SP: Papirus, 1988.

RIES, Julien. *Lo Sagrado en la historia de la humanidad*. Madrid: Ediciones Encuentro, 1989.

RITUALE ROMANUM, editio prima, Roma: Augustae Taurinorum, 1880.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. Tradição, memória e pósmodernidade: implicações nos fatos religiosos. *Estudos de Religião: Revista Semestral de Estudos e Pesquisas em Religião*. São Paulo: Umesp, ano XII, n.15, 51-61, dezembro, 1998.

RIZZARDO, Redovino. *João Batista Scalabrini*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

- RODRIGUES, Núbia e CARDOSO, Carlos. A sina de curar: a palavra de um terapeuta religioso. *Horizontes Antropológicos: Revista Temática*. Porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 183-212, dezembro, 1999.
- RODRIGUES, Núbia Bento. A interface Religião-Medicina: Concepção de Doença Espiritual e Doença Material. *Revista: Alteridades*. Salvador, (1): 43-60. Outubro 94 - março 1995.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ROSENZWEIG, Franz. *L'étoile de la Rédemption*. Paris: Ed. du Seuil, 1982.
- SALVUCCI, Raul. *Cosa fare com questi diavoli?: indicazioni pastorali di un esorcista*. 6^a edição, Milano: Ancora, 1999.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. A luta da memória contra o esquecimento: reflexões sobre os trabalhos de Jacques Derrida e Walter Benjamin. *Síntese: Revista de Filosofia*. Belo Horizonte, v. 25 (82), 351-368, 1998.
- SÃO CIPRIANO, O BRUXO: SEUS FEITIÇOS, SUAS REZAS, SEUS MILAGRES APÓS ROMPER COM SATÃ, ORAÇÃO DA CAPA PRETA. 15^a edição, Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- SAYÉS, José Antônio. *El demonio: realidad o mito?* Madrid: San Pablo, 1997.
- SCALABRINI, João Batista. *A emigração italiana na América*. Porto Alegre: EST-CEPAM, 1979.

- SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- SOUZA, Wlaumir Doniseti de. *Anarquismo, Estado e pastoral do imigrante. das disputas ideológicas pelo imigrante aos limites da ordem: o Caso Idalina*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- SOVERNIGO, Giuseppe. *Rito e persona: simbolismo e celebrazione liturgica, aspetti psicologici*. Padova: Messaggero Padova, 1998.
- TANQUEREY, A.D. *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*. 4ª edição, Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1938.
- TERRIN, Aldo Natale. *O sagrado off Limits: a experiência religiosa e suas expressões*. São Paulo: Loyola, 1998.
- THOMAS, Keith. *Religião e o declínio da magia: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TODOROV, Tzvetan. *Les abus de la mémoire*. Paris: Arléa, 1992.
- TRILLAT, Etienne. *História da Histeria*. São Paulo: Escuta, 1991.
- URTUBEY, Luisa de. *Freud et le diable*. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.
- VAN DER LEEUW, Gerardus. *Fenomenologia della Religione*. Tradução Italiana, Torino: Boringhieri, 1960 (Biblioteca di Studi Etnologici e religiosi).

VAN RIET, Georges. Le problème du mal chez saint Thomas. *Revue Philosophique de Louvain*. Louvain, tome 71, 5-45, 1973.

VERGOTE, Antoine. Religion, pathologie, guérison. *Revue Théologique de Louvain*, (26):3-30, 1995.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.